

UFRRJ

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

DISSERTAÇÃO

**DAS LEITURAS DA VIDA PARA AS VIDAS NAS LEITURAS:
ORALIDADE E LETRAMENTO NO
TERREIRO DE UMBANDA**

PAULA DOS REIS MOITA

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**DAS LEITURAS DA VIDA PARA AS VIDAS NAS LEITURAS:
ORALIDADE E LETRAMENTO NO
TERREIRO DE UMBANDA**

PAULA DOS REIS MOITA

Sob a orientação da professora
Patrícia Bastos de Azevedo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Junho de 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M7151 Moita, Paula dos Reis , 1980-
Das leituras da vida para as vidas nas leituras:
Oralidade e letramento no Terreiro de Umbanda / Paula
dos Reis Moita. - Seropédica/Nova Iguaçu, 2019.
155 f.: il.

Orientadora: Patrícia Bastos de Azevedo.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2019.

1. Letramento. 2. Oralidade. 3. Umbanda. 4.
Leitura. 5. Memória. I. Azevedo, Patrícia Bastos de,
1971-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.
Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

PAULA DOS REIS MOITA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Educação** no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 27/06/2019.

A handwritten signature in blue ink, reading 'Patrícia Bastos de Azevedo'.

Patrícia Bastos de Azevedo, Dr^a. UFRRJ
Orientadora

A handwritten signature in blue ink, reading 'Ana Maria Marques dos Santos'.

Ana Maria Marques dos Santos, Dr^a. UFRRJ

A handwritten signature in blue ink, reading 'Nielson Rosa Bezerra'.

Nielson Rosa Bezerra, Dr. UERJ

Dedicatória

Dedico essas memórias em forma de pesquisa acadêmica em especial à minha filha Karoline Moita, aos meus pais Nilza Moita e Paulo Moita, ao meu grande companheiro de vidas, meu irmão Paulo Roberto JR, ao Pai Pequeno do CEJA e meu irmão de alma Ricardo Monteiro, aos Baby CEJA que chegam para perpetuar nossa Umbanda, aos filhos e filhas de santo do Centro Espírita Justiça e Amor e a todo JUCEJA: cada um de vocês é coautor nessas histórias de vidas.
#Euacreditoénarapaziada.

Agradecimentos

No caminho até mais essa conquista foram inúmeros os desafios. Sem o apoio de muitos essa realização não seria possível. Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para as escritas desse trecho de minha narrativa de vida, e em especial:

A Oxalá nosso Pai Maior, pela vida.

Ogum e Iemanjá, donos do meu ori por sempre serem mão que levanta e colo que afaga.

A Pai Joaquim D'Angola, Pai Benedito d'Angola, Vovô Rei do Congo, Pai Antonio d'Angola, Vovó Catarina d'Angola por serem luz no meu caminho e no de muitos e por idealizarem, fundarem e dirigirem esse pedaço de paraíso em forma de Terreiro de Umbanda chamado CEJA.

Às Marias de minha vida por sempre serem força, alegria, vida e estímulo de determinação, em especial a minha madrinha Maria Mulambo da Lixeira que me auxiliou até nas pequenas coisas.

Às crianças que nunca deixaram faltar a alegria nos momentos de aflição.

Aos meus pais, Nilza Moita e Paulo Roberto Moita (*in memoriam*). Se sou quem sou é por tudo que vocês me ensinaram e ensinam sobre amor, respeito, luta e coragem. Amo vocês.

À minha avó Magdalena Moita (*in memoriam*). Um dia a minha graduação era um sonho para nós, hoje já chegamos juntas no mestrado. Obrigada por lutar e nos dar essas oportunidades.

À minha filha Karoline Moita, razão de minha força, luz no meu caminho. Obrigada por toda paciência, oração e companheirismo - sei que não foi um período fácil para você também mas vencemos. E, sem você, não haveria essa vitória.

A meu irmão Paulo Moita Júnior e minha cunhada amiga Karine Moita. A existência de vocês com certeza faz a minha mais feliz.

Ao Ricardo Monteiro, irmão de alma e companheiro fiel.

Ao Edson Azeredo por todo apoio, orientação e paciência, pelas palavras apaziguadoras e de incentivo. Obrigada por acreditar.

A Juliane Oliveira e Janaína Martins, amigas irmãs e companheiras de aventuras, por todo incentivo e companheirismo e por dividirem comigo a existência do Letielle Jr, da Maria Flor e do Igor. Com certeza o caminho é mais leve e feliz na companhia de vocês.

Aos meus afilhados todos, especialmente Patrícia Clasen. Seu sorriso é luz no meio da escuridão das dificuldades.

À Luziara Novaes, filha, amiga e companheira que me mostra diariamente que é possível sonhar e realizar.

Aos meus filhos e amigos Roberto, Edgard, Felipe e Gabriel que tantas vezes passaram por cima de suas dores e dificuldades para me amparar no caminho.

À minha madrinha Rita e ao meu padrinho José Carlos, por cada oração, por tanta devoção e apoio ao meu crescimento. Vencemos mais essa!

A todos os filhos do Centro Espírita Justiça e Amor, especialmente ao JuCEJA e ao Curimba CEJA. A existência de vocês dá mais sentido à minha e multiplica as razões para que eu siga lutando e buscando.

Aos Baby CEJA que chegaram para dar mais graça a nossa família.

À Professora Dr^a Patrícia Bastos, por todo apoio, orientação e estímulo.

Aos companheiros de curso de mestrado e especialmente a Jeniffer Cabral: sua amizade foi um grande presente que esse curso me deu. Obrigado por todo apoio.

A cada um que contribuiu: são muitos nomes, alguns podem não estar citados aqui, mas com certeza estão no meu coração.

GRATIDÃO

Para chegar aqui
Atravessei um mar de fogo
Pisei no fogo, fogo não me queimou
Pisei na pedra, balanceou.
(cantiga de Umbanda, domínio público)

Resumo

MOITA, Paula dos Reis. **Das leituras da vida para as vidas nas leituras: Oralidade e letramento no Terreiro de Umbanda.** 2019. 155p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2019.

A presente pesquisa apresenta e analisa as práticas de oralidade e letramento do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor- CEJA, através das relações entre tecidas no Curimba CEJA, espaço que se constitui campo deste estudo que relaciona este *locus* como espaço que transita *da leitura da vida para a vida na leitura*. O CEJA abriga ampla diversidade de ações sociais e educacionais descritas nesta dissertação. Estas têm a finalidade de oportunizar vivências, ampliando o leque de possibilidades para o despertar de potencialidades e da assunção pelos indivíduos do processo de autoria de sua própria história e da história da sociedade. Na revisão bibliográfica comprovamos que é quase inexistente estudos que relacionem oralidade, letramento e Terreiro de Umbanda, o que ratifica a relevância desta pesquisa. Além de ser um campo de estudo pouco explorado academicamente, traz à pauta da Universidade discussões relevantes acerca das múltiplas expressões de linguagem e cultura presentes num terreiro de religião de matriz afro-brasileira, mais especificamente a Umbanda, enquanto instrumento de transmissão, transformação e reinvenção de saberes e fazeres. No que tange aos objetivos específicos, foi realizada a identificação e análise dessas práticas intrínsecas a essa natureza de espaço religioso como agentes transformadores em nível coletivo e individual. Nesse lastro, esta pesquisa traz uma abordagem auto biográfica, através de estudo de caso, sendo usadas para construir o eixo central da problematização ações com inspiração no ateliê (auto)biográfico (MOMBERGER, 2013), um conjunto de entrevistas semiestruturadas e revisão bibliográfica dos estudos do letramento e oralidade dialogando com Magda Soares e Brian Street. No campo do pensamento decolonial com Boaventura e com Pollak para tratarmos teoricamente a questão da memória, nas diversas etapas de sua construção, narrativa e análise do tripé – Letramento, oralidade, e memória. Na prática e neste intercurso acadêmico, é perceptível a força desses espaços na construção de uma sociedade mais igualitária, com base no empoderamento das minorias. O objetivo geral desta pesquisa é compreender e analisar as práticas de oralidade e letramento do CEJA na promoção de emancipação dos sujeitos implicados.

Palavras-Chave: Letramento; Oralidade; Umbanda; Leitura; Memória.

Abstract

MOITA, Paula dos Reis. **To from reading of lifes to lifes in reading: Orality and literacy of the Terreiro de Umbanda.** 2019. 155p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education/Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2019.

The present research presents and analyzes the oral and literacy practices of the Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor - CEJA, through the relationships between them woven in Curimba CEJA. Space that constitutes the field of this study that relates this locus as space of literacy and orality that transits from reading life to life in reading. The CEJA houses a wide diversity of social and educational actions described in this dissertation. These have the purpose of providing experiences, expanding the range of opportunities for the awakening of potentialities and the assumption by individuals of the process of authorship of their own history and the history of society. In the bibliographic review, we verified that there are almost no studies that relate orality, literacy and Terreiro de Umbanda, which ratifies the relevance of this research. Besides being a field of study little explored academically, brings to the agenda of the university relevant discussions about the multiple expressions of language and culture present in a terroir of religion of Afro-Brazilian matrix, more specifically Umbanda, as an instrument of transmission, transformation and reinvention of knowledge and doing. Regarding the specific objectives, the identification and analysis of these practices intrinsic to this nature of religious space as transforming agents at the collective and individual level was carried out. In this ballast, this research brings an auto-biographical approach through a case study, being used to construct the central axis of the problematization actions with inspiration in the (auto) biographical workshop (Momberger, 2013), and a set of semi-structured interviews and bibliographical review of the studies of literacy and orality dialoguing with Magda Soares and Brian Street in the field of decolonial thought with Bonaventura and with Pollak to deal theoretically with the question of memory in the various stages of its construction, narrative and analysis of the tripod – Literacy, orality and Memory. . In practice and in this academic intercourse, the strength of these spaces in the construction of a more egalitarian society, based on the empowerment of minorities, is perceptible. The general objective of this research is to understand and analyze the oral and literacy practices of the DRJA in promoting the emancipation of the subjects involved.

Keywords: Literacy; Orality; Umbanda; Reading; Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura	Página
Figura 1: Montagem de atividades culturais: à esquerda visita ao MAR, a esquerda e acima visita ao Museu do Trem, à esquerda e abaixo primeira vez do grupo junto no teatro, peça A Gota D'água. Todos os eventos são no ano de 2016. (Fonte: Acervo CEJA)	60
Figura 2: Montagem de registro da Oficina Abayomi realizada em março de 2018. (Fonte: Acervo pessoal)	61
Figura3: Montagem de registro da Oficina de Turbantes realizada em 2017. (Fonte: Acervo pessoal)	61
Figura 4: : Montagem de registro do teatro com o espetáculo Cão sem Plumas. (Fonte: Acervo pessoal)	62
Figura 5: passagem da página 16 do livro ata do CEJA de 1982 que descreve um dos processos de construção de ponto cantado como forma de homenagem aos Orixás. (Fonte: Acervo CEJA)	69
Figura 6: Continuação passagem do livro ata (página 170 do CEJA de 1982 que descreve um dos processos de construção de ponto cantado como forma de homenagem aos Orixás. (Fonte: Acervo CEJA)	69
Figura 7: Símbolo do CEJA. Ponto Riscado da casa, traz os elementos de Xangô, Oxum e Oxalá.	74
Figura 8: Diagrama das categorias de análise	105

LISTA DE TABELAS

Tabela	Página
Tabela 1 : Revisão bibliográfica.	25
Tabela 2 : Etapas das atividades inspiradas no Ateliê (auto)biográfico	99
Tabela 3 : Participantes das atividades com inspiração no Ateliê (auto)biográfico.	100

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia	Página
Fotografia 1: Ferramenta do Ponto Riscado de Seu Tranca Rua de Embaré, ano 2019. (Fonte: Acervo pessoal)	17
Fotografia 2: Retrata uma das imagens que representa o Orixá Ogum no Congar do Centro Espírita Justiça e Amor (Fonte: Acervo pessoal)	18
Fotografia 3: Tronqueira de Dona Maria Mulambo. (Fonte: Acervo pessoal)	19
Fotografia 4 : Foto de parte de comida ofertada em minha Deitada para Mãe de Santo, Ano 2008. (Fonte: Acervo pessoal)	31
Fotografia 5: Palestra sobre Racismo durante o I Terreiro de Portas Abertas, ano 2017. (Fonte: Acervo CEJA)	33
Fotografia 6: Ferramenta do Ponto Riscado de Seu Tiriri das Almas, ano 2019. (Fonte: Acervo pessoal)	35
Fotografia 7: Atabaques de Umbanda, objetos de muito significado e importância dentro do ritual religioso e do terreiro enquanto local de resistência e cultura. (Fonte: Acervo CEJA)	39
Fotografia 8: Pai Jocemar Machado incorporado com o Preto Velho Pai Antônio de Angola na Homenagem aos Pretos Velhos e Pretas Velhas no ano de 2007 (Fonte: Acervo CEJA)	44
Fotografia 9: Centro Espírita Justiça e Amor, salão principal, ano 2018. (Fonte: Acervo pessoal)	45
Fotografia 10: CEJA. À esquerda altar principal, altar dos pretos velhos e foto geral do salão principal, à direita acima fotos do quartinho de Exu, abaixo a entrada, ano 2018. (Fonte: Acervo CEJA)	46
Fotografia 11: Mãe Denise trabalhando incorporada com Vovó Catarina de Angola. (Fonte: Acervo CEJA)	47
Fotografia 12: JuCEJA na Caminhada contra Intolerância Religiosa 2017. (Fonte: Acervo CEJA)	52
Fotografia 13: Diversos momentos de aula do Sucursinho. (Fonte: Acervo CEJA)	57
Fotografia 14: Consolidação da parceria do Projeto Sucursinho com a EDUCAFRO. (Fonte: Acervo pessoal)	59
Fotografia 15: CEJA na avenida com Infantes do Lins no desfile das Escolas de Samba Mirins em 2018. (Fonte: Acervo pessoal)	63
Fotografia 16: Oficina Maracatumba no I Terreiro de Portas Abertas, ano	64

2017 (Fonte: Acervo CEJA)

Fotografia 17: Escola Ubuntu e Família CEJA no Gira Afrocentrado no III Terreiro de Portas Abertas (Fonte: Acervo CEJA)	65
Fotografia 18: Atabaques do CEJA, ano 2017 (Fonte: Acervo pessoal)	66
Fotografia 19: Foto do Congar do CEJA: Todos os Orixás, ano 2017. (Fonte: Acervo pessoal)	70
Fotografia 20: Curimba CEJA apresentando o ponto Xangô Maleie meu Pai Xangô – criado pelo grupo, no Festival de Curimba Vozes do Axé em 2017. (Fonte: Acervo Pessoal)	79
Fotografia 21: Ferramenta do Ponto Riscado de Dona Maria Mulambo das Sete Encruzilhadas, ano 2019. (Fonte: Acervo pessoal)	91
Fotografia 22: Passeata contra intolerância religiosa realizada na Cidade do Rio de Janeiro em setembro de 2017. (Fonte: Acervo pessoal)	114
Fotografia 23 III Festival de cantigas Afro Brasileiras Egbè Ayê, de julho 2018. (Fonte: Acervo pessoal)	114
Fotografia 24: II Semana do Povo Preto em Volta Redonda – RJ, em novembro de 2018. (Fonte: Acervo pessoal)	115
Fotografia 25: III Festival de cantigas Afro-Brasileiras Egbè Ayê, de julho 2018 . (Fonte: Acervo pessoal Estrada)	117
Fotografia 26: III Festival de Cantigas Afro-Brasileiras Egbè Ayê, de julho 2018. (Fonte: Acervo pessoal Faísca)	118
Fotografia 27: Desfile da Infante do Lins do ano de 2018, ala da comunidade. (Fonte: Acervo pessoal Rosinha)	120
Fotografia 28: II Semana do Povo Preto em Volta Redonda – RJ, em novembro de 2018. (Fonte: Acervo pessoal Rosinha)	120
Fotografia 29: Miguelzinho e sua mãe na porta do CEJA no ano de 2000. (Fonte: Acervo pessoal Miguelzinho)	121
Fotografia 30: III Festival de cantigas Afro-Brasileiras Egbè Ayê, de julho 2018. (Fonte: Acervo pessoal Miguelzinho)	122

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SIGLA	Página
CEJA: Centro Espírita Justiça e Amor	19
JuCEJA: Juventude Centro Espírita Justiça e Amor	51
ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio	57
ENCEJA: Exame Nacional de Certificação de Jovens e Adultos	58

SUMÁRIO

1.	PEDINDO LICENÇA PARA ABRIR OS TRABALHOS SAÚDO OS DONOS DOS MEUS CAMINHOS: PATACORI OGUM IÊ! SALVE DONA MARIA MULAMBO DAS SETE ENCRUZILHADAS! SALVE SEU TRANCA RUAS!	18
1.1	Eu andava pela rua, encontrei seu Tranca Ruas, que me ensinou a caminhar...	21
1.2	Quando passar na Encruzilhada, só não se esqueça de olhar para trás..	25
1.3	Muito prazer: mulher, professora e pesquisadora	28
1.3.1	Umbandista, Mãe de Santo	30
2.	REFLETIU A LUZ DIVINA, COM TODO SEU ESPLENDOR	36
2.1	Umbanda: quem és?	36
2.2	Centro Espírita Justiça e Amor: Um terreiro de portas abertas	41
2.3	JUCEJA	51
2.4	Sucursinho	54
2.5	Atividades Culturais	59
2.6	Terreiro de Portas Abertas	63
2.7	Curimba CEJA	66
3.	CAMINHOS QUE A UMBANDA NOS CONDUZ: ORALIDADE E LETRAMENTO NO TERREIRO DE UMBANDA	75
3.1	Oralidade: palavra falada, energia criadora	75
3.2	Letramento: Algumas considerações	81
3.3	Leitura, Linguagem, Letramentos no Terreiro de Umbanda: Da leitura da vida para vida na leitura	86
4.	VOCÊ ME DEVOLVEU A MINHA FÉ, É NESSE MUNDO DE ILUSÃO, VOCÊ SEMPRE ME ESTENDEU A SUA MÃO...	92
4.1	Ateliê biográfico e pesquisa biográfica	92
4.2	O sagrado no Terreiro de Umbanda: Lugar de vida, histórias de vidas,	93

oralidade e letramento.	
4.3 Autobiografia com Curimba CEJA: caminhando pelas trilhas da história de vida	96
4.4 Memórias compartilhadas: o toque do tambor que encanta e transforma	112
Considerações finais:	126
Referências Bibliográficas	131
Anexos:	
Anexo A: Livro de pontos compostos pela casa	135
Anexo B: Transcrição de entrevista	147
Apêndices:	
Apêndice A: Orixás da Umbanda: Informações complementares a citações da dissertação	151
Apêndice B: Entidades e falanges da Umbanda: Informações complementares a citações da dissertação	152
Apêndice C: Pontos que dão título a capítulos e sessões da dissertação na íntegra	154



Fotografia 1: Ferramenta do Ponto Riscado de Seu Tranca Rua de Embaré (Fonte: Acervo pessoal) ano 2019

**PEDINDO LICENÇA PARA ABRIR OS TRABALHOS SAÚDO OS
DONOS DOS MEUS CAMINHOS: PATACORI OGUM IÊ!1 SALVE
DONA MARIA MULAMBO DAS SETE ENCRUZILHADAS!2
SALVE SEU TRANCA RUAS!**

Ponto cantado:³ *Nosso Pai Mais Forte*
Autores: Léo Tarjano / Ricardo Germano

Ele é nosso Pai mais forte
E guerreiro de Oxalá
Ele vem de Aruanda
Vem cortar demanda
E nos ajudar
Montado em seu cavalo (Ogum)
Com sua espada abre caminho
Ogum Iê, São Jorge
Minha fé é forte
Não estou sozinho
Asiwaju
Orixá desbravador
Ele é meu general
Me livra de todo mal
Valente aqui estou



Fotografia 2: Retrata uma das imagens que representa o Orixá Ogum no Congar⁴ do Centro Espírita Justiça e Amor (Fonte: Acervo pessoal)

1 Saudação ao Orixá Ogum, senhor dos caminhos e vencedor de demandas segundo a crença dos seguidores de Umbanda e Candomblé.

2 Entidade de Umbanda que trabalha na linha de Exu e Pombo gira. Minha mentora espiritual.

3 Ponto cantado é uma força de saudação, evocação e louvação e entidades e orixás.

Ponto cantado: *Eu Rezo e Peço Por Essa Mulher*

Autor: Igor Melo



Meu caminho está livre
Não tenho nada a temer
Porque Maria Mulambo
Vai me proteger
Cada passo que eu dou
Ela vem me olhar
Cada caminho que eu peço
Ela vem me ajudar
Eu rezo e peço por essa mulher
Que na rua trabalha com fé
Maria Mulambo das Sete Encruzilhadas
Abra meu caminho com sua gargalhada
Trabalha noite, trabalha dia
Vamos saudar essa Pombogira

Fotografia 3: Tronqueira⁵ de Dona Maria
Mulambo (Fonte: Acervo pessoal)

Ogum é o orixá⁶ que na Umbanda representa a abertura de caminhos, a luta e a vitória sobre as demandas e obstáculos da vida. Exu e Pomba Gira, também conhecidos como povo de rua, trazem igualmente a conotação de caminho, vida e determinação. Nos terreiros de Umbanda, é parte da ritualística consagrar suas porteiras a essas divindades, pedindo força, proteção e caminhos abertos. No caso do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor - CEJA, campo da presente pesquisa, Ogum é também o Orixá da casa⁷ em conjunto com Iemanjá⁸.

Ao iniciar a apresentação desta dissertação não poderia deixar de saudá-los e pedir licença e proteção para adentrar esse espaço sagrado em busca de desbravar esse

4 Altar

5 Tronqueira, também conhecido como porteira. é um ponto de força ritualístico localizado na entrada dos terreiros característico das religiões de matriz Africana e Afro-brasileira, geralmente consagrada a Exu e/ou Pombo gira. Quando se entra no terreiro é o primeiro lugar em que se pede licença.

6 Orixás são divindades sagradas que personificam e comandam as forças da natureza.

7 As casas de Umbanda em geral são regidas por um determinado Orixá, normalmente ligados a coroa do Pai ou Mãe de santo. No caso do CEJA os Orixás da casa são Ogum e Iemanjá.

8 Orixá que reina sobre as águas salgadas e sobre o mar. Considerada mãe de todos.

locus como espaço de letramento e oralidade que transita da leitura da vida para a vida na leitura.

Os pontos⁹ ‘Nosso Pai Mais Forte’ e ‘Eu Rezo e Peço Por Essa Mulher’ utilizados no início desta introdução são denominados no culto de Umbanda como pontos cantados. Abrem essa dissertação materializando muito da análise e resultados obtidos ao longo da pesquisa, pois nascem no seio do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor - (CEJA) dentro de um espaço denominado Curimba CEJA¹⁰. O CEJA é um Terreiro de Umbanda situado no bairro Abolição, na zona norte da Cidade do Rio de Janeiro.

O Curimba CEJA, objeto de investigação desta pesquisa, foi utilizado como recorte temático para identificar, analisar e discutir as práticas de oralidade e letramento existentes no Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, fato que será aprofundado na presente dissertação.

Ao longo do primeiro capítulo desta dissertação, foi realizada uma descrição densa do campo possibilitando ao leitor uma melhor visualização e entendimento dessa realidade em suas múltiplas possibilidades. A dissertação dialoga com os estudos do letramento e oralidade principalmente com Magda Soares e Brian Street; no campo do pensamento decolonial com Boaventura; e com Pollak para tratarmos teoricamente a questão da memória, nas diversas etapas de sua construção, narrativa e análise do tripé – letramento e oralidade, espaços de formação e memória.

Cada capítulo ou seção será aberto com a imagem de um ponto riscado¹¹ e um fragmento de ponto cantado que constituem esse campo rico em produção de sentidos através de múltiplas formas de linguagem e letramento. Os pontos cantados utilizados para títulos das seções serão disponibilizados na íntegra nos apêndices ao fim desta dissertação.

Na abertura desta introdução é apresentada a fotografia da ferramenta do ponto riscado de Seu Tranca Rua de Embaré, ele que, segundo os adeptos da Umbanda, guarda e abre os caminhos, vem abrindo nossos trabalhos nesta dissertação junto com os

9 Pontos cantados são formas de chamar, evocar as entidades e orixás na Umbanda, será mais amplamente definido no decorrer da dissertação.

10 Espaço que contém uma série de especificidades e características ligada ao canto e ao toque dos pontos cantados. Serão tratados no transcorrer da dissertação o sentidos e usos da expressão Curimba, tão importante e repleta de sentidos.

11 Ponto riscado é uma forma de identificação das entidades e orixás e também uma forma de manipulação/condução energética características das religiões de matriz afro-brasileiras.

pontos cantados de Dona Maria Mulambo e Ogum. Apresentando o primeiro e terceiro capítulo temos respectivamente as fotografias das ferramentas dos pontos riscados de Seu Tiriri das Almas e Dona Maria Mulambo das Sete Encruzilhadas, também entidades dirigentes da casa na linha de Exu. As três ferramentas fazem parte dos altares do quartinho de Exu do CEJA. O segundo capítulo é aberto pelo ponto riscado e símbolo do CEJA: a balança representa o orixá Xangô, o coração o orixá Oxum e a pomba branca Oxalá, orixá amor na Umbanda. As relações dessas entidades e orixás com o CEJA e sua história será mais profundamente abordada através de descrição densa ao longo do primeiro capítulo.

O segundo capítulo debate e apresenta os conceitos de letramento e oralidade que suleam¹² esta dissertação e promove um debate a respeito do pertencimento destes no cotidiano do Terreiro de Umbanda CEJA, mais especificamente no espaço do Curimba CEJA.

O terceiro capítulo narra e debate o processo de construção e realização das atividades inspiradas no ateliê (auto)biográfico e de toda produção de indícios; apresenta e debate as categorias de análise através das histórias de vida e das narrativas de si coletadas ao longo do processo de construção desta dissertação.

1.1-Eu andava pela rua, encontrei seu Tranca Ruas, que me ensinou a caminhar...

A pesquisa aqui apresentada teve por objetivo geral apresentar e analisar as práticas de oralidade e letramento do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor e por objetivos específicos:

1. Identificar as práticas de oralidade e letramento próprias deste espaço religioso;
2. Categorizar as práticas de oralidade e letramento específicas deste espaço religioso;
3. Estabelecer a relação entre a oralidade e o letramento promovido através do Curimba CEJA e seu diálogo com as práticas de outros espaços de vida dos sujeitos implicados;
4. Biografar o processo de oralidade e letramento dos participantes do Curimba CEJA através da produção de indícios inspirada no (auto)Ateliê Biográfico.

A presente dissertação traz uma abordagem (auto)biográfica, inspirada no ateliê (auto)biográfico (DELORY-MOMBERGER, 2006). Complementamos a

¹² Expressão utilizada numa perspectiva decolonial

produção de indícios com entrevista semiestruturada, observação participante, e revisão bibliográfica.

Uma das questões centrais da pesquisa (auto)biográfica é a investigação da constituição individual e da narrativa de si. Esta questão convoca a reflexão de inúmeras outras no que tange a complexidade de relações entre os indivíduos e suas inscrições sejam elas históricas, culturais, linguísticas, sociais, entre outros aspectos.

Para elucidar essa complexidade, apoiamos em Geertz (2008) e sua teoria interpretativa das culturas, destacando a importância da descrição densa na construção do campo de pesquisa. O autor em sua obra afirma que “Cultura” é formada por teias de significados tecidas pelo homem. Significados estes que os homens dão as suas ações e a si mesmos.

As relações entre os sujeitos implicados na pesquisa em curso, o letramento e oralidade no Terreiro de Umbanda dentro do espaço do Curimba CEJA¹³ e a teia de significados presentes nessas interações são analisadas a partir dos indícios produzidos no ateliê (auto)biográfico, as entrevistas e a observação participante.

A produção do campo de pesquisa através da descrição densa e de atividades com inspiração no ateliê (auto)biográfico tem como uma de suas maiores riquezas basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. Assim como um espaço de formação coletiva. Nesse sentido, o Curimba CEJA promove a formação na fé e para a vida

Como objeto de estudo, ao abordarmos as práticas educacionais, culturais e sociais dentro do cotidiano do Curimba CEJA no Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor e suas implicações no letramento, na formação do sujeito, e no processo de emancipação dos indivíduos, procurou-se, através da pesquisa autobiográfica compreender melhor a realidade vivenciada no cotidiano neste *locus* pouco privilegiado pela sociedade enquanto produtor de saberes e promotor de transformação nos indivíduos e na sociedade.

Quais são as práticas de oralidade e letramentos do Centro Espírita Justiça e Amor? Oralidade e letramento tem impacto social sobre a vida das pessoas? Qual o papel dos processos de oralidade e letramento em espaços religiosos afro-brasileiros?

¹³ Curimba CEJA é um espaço de estudo e criação dos pontos cantados e dos ritmos e é apresentado ao longo deste capítulo na seção 2.7

Foram alguns dos questionamentos utilizados como disparadores ao longo do processo de investigação.

A pesquisa em foco neste trabalho foi motivada pelas observações realizadas durante as diversas atividades cotidianas do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, as quais englobam aspectos religiosos, culturais, sociais e educacionais. Estas foram correlacionadas com a pesquisa acadêmica constituída ao longo do meu curso de graduação em Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia, cujo objeto de estudo sempre permeou aspectos diferentes do letramento e alfabetização, dentro de uma visão de desenvolvimento pleno dos indivíduos.

O mestrado aprofundou as questões e me municiou para o enfrentamento das questões que estou apresentando nesta dissertação e que me inquietam na vida.

Neste momento de escrita e de fazer o que investigo torna-se inteligível ao outro, o ateliê (auto)biográfico me faz pensar na memória e na escrita de si como um lugar não apenas de investigação, mas de produção deste coletivo e de encontro partilhado, marca profunda e relevante na Umbanda, concepção narrada por Bosi(2001) a seguir,

Deixamos de ser, por um momento, os visionários da cidade antiga que só existia em nós, e que, de repente, ganha a sanção de uma testemunha: para ser uma lembrança coletiva, portanto uma realidade social. O mapa de nossa infância sofre contínuos retoques à medida que nos abrimos para outros depoimentos (BOSI, 2001, p. 413).

Neste sentido, a memória compartilhada no ateliê nos faz compreender não apenas o vivido individualmente, mas o significado por um coletivo, isto é, uma memória social que constitui e forma esse grupo.

O ateliê (auto)biográfico foi constituído por nove coautores de diferentes gêneros, etnias, idades e origens sociais, que participam das atividades religiosas, culturais e sociais do Curimba CEJA.

Os participantes do ateliê (auto)biográfico são assim denominados coautores, pois tratamos aqui de narrativa de vidas que se entrelaçam na constituição de si, do outro e de sentidos outros, oportunizando vivências de letramentos.

Os participantes do ateliê (auto)biográfico foram escolhidos segundos as seguintes características:

1. Pessoas que chegaram à casa em busca de questões religiosas;
2. Membros da casa que têm uma forte marca da exclusão social e se encontram excluídos ou à margem do sistema educacional;

3. Sujeitos que participam do Curimba CEJA;
4. Desejo de participar da pesquisa e partilhar as narrativas de si.

O ateliê (auto)biográfico buscou as seguintes questões como propulsoras e suleadoras da investigação das histórias de vida:

1. Compreensão dos processos de oralidade e letramento;
2. Como os processos de oralidade e do Curimba CEJA se relacionam com o mundo da vida;
3. Como os sujeitos do Curimba CEJA biografam suas experiências de oralidade e letramento.

O ateliê (auto)bibliográfico, segundo Momberger (2013), é um procedimento que inscreve a história de vida em uma perspectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito, objetivando emergir o projeto pessoal do indivíduo, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si.

Através dos atos de escritura de si (autobiografia) e pela compreensão do outro (heterobiografia) as histórias de vida individuais são o objeto de um trabalho de exploração, socialização e investigação do indivíduo enquanto ser social singular.

Enriquecendo os aspectos citados acima recorreremos a Momberger (2013), que a respeito do projeto epistemológico da pesquisa biográfica afirma:

O objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência. E, conjuntamente, como os indivíduos – pelas linguagens culturais e sociais que atualizam nas operações de biografização – contribuem para dar existência, para reproduzir e produzir a realidade social (“linguagens” tem aqui um sentido muito amplo: *códigos, repertórios, figuras* de discurso; *esquemas, scripts* de ação etc.) (MOMBERGER, 2013, p. 17).

O ateliê (auto)biográfico foi realizado no período entre agosto e dezembro de 2018. A descrição mais densa e abrangente de sua constituição será realizada no terceiro capítulo por meio da análise das relações, narrativas de si, histórias de vidas e memórias construídas ao longo das atividades.

1.2 Quando passar na Encruzilhada, só não se esqueça de olhar para trás...

Nos últimos anos, no Brasil e em outros países, tem-se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

A revisão bibliográfica versa por caminhos similares na busca relacionar o que está sendo discutido, e como está sendo tratado pela academia dentro do tema da pesquisa em construção.

A presente pesquisa tem como objeto de análise da oralidade e do letramento no Terreiro de Umbanda. A análise da revisão bibliográfica foi recortada dentro dos últimos dez anos de produções e delimitou como grande área a Educação.

Para levantamento da revisão bibliográfica preliminar deste percurso acadêmico, foram utilizadas como parâmetros de pesquisa as palavras-chave destacadas no quadro abaixo, obtendo-se os seguintes resultados, conforme tabela 1 a seguir:

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA			
Palavras-Chave	Bancos Consultados/quantidades (período pesquisado: últimos dez anos)		
	CAPEs	SciELO	Google Acadêmico
Letramento Inclusão social	Mestrado 84645 Doutorado: 27761	9	16400 aproximadamente
Letramento Religião	Mestrado 888 Doutorado: 251	1	15500 aproximadamente
Educação Religião	Mestrado 26167 Doutorado 8263	123	24200 resultados
Letramento Umbanda	Mestrado 1236 Doutorado: 373	Zero	1190 resultados
Educação Umbanda	Mestrado 6495 Doutorado: 2065	2	8900 aproximadamente
Umbanda	Mestrado 178 Doutorado: 58	44	14200 resultados

Analisando as informações levantadas durante a investigação da revisão bibliográfica, foi possível constatar que o resultado da busca pelas palavras-chave “Letramento” e sua relação (ou não) com a inclusão social deixa evidente que estes são temas bastante discutidos, não só na Educação, mas nas diversas áreas de concentração e pesquisa. Entretanto, a relação letramento, alfabetização, inclusão social e Umbanda não foi objeto de análise das teses e dissertações em nenhum dos bancos pesquisados.

Nas teses e dissertações localizadas nesta revisão bibliográfica não foi possível localizar relação direta “Umbanda” e “letramento” nas pesquisas em qualquer dos bancos de teses e publicações consultados. A maioria absoluta dos resultados encontrados foi destacada na busca devido ao parâmetro de busca “letramento”, sem no entanto estabelecer relação entre este e a Umbanda.

A tese que relacionava “religiosidade” e “letramento” se dispõe a analisar as relações de letramento religioso e cultura escrita em fatos históricos associados a figuras femininas ícones do Catolicismo, sem referências à Umbanda.

A dissertação de Marta Ferreira (2015) - *Ìtàn - oralidades e escritas: um estudo de caso sobre cadernos de hunkó e outras escritas no Ìlè Aṣé Omi Larè Ìyá Sagbá*, relaciona oralidade e escrita, mas não tangencia as questões do letramento.

Alguns trabalhos destacados nessa busca interligavam “religião” e “letramento” diretamente, numa análise de letramento religioso e suas relações de poder dentro de questões históricas ligadas a prática do catolicismo.

Ao buscar pelas palavras-chave “educação” e “religião”, foram exibidos no banco da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) milhares de resultados, e pouco mais de uma centena no Scientific Electronic Library Online (SciELO) entretanto nenhum relacionava “religião”, “educação” e “letramento”.

A maioria das análises relacionam diversos aspectos (gênero, música, diversidade) com as relações/implicações das religiões neopentecostais¹⁴ e católicas no aspecto do universo educacional em seus diversos recortes. Não encontramos a relação Umbanda e educação nos estudos listados nos parâmetros e espaços que investigamos.

Dentro da busca por Umbanda e letramento no acervo do Google Acadêmico não foi possível localizar nenhuma pesquisa relacionando a “Umbanda” e “letramento”. Neste banco de publicações consta somente uma citação de letramento jurídico

14 O Neopentecostalismo ou Terceira Onda do Pentecostalismo é uma vertente do evangelismo, conglomerando igrejas do movimento de Renovação Cristã. Fora do Brasil, essas igrejas são chamadas também de carismáticas, aqui esse termo é reservado a um movimento da Igreja Católica.

relacionando a Umbanda que surge dentro de um processo de um caso de intolerância religiosa, o qual não realiza nenhuma referência a questões educacionais.

A busca traz ainda um artigo relacionando Umbanda e educação, o qual trata de ações educacionais num Terreiro de Umbanda, sem, no entanto, abordar questões de letramento e alfabetização.

Assim como no parâmetro “letramento/Umbanda”, o grande número de trabalhos localizados quando se busca por “educação e Umbanda” estão ligados a palavra “educação”, surgem algumas discussões sobre a relação Umbanda e educação, entretanto nenhuma delas se debruça sobre as questões de letramento e alfabetização nos terreiros.

O estudo de Silva (2013), intitulado “Sabores da casa, sabedorias de terreiros: práticas educativas e construção de saberes em um Terreiro de Umbanda de Teresina – Piauí”, surge na construção da revisão bibliográfica e cita o Terreiro de Umbanda como espaço de construção de cidadania participativa, mas também não estabelece relação deste espaço com o letramento.

Ainda em Silva (2013), debate-se a relação da Umbanda e educação ao dialogar, em seus textos, questões teórico-metodológicas e apresenta os resultados do estudo; mostrando que na Umbanda todos os elementos que a compõem, bem como as atividades desenvolvidas pelos seguidores são fontes de aprendizagem no tocante à disciplina, à responsabilidade, ao compromisso, ao respeito para com os seres humanos e a natureza. Particularmente, enfatiza a solidariedade, as vivências de colaboração, continuidade da resistência histórica, a consolidação da cidadania e o saber ouvir-escutar; espiritualidade ativa, prática e participativa. O trabalho questiona como as aprendizagens da Umbanda são tão importantes quanto o ensino-aprendizagem escolar: dois instrumentos sociais voltados à construção de uma cidadania participativa.

Na tese de Sociologia Social de título “Quando o SANTO chama: O Terreiro de Umbanda como contexto de aprendizagem na prática”, de Bergo (2011), são discutidas situações de aprendizagem participativa no cotidiano do Terreiro de Umbanda, mas especificamente em uma casa de Belo Horizonte, mas também não são estabelecidas relações entre esse espaço e letramento de forma mais direta.

Existe um número um pouco maior de teses e dissertações que aborda a Umbanda e/ou aspectos pertencentes a ela em outras grandes áreas como Ciência da Religião, Psicologia, Arte, por exemplo. Entretanto, nenhum deles estabelece qualquer relação entre letramento, oralidade e Umbanda.

A presente revisão bibliográfica aponta que ainda não existem estudos que relacionem diretamente oralidade, letramento e Terreiro de Umbanda e ratifica a relevância da pesquisa que defendemos nessa dissertação. Além de ser um campo de estudo com alto grau de ineditismo, traz à pauta da academia discussões relevantes acerca das múltiplas expressões de linguagem e cultura presentes no terreiro de religião de matriz afro-brasileira, mais especificamente a Umbanda, enquanto instrumento de transmissão, transformação e reinvenção de cultura, saberes e fazeres. Percebe-se, então, a força desses espaços na construção de uma sociedade igualitária, com base equidade de direitos.

1.3- Muito prazer: professora e pesquisadora

Roda a saia Maria
Roda e torna rodar
Sua saia de retalho
Tem história para contar
(Fragmento de ponto de Maria Mulambo)

Mulher, umbandista, carioca, professora, mãe - são muitos os traços identitários e lugares de fala.

Apaixonada pela Educação e por simplesmente conhecer coisas, pessoas e lugares novos. Encontro no Curso de Mestrado mais do que possibilidades acadêmicas e profissionais: encontro realização pessoal. Para singrar essa busca e ambição, encontro e encontrei algumas dificuldades neste caminhar como Professora Regente do Primeiro Segmento da Educação Básica da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Mesmo tendo garantido por lei o direito de formação continuada em serviço para estudar e, conseqüentemente, melhorar minha prática em sala de aula, estou enfrentando perseguições, preconceitos e engessamentos burocráticos para que esse desejo e sonho se torne materialidade e vida.

Ocupar os espaços de formação, dentro e fora da academia, no contexto de busca por uma educação como prática de liberdade¹⁵ e pela qualidade na ensino em seus diversos níveis, torna-se fundamental para a concretização de uma educação pautada no processo de autoria dos indivíduos e é uma das ambições que tenho neste trabalho.

15 FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999

O espaço e investimento para que esta busca se amplie e concretize deve ser pauta primordial de docentes e discentes em nossas lutas diárias por uma educação emancipadora, plural e de qualidade para que se consolide, como nos diz Freire (1998):

Uma educação que porque ensina reflete, porque reflete politiza e porque politiza insere a pessoa no mundo e em suas circunstâncias, não apenas para que viva na mesma, mas, sobretudo para que construa e transforme. (FREIRE, 1998, p.32).

A formação do professor, quando não reflete sobre o homem situado no seu tempo histórico e suas relações com o mundo, também não possibilita este se perceber na sua condição histórica de construtor do seu caminhar, inibindo a sua tomada de consciência de sua presença atuante e transformadora no mundo.

Damo (2011), a respeito da conscientização, afirma que:

É uma categoria freireana que evidencia o processo de formação de uma consciência crítica em relação aos fenômenos da realidade objetiva. Nesse sentido a transformação social passa necessariamente pelo desenvolvimento coletivo de uma consciência crítica sobre o real, e, portanto, pela superação das formas de consciência ingênua. (DAMO, 2011, p. 1)

Ao longo desse caminho em busca de conscientização os sujeitos, tendo destaque aqui os educadores, estes se percebiam, parafraseando Freire no mundo e com o mundo, havendo a possibilidade de que, na transformação do mundo, transformem a si mesmos.

A conscientização do educador, segundo Freire, é um dos alicerces que combate a prática pautada numa educação a qual ele denominada bancária. A educação bancária, segundo o mesmo autor, é aquela na qual o aluno é concebido como um ser “vazio” onde o educador “deposita” conhecimentos que o discente precisa memorizar. Nas palavras de Freire (2011), em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.

A busca pela compreensão e formação do ser humano em suas múltiplas potencialidades para que possa assumir-se na condição de sujeito histórico ativo e comprometido com a superação das contradições do seu tempo histórico, torna-se um grande desafio para a educação, pois os espaços de formação continuada docente embora determinados e garantidos por lei, a morosidade nos processos administrativos de afastamento e a situações que beiram a humilhação no seio da escola são a triste

realidade do regente que busca, mesmo que por meios próprios, investir na qualidade e crescimento de sua práxis.

Minha militância neste campo tem se concretizado pela resistência expressa na continuidade do Curso de Mestrado e nas atividades de pesquisa, apesar de todas as investidas do sistema em inviabilizar a ocupação desses espaços, principalmente para os professores da educação básica.

Ao longo de minha constituição como docente e pesquisadora, a investigação a respeito de alfabetização e letramento sempre teve destaque enquanto objeto de pesquisa acadêmica e prática docente. Analisar e comprovar que a leitura vai muito além das palavras sempre foi objeto de fascinação pessoal.

Dessa inquietação surge inicialmente o trabalho “Do texto ao contexto: ler e escrever com prazer”¹⁶, materializado no trabalho de conclusão de curso da graduação. Seu objetivo era investigar as dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita, procurando ainda delimitar ações favoráveis à promoção do desenvolvimento cognitivo global do educando.

A presente pesquisa surge a partir da interseção desse trabalho com a observação da rotina e estrutura das relações interpessoais tecidas durante as diversas ações de educação formal não escolar efetivadas no cotidiano do Terreiro de Umbanda CEJA¹⁷.

1.3.1 Umbandista e Mãe de santo

“Se vocês querem saber quem eu sou
Eu sou a tal mineira
Filha de Angola, de Ketu e Nagô
Não sou de brincadeira
Canto pelos sete cantos
Não temo quebrantos
Porque eu sou guerreira
Dentro do samba eu nasci,
Me criei, me converti
E ninguém vai tombar a minha bandeira”
(Paulo Cesar Pinheiro e João Nogueira)

16 MOITA, Paula. 2010.

17 Centro Espírita Justiça e Amor é o nome de uma instituição de práticas religiosas ligadas a Umbanda

A pesquisa aqui retratada une dois espaços que compõem e constituem minha identidade de forma extremamente significativa: minha fé e minha profissão, ambas paixões em minha vida.

Ao longo de minha constituição como docente e pesquisadora, analisar e comprovar que a leitura vai muito além das palavras sempre foi objeto de fascinação pessoal, refletido, inclusive, em trabalhos e publicações anteriores.

Praticante da Umbanda há quase três décadas, meu encontro com a Umbanda aconteceu em 1993, por meio de meus pais, e pelas mãos de Vovó Cambinda, Preta Velha¹⁸ da Umbanda que me acolheu e despertou o amor por todo sagrado que ancestralidade traz. Desde então, vivo e pratico os ritos e preceitos da Umbanda, cotidianamente, em todos os espaços de minha vida.

Fui consagrada Zeladora Espiritual¹⁹ há aproximadamente dez anos, em 2008, devido à necessidade de dar continuidade aos trabalhos e atendimentos de nossa casa por ocasião do desencarne²⁰ do meu Pai de Santo²¹ Jocemar Machado, no Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor.

Abaixo, imagem que registra em parte o ritual da Deitada²² de consagração de médium à Mãe de Santo, realizado em agosto de 2008, momento significativo dentro da minha relação com o sagrado, na minha constituição e do meu campo de pesquisa.



Fotografia 4 :Foto de parte de comida ofertada em minha Deitada para Mãe de Santo (Fonte: Acervo pessoal), ano 2008

18 Espírito que se manifesta nos terreiros de Umbanda e remete a figura, luta, busca por libertação e história de resistência e do povo negro

19 Uma das denominações dada a sacerdotisa chefe de um Terreiro de Umbanda. Também conhecida como Mãe de santo, Dirigente Espiritual, Mãe

20 Momento de desprendimento do espírito do invólucro carnal. Morte.

21 Mesmo sentido de Mãe de Santo mas em referência ao homem. São sinônimos Zelador Espiritual, Babalorixá.

22 Deitada é um ritual de fortalecimento realizado na Umbanda, ao longo do texto será abordado com mais detalhes

Deitada, também conhecido como retiro espiritual ou camarinha, é um ritual da Umbanda necessário para fortalecimento espiritual e energético do filho em vários momentos de sua caminhada dentro da vida e da religião. É realizada em diversas intenções, para cura do corpo físico, equilíbrio espiritual, e para consagração de cargos ou funções de direção nos trabalhos do Terreiro de Umbanda.

Atualmente, como Mãe de Santo do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, sou responsável pela condução das múltiplas atividades da casa, a qual é campo desta pesquisa que busca relacionar oralidade e letramento no CEJA.

As atividades dentro do cotidiano do Terreiro de Umbanda CEJA são bem diversificadas. Vão desde as questões ritualísticas da religião aos projetos educacionais e sociais que a casa realiza. Minha responsabilidade como dirigente espiritual do local é zelar pelo planejamento, realização e concretização de cada uma das ações deliberadas pela egrégora espiritual dirigente do CEJA.

Egrégora espiritual é a denominação dada ao grupo de espíritos que conduzem do plano espiritual os trabalhos de um Terreiro de Umbanda. A comunicação desses espíritos acontece através dos médiuns que trabalham na casa. Médiun é o indivíduo dotado da capacidade de comunicação entre os planos físico e espiritual. Essa comunicação pode se manifestar diversas formas: incorporação, vidência, psicofonia, psicografia, intuição, entre outros²³.

O trabalho dentro de um Terreiro de Umbanda não tem a conotação capitalista de atividade profissional regular, remunerada ou assalariada. A concepção de trabalho na Umbanda passa por estar a serviço enquanto espaço de aprimoramento espiritual individual e coletivo, dentro de uma visão evolucionista²⁴ guiada pelos ideais de amor e caridade que serão descritos mais minuciosamente ao apresentarmos um pouco da Umbanda mais adiante no texto.

Dentro do Terreiro de Umbanda, assim como em outros espaços de matriz afro-brasileira, observa-se uma forte influência em sua organização/constituição do conceito de família extensa ou família ampliada. Tal conceito tem suas origens na

23 Para conhecer mais leia O livro dos médiuns / Allan Kardec; Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

24 Nascer, morrer, renascer ainda, procurando e progredir sempre, tal é a visão evolucionista dentro da Umbanda.

organização das sociedades tradicionais africanas, que conduz à percepção de que toda individualidade pertence a um todo. Nossa família vai além dos laços sanguíneos, passa pelos laços culturais, ancestrais e espirituais da comunidade à qual pertencemos.

Num Terreiro de Umbanda, seus participantes se referem uns aos outros como irmãos de santo ou irmãos no santo, e são orientados, conduzidos e zelados por uma mãe e/ou um pai de santo, expressando mais uma vez o ideal de família extensa ou alargada. A ideia de família alargada, dentro do Terreiro de Umbanda, constitui a base de cada cooperação e comprometimento social. A imagem abaixo remete a um desses momentos, a primeira edição do evento Terreiro de Portas Abertas²⁵ em que fomos presenteados com a oportunidade de debater Racismo em companhia da Professora Doutora Mônica Sacramento.²⁶



Fotografia 5: Palestra sobre Racismo durante o I Terreiro de Portas Abertas ano 2017 (Fonte: Acervo do CEJA)

25 Terreiro de Portas Abertas é uma das atividades desenvolvidas no Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor e será descrita no decorrer da pesquisa.

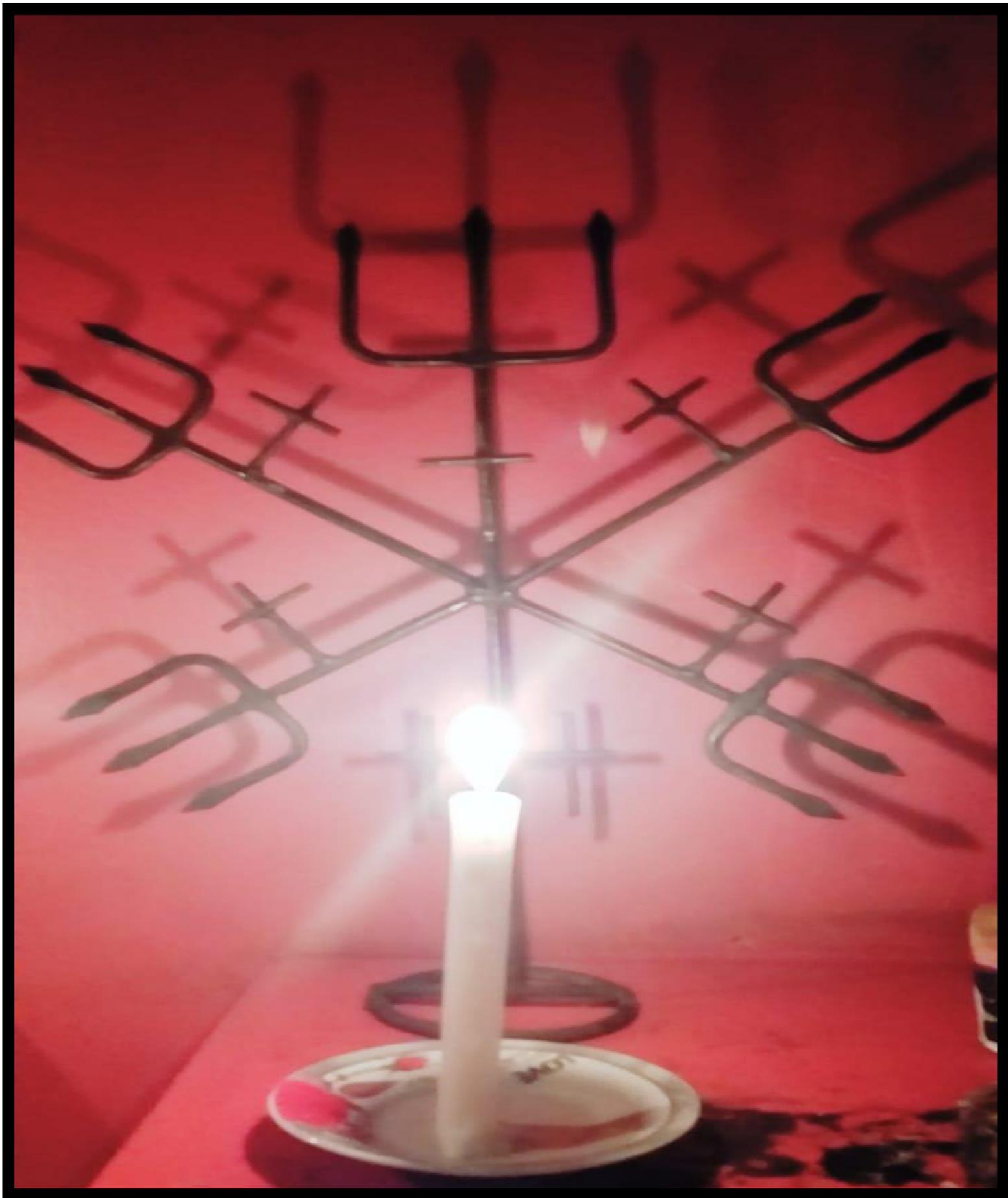
26 Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001), tem mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2005, 2012). Com atuação em distintos níveis de ensino, atualmente, presta consultoria na área de currículo, formação/qualificação de educadores/as sociais, ERER (Educação para as Relações Étnico-Raciais) e metodologias de projetos sociais- governamentais e não governamentais. Link para o Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/9291688770295883>

Questões pertinentes ao conceito de família alargada são vivenciadas intensamente em muitos espaços do cotidiano da casa, mas destaco nesse momento essa presença nas divisões de trabalho (entende-se trabalho aqui como distribuição de tarefas necessárias a organização e bom andamento das atividades de qualquer comunidade, no caso presente, do Terreiro de Umbanda).

Nesse aspecto, a questão da coletividade, pertencimento ao todo que é a casa, identidade (individual e coletiva), consciência e respeito mútuo às diferenças e desenvolvimento das potencialidades vai sendo vivenciado em cada pequeno aspecto cotidiano, desde as questões ritualístico-religiosas até as ações culturais e sociais vividas no chão de nosso Terreiro.

A família alargada é também um meio de ajuda mútua. O princípio que guia essas relações é a filosofia *Ubuntu*, ou seja, tu és porque nós somos, ou como costumamos dizer no Centro Espírita Justiça e Amor: Juntos somos mais! E, assim, a família alargada torna-se um meio de apoio social, psicológico, moral, material e espiritual nos momentos mais adversos tanto para os praticantes da religião como para sujeitos das comunidades contempladas através das ações sociais.

Esse lugar de umbandista, mãe de santo e filha dessa família estendida denominada Família CEJA, é onde trabalhamos a autopercepção, o autoconhecimento. Refletimos juntos onde cada um está e onde gostaria de conseguir chegar, não só numa perspectiva de caminhada espiritual, mas de conquista de lugar de fala onde essa se faça ecoar e ser ouvida e legitimada, assim como o som de nossos atabaques, cantos e antepassados o fizeram. Na busca do despertar da certeza de que todos somos sujeitos de direitos, protagonistas de nossa história e da história de nossa sociedade.



Fotografia 6: Ferramenta do Ponto Riscado de Seu Tiriri das Almas (Fonte: Acervo pessoal), ano 2019

REFLETIU A LUZ DIVINA, COM TODO SEU ESPLENDOR

2.1 – Umbanda: quem és?

No tempo do cativo
Quando Sinhozinho batia,
Apanhava o ano inteiro
Como Vozinho²⁷ sofria
Mais então um belo dia,
Tudo de repente mudou,
Foi a coisa mais bonita,
Quando preto velho²⁸ chegou...
(Pai Jocemar)²⁹

O título desta seção foi extraído do hino da Umbanda³⁰: “Refletiu a luz divina/ Com todo seu esplendor/ Foi no reino de Oxalá/ Onde há paz e amor”. Tal canção, consagrada como hino da Umbanda, traduz muito de sua história, princípios características e fundamentos. Ao longo dessa seção, realizaremos um passeio histórico e filosófico religioso acerca da Umbanda.

A Umbanda, religião que tem por princípio a manifestação do espírito para a prática da caridade, traz como um dos princípios fundamentais de sua constituição a acolhida à diversidade. Recentemente, foi reconhecida como patrimônio imaterial do Rio de Janeiro através de Decreto Municipal Nº 42557 de 7 de novembro de 2016. É considerada, por adeptos e pesquisadores, uma religião genuinamente brasileira.

Segundo o mito fundador, a fundação no plano físico foi anunciada através da orientação do plano espiritual no Brasil em 15 de novembro de 1908 e é motivada pela dificuldade que algumas falanges³¹ de espíritos³² encontravam à época para poderem se manifestar em religiões e cultos já existentes por estes os considerarem “atrasados” e/ou “inferiores”.

Apesar de algumas congruências no culto a espíritos através da mediunidade³³, os cultos africanos e indígenas sofreram grande discriminação por parte dos kardecistas.

27 Referência à entidade de Umbanda conhecida como Preto Velho

28 Entidade de Umbanda que se apresenta com o arquétipo de Preto Velho escravizado, se manifesta através dos médiuns, principalmente de Umbanda, para trazer suas mensagens e ensinamentos.

29 Pai Jocemar foi um dos Pais de Santo do Centro Espírita Justiça e Amor. O trecho citado acima é de um ponto composto por ele em saudação ao Vovô Rei do Congo, Preto Velho que se manifestava através da incorporação e, ainda hoje, é um dos dirigentes no plano espiritual do CEJA.

30 Para saber mais leia: Trindade, Diamantino Fernandes. História da Umbanda no Brasil - Vol. 5 - Documentos históricos: / Diamantino Fernandes Trindade (Org.) — Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2017.

31 Grupo de espíritos que se afinam por tipo de trabalho ou capacidade de manipulação energética.

32 Espíritos são indivíduos que já desencarnaram e se libertaram de seus corpos físicos.

33 Capacidade de comunicação com o plano espiritual.

Kardec nunca escreveu diretamente nada a respeito da suposta inferioridade espiritual de qualquer povo ou etnia, entretanto, para esta distinção faziam uso da visão evolucionista do autor, quando este define as diferenças entre povos bárbaros e civilizados.

Defendiam, portanto, que índios e negros deveriam aceitar a superioridade espiritual e cultural da população ocidental e entendê-la como um objetivo ideal, caso desejassem evoluir espiritualmente, chegando ao absurdo de definir a escravidão como “um fenômeno social de imposição cármica”.

Carma, segundo as religiões que creem no processo de reencarnação e nas múltiplas vivências do espírito, significa Lei da Retribuição, de Causa e Efeito, Ação e Reação. Tal concepção não legitima a subjugação de povos e culturas inteiras em hipótese nenhuma, muito menos para fins de dominação.

Delegar ao processo cármico coletivo a questão da escravidão é deturpar os conceitos filosóficos religiosos a fim de encobrir o projeto de dominação e apagamento epistemológico implícito nas sociedades escravocratas e ampliar os espaços de pensamento abissal legitimando ainda mais o projeto colonizador.

Boaventura (2010) nos convida a reflexão desse tipo de projeto hegemônico excludente e subalternizador implícito nas afirmações acima, conforme citação a seguir:

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação³⁴ extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (SANTOS; MENESES, 2010, p. 5).

O trecho do livro *Epistemologias do Sul* citado acima ilustra com transparência o projeto hegemônico e subalternizador contido na justificativa do processo de escravidão pela via de conceitos religiosos.

Com o objeto de combater essa desigualdade e exclusão epistemológica, sob a orientação do plano espiritual através por um espírito incorporado³⁵ no médium³⁶ Zélio Fernandino de Moraes, espírito esse que se apresenta como Caboclo das Sete

34 Como não é o foco da dissertação, não iremos aprofundar o assunto, mas para aprofundá-lo indicamos a leitura de ROBSON PINHEIRO. *Espírito: Ângelo Inácio. Tambores de Angola*. Editora Casa dos Espíritos.

35 Processo de acoplagem do espírito comunicante ao corpo do médium.

36 Indivíduo dotado de capacidade de comunicação com o plano espiritual.

Encruzilhadas³⁷ em 15 de novembro de 1908, durante uma sessão Kardecista em Niterói, é anunciada a fundação da Umbanda com o seguinte objetivo: “ser uma religião que fala aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados” (MORAES, ANO, p. X apud CORRAL, 2010).

A respeito dessas tensões que circundam o mito fundador e a história da Umbanda, Simas, 2019, no artigo O país das sete encruzilhadas, debate :

A história da umbanda e os significados do seu mito fundador contam muito sobre os tensionamentos da formação brasileira. Há um país oficial que ainda tenta silenciar os índios, os caboclos, os pretos, os ciganos, os malandros, as pombagiras (mulheres donas de seus corpos em encanto); e todos aqueles vistos como estranhos por um projeto colonial amansador de corpos, disciplinador de condutas e aniquilador de saberes. É ainda o brado mais que centenário do Caboclo das Sete Encruzilhadas que joga na cara do Brasil, como amarração, nosso desafio mais potente: chamem os tupinambás, os aimorés, os pretos, os exus, as pombagiras, as ciganas, os bugres, os boiadeiros, as juremeiras, os mestres, as encantadas, as sereias, os meninos levados, os pajés, as rezadeiras, os canoeiros, as pedrinhas miudinhas de Aruanda. Chamem todas as gentes massacradas pelo projeto colonial (e cada vez mais atual) de aniquilação. A pomba risca os ritos desafiadores de afirmação da vida.

A história exemplar da umbanda é um ponto riscado de louvação aos excluídos pelo Brasil oficial. Ao cultuar (aparentemente) os mortos, é exatamente contra a morte que o brado e a flecha do Caboclo ainda ressoam: quem encantou a sucuri, macerando no toco a folha serenada, despertou de beleza a mata escura. (SIMAS, 2019)

A história de luta e resistência da Umbanda enfrenta preconceitos ao longo dos tempos, fato este refletido inclusive na nomenclatura de seus terreiros. Muitos terreiros de Umbanda conservam, principalmente até o século XX o termo “espírita” em seus nomes, numa referência aos centros kardecistas³⁸, os quais tinham uma aceitação maior mediante a sociedade ainda imensamente marcada pelo preconceito e perseguição aos cultos e matrizes africanas.

37 Caboclo: uma das falanges trabalhadas da Umbanda. As características dos espíritos que a compõe remetem em muitos traços as diversas tribos indígenas que originalmente ocupavam nossas terras.

38 Para aprofundar a questão sugerimos a leitura de: O que é o Espiritismo / por Allan Kardec. [tradução da Redação de Reformador em 1884] – 56. ed. 1. imp. – Brasília: FEB, 2013.



Fotografia 7: Atabaques de Umbanda, objetos de muito significado e importância dentro do ritual religioso e do terreiro enquanto local de resistência e cultura. (Fonte: Acervo CEJA)

Ainda na atualidade, muitos terreiros e praticantes da religião são alvo de preconceito e discriminação, continuando inclusive a sofrer perseguições. É crescente o número de relatos e denúncias de terreiros depredados³⁹ e praticantes agredidos. Tal segregação e perseguição se estendendo até o chão da escola. Existem estudos⁴⁰ e movimentos que ainda hoje lutam para denunciar e transformar essa realidade.

Para fins de posicionamento de identidade cultural e marco de luta nos referirmos ao Centro Espírita Justiça e Amor nesta pesquisa, sempre será realizada a referência a esse espaço como Terreiro de Umbanda.

A Umbanda é uma religião pautada na manipulação dos elementos da natureza e seus princípios suleadores são manifestação do espírito para a caridade, amor, e fraternidade, numa busca por reforma íntima e igualdade entre os indivíduos.

A caridade proclamada pela filosofia umbandista é muito próxima do conceito bíblico, em que caridade é forma de expressão de amor e crescimento. A caridade, segundo a Umbanda, está pautada na benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições alheias, perdão das ofensas. A Umbanda preconiza que, por meio do exercício do amor e da caridade, vamos lapidando nossas imperfeições, exercitando e edificando o respeito a todas as formas de vida.

39 Para saber um pouco mais acesse: <https://super.abril.com.br/sociedade/pais-registra-cada-vez-mais-agressoes-e-quebras-de-terreiro/>

40 Ferreira, Marta. *Ìtàn - oralidades e escritas: um estudo de caso sobre cadernos de hunkó e outras escritas no Ìlè Ašé Omi Larè Ìyá Sagbá* / Marta Ferreira. – 2015. 101 f.

O discurso de igualdade e democracia da Umbanda se reflete em vários aspectos de sua prática, inclusive na organização das lideranças. Embora não seja o foco deste estudo, este aspecto é aqui citado para destacar uma lógica que é contrária ao patriarcado, dentro de uma visão não eurocentrada da organização do pensamento e filosofia da Umbanda, além de caracterizar meu lugar de fala, enquanto mãe de santo do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor.

Na Umbanda, assim como outras religiões de matrizes africanas, a mulher ocupa posições de liderança e importância, como afirma Mariano (2011) na sequência:

Na África, as mulheres iorubás participavam do conselho dos ministros, tinham organizações próprias e chegaram a liderar um intenso comércio que incluía rotas internacionais. Foi por isso que, na Bahia do início do século XIX, elas conseguiram o que parecia impossível: deram à luz uma organização religiosa que conciliava tradições de diferentes povos, resistindo à exploração da escravidão e à perseguição policial. No candomblé, com diplomacia, inteligência e fé, elas reuniram todos os elementos necessários para garantir ânimo e auto-estima ao seu povo. O título que receberam expressa bem o misto de liderança religiosa, chefia política e poder terapêutico que exercem: mães-de-santo (MARIANO, 2011, p. 2).

A direção de uma comunidade religiosa/social ser realizada por mulheres representa uma grande ruptura com os modelos eurocentrados, em que toda lógica gira em torno do pensamento patriarcal, excludente e misógino. Pensamento este refletido também nos organogramas religiosos desse modelo, na qual a mulher é vetada de realizar papel de liderança ou sacerdócio.

Em entrevista realizada por mim em julho de 2017 na sede da União Umbandista dos Cultos Afros-Brasileiros com o seu Presidente Sr. João Luiz Magalhães, foi possível constatar que atualmente mais de 80% dos Terreiros de Umbanda registrados nessa Federação são dirigidos por mulheres. Elas que, além da direção dos cultos religiosos, lutam e ocupam outros espaços na sociedade, projetando assim a reconquista feminina de espaços historicamente negados.

Como exemplo disso, podemos recordar a Mãe Arlete. Arlete Moita, cantora, compositora, Yalorixá⁴¹, participou, na década de 1970, como consultora e apresentadora do programa “A caminho da luz”, de Paulo Newton de Almeida, sobre Espiritismo e Umbanda na Rádio Guanabara, emissora da Rede Bandeirante do Rio de Janeiro.

41 Mãe de santo

Como Yalorixá, era a responsável pela Tenda Espírita Caboclo Rompe Mato. Na Confederação Espírita do Brasil atuava no cargo de Embaixadora de Umbanda na década de 1970. Sua bibliografia ilustra as relações de gênero e empoderamento feminino sementeadas no Terreiro de Umbanda e expandidas para a sociedade, tendo em vista que como lugar de forte preconceito na sociedade branca e sexista a mulher vê neste lugar um espaço enfrentamento.

A respeito de trajetórias como a de Mãe Arlete, Souza (2014) afirma:

O papel da mulher na sociedade brasileira tem constituído uma temática complexa e de certa forma interessante, haja vista que historicamente foi ela que lutou para garantir seus direitos perante uma sociedade patriarcal e machista e que atualmente vem ocupando posições importantes nos meios sociais, político, cultural e religioso. Em meio ao contexto, algumas mulheres constituíram ícones fundamentais na história da sociedade brasileira, entre elas, aquelas com fortes vínculos às expressões religiosas, em especial a religiosidade afro-brasileira, com uma matriz africana, nascida no Brasil do século XIX. Conhecidas como mulheres do axé, senhoras do ilê, herdeiras do axé e mulheres de santo, elas possuem uma história de luta e resistência diante de uma sociedade colonial (SOUZA, 2014, p. 25)

Luta essa que persiste ainda na contemporaneidade, não só pelas mulheres, mas por todo povo e cultura de axé que ainda se vê perseguido, subalternizado e oprimido por uma sociedade que majoritariamente perpetua e reproduz o paradigma de comportamento eurocentrado (branco, heteronormativo, patriarcal, misógino e excludente).

2.2 Centro Espírita Justiça e Amor: Um Terreiro de portas abertas

Um povo sela sua libertação na medida que ele reconquista sua palavra (FREIRE, 1998, p. 15).

Afinal o que é um Terreiro de Umbanda? De que e como é composto? Como narrar a sua história?

Um Terreiro de Umbanda é, segundo os estudiosos e adeptos da religião, o espaço onde se realiza o culto e os trabalhos⁴² de Umbanda. Um Terreiro de Umbanda é composto de diversos elementos materiais e imateriais e, acima de tudo, é constituído

42 Terminologia já definida segundo a prática religiosa em estudo em seção anterior.

por sujeitos. Sujeitos dos tempos presente e passado que inúmeras vezes trazem uma trajetória de vulnerabilidade social, segregação e luta, e encontram na fé no sagrado, no culto à ancestralidade e aos Orixás força para resistir e seguir lutando.

Narrar a história de um Terreiro de Umbanda é narrar a história dos sujeitos que o constituem ao longo de sua existência, numa tentativa de contemplar da forma mais ampla possível essa diversidade das diferentes vozes presentes nessa narrativa.

A história dos terreiros, assim como a da Umbanda carecem de documentos para análise. Seu grande patrimônio está na maioria absoluta das vezes na sabedoria passada de forma oral dentro da família de santo. Os mais velhos⁴³ narram suas histórias e das casas, perpetuando assim muitas lutas e resistências invisibilizadas pela versão dos fatos de quem nos oprimem a séculos. Nascimento (2010), acerca disto afirma:

A História das Religiões de matrizes africanas, assim como toda a parcela de História e cultura afrodescendente no Brasil, tem sido feita quase que anonimamente, sem muitos registros, no inteiro de inúmeros terreiros fundados ao longo do tempo em quase todas as cidades do país. Como reflexo da marginalização e discriminação reservada ao negro em nossa sociedade, as manifestações de religiosidade afro-brasileiras, por serem religiões de transe, de culto aos espíritos e em alguns casos de sacrifício animal, têm sido associadas a estereótipos como o de “magia negra”, (por não apresentarem geralmente uma ética voltada para uma visão dualista do bem e do mal, conforme estabelecem as religiões cristãs tradicionais), superstições de gente ignorante, práticas diabólicas, etc (NASCIMENTO, 2010, p. 2).

O Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, palco dos estudos apresentados nesta pesquisa, foi fundado na década de 40, entretanto só existem registros documentais da casa a partir de atas datadas de 1973, retratando a dificuldade de acesso a documentação expressa no parágrafo anterior. Tomamos conhecimento da maior parte da história aqui relatada através das falas e narrativas de Pai Jocemar, narrativas essas que hoje levo também aos mais novos de nossa casa espiritual.

Mãe Raquel Machado, sob a orientação da espiritualidade na figura do espírito de Preto Velho denominado Pai Benedito de Angola⁴⁴, inicia os trabalhos do Centro Espírita Justiça e Amor num cômodo de sua casa atendendo a pedidos de socorro de diversas naturezas.

43 Expressão para aqueles que possuem mais tempo na casa e no santo, não está relacionado a idade cronológica.

44 Entidades de Umbanda, espíritos que se apresentam em corpo fluídico de velhos africanos que supostamente viveram nas senzalas

O termo Mãe usado acima se refere a posição espiritual Dona Raquel no Centro Espírita Justiça e Amor, entretanto está também era mãe carnal de Jocemar Machado, na que na época da fundação da casa contava com quatro anos de idade.

O CEJA foi fundado sob a orientação da falange de Preto Velho, mas também tem como característica marcante o trabalho da falange de Exu. À época da fundação a casa era dirigida por Pai Benedito de Angola na coroa⁴⁵ de Mãe Raquel e este tinha por seu braço direito e parceiro na coordenação dos trabalhos da casa Seu Exu⁴⁶ Tiriri das Almas, na coroa da mesma médium.

De um cômodo na residência de Mãe Raquel, o CEJA, devido ao crescimento e necessidade de melhor acomodação do espaço físico, passa para um imóvel alugado no subúrbio do Rio de Janeiro. O local de atendimento mudou ao longo dos anos, principalmente por questões financeiras, mas se concentrou em bairros da zona norte do município do Rio de Janeiro.

Pai Jocemar contava aos seus filhos que quando ele ainda era menino por volta de quatro a cinco anos de idade, certa vez durante um mês de setembro, mãe Raquel não tinha meios para arcar com as despesas do aluguel e muito menos com a festa em homenagem às Ibejadas⁴⁷ que acontece nesse mesmo mês, próximo ao dia 27. Ela então pegou o menino Jocemar pela mão e foi para Avenida Rio Branco, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro. Chegando lá, Doum⁴⁸ desceu⁴⁹ e começou a trabalhar dando consulta⁵⁰. As pessoas que passavam e precisavam, e estas agradecidas, foram deixando quantias em dinheiro e assim as questões financeiras daquele momento foram resolvidas.

Ouvi dele inúmeras vezes essa narrativa enquanto já Pai de Santo. Ele se recordava muito dessa história toda vez que a casa novamente se via sem saber como pagar seu aluguel, e ao recordar que a espiritualidade dirigente se faz presente nos momentos de dificuldade. Muitas vezes a lembrança o revigorava a esperança e renovava as forças até que as soluções aparecessem.

45 Coroa= Ori, cabeça

46 Falange trabalhadora da Umbanda, também conhecidos como povo de rua. Essa falange abriga exus, pombo giras, malandros e exus mirins.

47 Se refere a falange das crianças, também conhecidos como erês.

48 Nome da criança espiritual que incorporava e trabalhava na coroa da Médium Raquel

49 Sinônimo de incorporar

50 Uma das formas de trabalho espiritual realizado pelos guias. Similar a um aconselhamento espiritual ou atendimento de escuta fraterna.

É importante salientar para compreensão da narrativa acima que o CEJA é uma casa de caridade espiritual que viveu e vive de doações de seus frequentadores, corrente mediúnica e simpatizantes. Para participação das atividades realizadas pela casa, sejam eles de natureza espiritual, social, educacional ou cultural é cobrada qualquer quantia, seja em espécie ou de qualquer outra forma. Este também não tem nenhum outro tipo de financiamento.

Na ocasião da passagem do desencarne de Dona Rachel, na década de 1970, os trabalhos da casa tiveram continuidade pela mãos de seu filho carnal e filho de santo Jocemar Machado e a casa passou a ser comandada no plano espiritual pelo Vovô Rei do Congo junto com Seu Tranca Rua das Almas, das sete linhas na linha de Exu. Por mais de trinta anos Pai Jocemar comandou os trabalhos espirituais do CEJA. Enfrentou momentos difíceis, chegando uma determinada época em que as giras⁵¹ e atendimentos eram realizadas na praia, mata, na rua pois o terreiro ficou sem sede devido à impossibilidade de manter um aluguel.

Na década de 90, mais dois eventos importantes e marcantes acontecem na história da casa. O primeiro foi o anúncio do Preto Velho Vovô Rei do Congo de que não iria trabalhar mais incorporado no médium Jocemar, pois foi chamado a servir em outras esferas planetárias⁵². Necessitava seguir caminho e deixar o comando espiritual nas mãos de nosso querido Pai Antônio de Angola, que viria trabalhar através de Pai Jocemar.



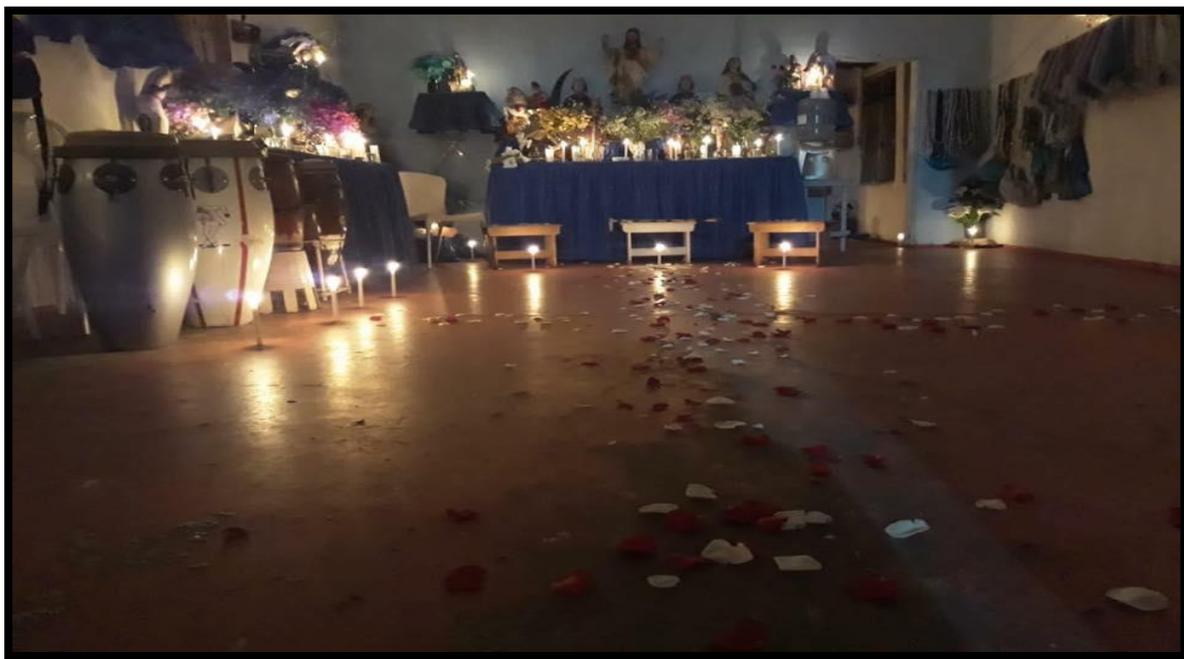
Fotografia 8: Pai Jocemar Machado incorporado com o Preto Velho Pai Antônio de Angola na Homenagem aos pretos velhos e pretas velhas do ano de 2007 (Fonte: Acervo CEJA)

51 Gira, sessão, são nomes dados ao um dos momentos de culto ao sagrado nos terreiros de Umbanda.

52 Para saber mais leia A evolução dos mundos, Evangelho segundo o espiritismo de Kardec, Alan O Evangelho segundo o Espiritismo. Trad. de Guillon Ribeiro da 3. ed. francesa rev., corrig. e modif. pelo autor em 1866. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004

O segundo fato significativo e determinante neste período foi o encontro com o local que desde então acolhe a casa. Embora ainda num espaço alugado, os filhos e frequentadores da casa sentem e vivem este pedaço de chão sagrado como território de pertencimento, resistência, superação, cultura, fé e identidade, que abre as portas de nossa vida para um mundo de possibilidades e descobertas de si, do outro e do mundo.

O poema abaixo intitulado No chão do meu Terreiro, de autor desconhecido e a Fotografia 9 ajudam a ilustrar as questões debatidas acerca do chão do Terreiro e relacionadas a território e pertencimento no parágrafo anterior.



Fotografia 9: Centro Espírita Justiça e Amor, salão principal (Fonte: Acervo pessoal 2018)

De Pé no chão do meu terreiro é que me sinto bem
Onde vou saudar meu orixá, de mata, de rio ou de mar
Lá quero ver tambor rufar, curimba forte estremecendo o lugar
Minha verdade é ser de Umbanda, seja lá qual for
Bato cabeça pra Mãe Iansã, Kaô meu Pai Xangô
Quero meus irmãos sempre comigo
Fazendo o bem, estendo a mão, oferecendo abrigo
Na Umbanda nasci e nela me criei
Saravá Os preto-velhos e Oxalá nosso rei
Peço o axé de meu caboclo de Umbanda
Okê Aro Oxossi e meu Cacique Águia Branca
Meu terreiro que não sai de dentro de mim
Sua pureza me guia, salve todos os curumins

Mãe maior de Umbanda hoje venho lhe saudar
Banho de água salgada, Odoiá mamãe Iemanjá
Debaixo do meu gongá que me sinto fortalecido
Pois Ogum me protege e nada acontece comigo
Cheiro do defumador, a roupa branca, todo meu amor
Nunca se esquecendo dos guardiões da madrugada
Exu e pomba-gira, toda coroa da encruzilhada
Tenho Fé em minha Babá
No Chão do meu terreiro
É Meu mundo inteiro

O título desta seção do capítulo 1: **Centro Espírita Justiça e Amor: Um terreiro de portas abertas**, faz alusão a essa trajetória de lutas, desafios, e vitórias, pois mesmo no momento em que a casa “perde o chão” pois fica sem imóvel físico, o trabalho, a cultura, o legado e a resistência não perdem seu caminho e o trabalho como um todo se mantém de portas abertas.

O CEJA conta hoje quase oito décadas de história, legado de uma cultura ancestral imensurável, ampliada a cada momento em que contra todo e qualquer projeto de apagamento etimológico, preconceito e racismo nas suas diversas formas de expressão, a casa mantém suas portas abertas. Abaixo, montagem com fotos dos espaços físicos que compõem a casa, com destaque para porta de entrada aberta, num simbolismo do que vem sendo relatado até aqui. Não estão representados na Fotografia 10 a cozinha, o banheiro e o quartinho de trocar de roupa.



Fotografia 10: CEJA, a esquerda altar principal, altar dos pretos velhos e foto geral do salão principal, a direita acima fotos do quartinho de exu, abaixo a entrada. (Acervo CEJA 2018)

No ano de 2007, acometido por um câncer de pulmão, Pai Jocemar segue seu caminho para junto aos ancestrais no plano espiritual e desencarna. Sua filha carnal e filha de santo da casa à época, Denise Machado, assume então a direção da casa orientada pela querida Preta Velha Vovó Catarina d'Angola junto com Seu Exu Tiriri das Almas, ambos trabalhando na coroa de Mãe Denise.

Segundo as diretrizes traçadas pela Egrégora dirigente do CEJA, este foi fundado por Pretos Velhos e sempre será dirigida por Eles. Mesmo diante do desencarne de um Pai ou Mãe de Santo, o seu sucessor terá a direção das ações da casa guiadas pela falange de Preto Velho. Nessa sucessão pode existir algumas diferenças ritualísticas na forma de manipular e conduzir energia, mas a essência e diretrizes da casa nunca serão modificadas.

Abaixo, a Fotografia 11 retrata Mãe Denise trabalhando incorporada com Vovó Catarina de Angola. Ao lado, um dos últimos pontos que Pai Jocemar compôs antes de desencarnar em homenagem a essa linda Preta Velha:



**Ponto Cantado para
Vovó Catarina de Angola**

Autor: *Jocemar Machado*

Foi num terreiro de Umbanda,
Catarina encontrei,
Foi um lindo instante,
Seus conselhos aceitei,
E de repente Preta Velha me falou,
Misi fio, quanta luz nesta casa de amor

Fotografia 11: Mãe Denise trabalhando incorporada com Vovó Catarina de Angola. (Fonte: Acervo CEJA)

Ainda no ano de 2008, por motivos pessoais, Mãe Denise anuncia que não dará continuidade as atividades espirituais como Mãe de Santo em sua vida e portanto não estaria mais a frente da condução dos trabalhos espirituais do CEJA e que se ninguém desejasse dar continuidade, a casa fecharia suas portas. Foi um momento muito difícil por inúmeros fatores, mas o principal deles era a lembrança de que Pai Jocemar sempre repetia que a única coisa que ele não queria ver eram as portas da casa fechando, e que se sua filha Denise, por algum motivo não desse continuidade, ele desejava que outra filha de santo o fizesse.

Nesse contexto, assumo a direção espiritual do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor em agosto de 2008, o qual passa ter Pai Joaquim d'Angola como guia⁵³ chefe junto com Dona⁵⁴ Maria Mulambo das Sete Encruzilhadas⁵⁵ na linha de Exu. Ao longo dos anos em que estou na direção da casa mais duas entidades foram agregadas ao comando da linha de Exu, Dona Pombogira das Almas, que trabalha na coroa do Pai Pequeno Ricardo Monteiro e Dona Maria Padilha das Sete Encruzilhadas que trabalha na cora da Mãe Pequena Lúcia Clasen. Nos referimos as três como as Marias de nossa vida.

A grande maioria dos médiuns da corrente da casa se afasta nessa transição, ficando eu e mais dois filhos com a responsabilidade de perpetuar nossa história e manter as portas de nossa casa abertas. Com o auxílio da espiritualidade amiga outros foram chegando e apoiando a continuidade e expansão dos trabalhos realizados pela casa.

Segundo relato de múltiplos frequentadores uma das grandes características do CEJA é a acolhida dada aos seus filhos⁵⁶. Outra característica bem marcante é a presença de crianças e de famílias inteiras ou na sua maior parte frequentando a casa.

O Centro Espírita Justiça e Amor tem sua sede atual localizada no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro - RJ, no bairro da Abolição, e abriga em si um coletivo de minorias. Mulheres, afrodescendentes, pessoas em situação de risco social, membros da comunidade de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais- LGBT, entre outros sujeitos em condição de exclusão e risco social que compõem o coletivo da casa. Ao longo da

53 Guia chefe, mentor da casa, entidade ou Orixá que comanda e orienta toda a condução dos trabalhos e atividades ali realizados.

54 Forma de reverência e tratamento as Pombas Giras, também são tratadas por Senhoras, comadres, entre outros

55 Entidade reverenciada na abertura dessa pesquisa.

56 Referência a filhos da casa, seus participantes sejam eles ou não da corrente mediúnica.

história de sua constituição, o CEJA sempre manteve suas portas e espaços abertos à diversidade.

A casa⁵⁷ hoje abre de terça a sábado e oferece diversas atividades a todos que se interessarem e desejarem participar, não sendo necessário para isso a obrigatoriedade de ser membro ou praticante da Umbanda. Além das atividades ligadas aos ritos da prática da religião, oferece também atividades de escolarização e reinserção de fluxo na Educação Básica, orientação pedagógica, orientação educacional, orientação jurídica, auxílio para procura de emprego, atendimento fraterno às famílias, atividades culturais diversas, ações de solidariedade em comunidades direcionadas pela espiritualidade que dirige a casa, entre outras.

Num movimento que engloba doutrina espiritual e ritualística; reflexão e construção coletiva; foram consolidadas, ao longo dos anos, ações que subsidiassem oportunidades de mudança da realidade dessas mulheres no campo espiritual, social, emocional e psicológico. Isso ocorre através do encaminhamento para a apropriação de direitos historicamente negados na sociedade.

A transmissão dos saberes pela oralidade é uma marca na doutrina espiritual e ritualística na Umbanda. Essa oralidade se faz presente na fala dos guias e entidades que se manifestam através dos médiuns, por meio das rezas, pontos cantados e ensinamentos passados de uma geração a outra. A respeito do papel da oralidade nas religiões de matriz africana e afro-brasileira, Vansina, (2011), elucida:

[...] Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. [...] Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas.

[...] A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade. (VANSINA, 2011, p. 139-140)

O CEJA é um local que acolhe minorias já anteriormente identificadas neste texto, que reunidas compõe a identidade coletiva da casa. Negros, homossexuais, transsexuais, pobres, mulheres, professores: indivíduos marginalizados socialmente e historicamente caracterizam este espaço que acolhe e oportuniza a transformação, auxilia na reconquista da capacidade de sonhar e realizar.

57 Outra forma a de se referir a Terreiro ou Centro Espírita.

A respeito disto, Freire (2014), em *Pedagogia dos sonhos possíveis*, nos diz: Para mim é impossível existir sem sonho. Como é que podemos aceitar esses discursos neoliberais que vêm sendo apresentados e manter vivos nossos sonhos?(contracapa)

A casa entende que a educação é um instrumento de prática de liberdade e, ampliando o acesso a esta, é possível também expandir as ferramentas contra injustiças e exclusão de direitos que deveriam ser de todos.

O presente estudo será direcionado para as relações entre letramento e oralidade existentes nesse universo ainda pouco explorado pela academia enquanto produtor de educação e saberes que são os espaços religiosos de matriz afro-brasileira.

Nesse sentido, é fundamental direcionar o olhar e reflexões para os diversos momentos de convívio social dos indivíduos no cotidiano do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, observando suas influências e sua contribuição na promoção de seu desenvolvimento global e de seu processo de ocupação de espaços e identidades socioculturais historicamente negadas pelo o que Boaventura (2010), denomina pensamento abissal.

Pensamento abissal, segundo o Boaventura, é a linha invisível que separa o mundo em países desenvolvidos, subdesenvolvidos e evidencia as dominações econômicas, políticas e culturais, traduzidas por um lado na hierarquização dos saberes e, por outro, na negação da diversidade.

O Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, observado no presente estudo, pode ser identificado como o que Boaventura chama de cosmopolitismo subalterno. O CEJA oportuniza dentro de sua rotina espaços de crescimento e desenvolvimento da identidade, emancipação, letramento e múltiplas linguagens ampliando as possibilidades de estreitamento da linha de pensamento abissal.

O cosmopolitismo subalterno manifesta-se através das iniciativas e movimentos que constituem a globalização contra-hegemônica. Consiste num vasto conjunto de redes, iniciativas, organizações e movimentos que lutam contra a exclusão econômica, social, política e cultural gerada pela mais recente encarnação do capitalismo global, conhecido como globalização neoliberal (SANTOS, 2010, p.68).

Quando o Terreiro de Umbanda se assume como espaço de educação, resistência e produção de cultura, adquire *status* de caminho de transformação social dentro de um projeto decolonial em que as múltiplas identidades que ali coexistem encontram vozes para se expressarem, produzirem significado e transformarem leituras de si, do outro e do mundo, concretizando a utopia da igualdade de direitos e da

libertação de ser. Nessa pesquisa, conforme já anunciado anteriormente, é utilizado o espaço do Curimba CEJA como recorte temático para identificar e analisar as práticas de oralidade e letramento no Centro Espírita Justiça e Amor.

A respeito disso, Freire (2000), afirma.

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes (FREIRE, 2000, p .33).

Partindo da leitura da vida para a vida na leitura, o Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor se inclui como espaço de prática coerentes que contribuem com a utopia de transformação, conforme buscamos compreender no processo de construção de nossa pesquisa.

2.3-- JUCEJA- Juventude CEJA

Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou à luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada
(Gonzaguinha)

Não dá para situar temporalmente com precisão quando o JuCEJA começou. De certa forma ele sempre esteve lá.

A denominação JuCEJA surgiu no fim de 2012, início de 2013 e significa Juventude do Centro Espírita Justiça e Amor, e essa identidade foi uma decisão conjunta dos jovens e da espiritualidade que dirige e trabalha na casa⁵⁸.

Foi por volta desse período que o JuCEJA foi atingindo a configuração que preserva ainda hoje. Seus primeiros integrantes "oficiais" foram os filhos de médiuns que compõem a direção física da casa. Muitos destes jovens já trabalhavam como

58 Definições de trabalho e direção espiritual no Terreiro de Umbanda já esclarecidas anteriormente.

médiuns da corrente e já tinham participação assídua no cotidiano das atividades do CEJA.

De 2013 em diante, a quantidade de jovens que procura a socorro espiritual e por consequências as outras ações⁵⁹ oferecidas pela casa vem crescendo. Hoje quase 65% da corrente é formada por crianças e jovens entre 10 e 26 anos.

A grande maioria chega em vulnerabilidade social, excluída do sistema de ensino regular, envolvida em questões de drogas e excesso de bebidas, entre outros fatores. A acolhida normalmente se inicia pelo cuidado espiritual ou direcionamento e apoio a escolarização, se expandindo para outros espaços.

O JuCEJA vem também constituindo alguns espaços de identidade. São ações e características que germinam a partir de ações e demandas prioritárias desse grupo e se expandem e ampliam para o grupo como um todo. Podemos citar como exemplo o acampamento que acontece desde 2016 e a constituição do Curimba CEJA⁶⁰ na forma que hoje se apresenta.



Fotografia 12: JuCEJA na Caminha contra Intolerância Religiosa 2017 (Fonte: acervo CEJA)

Cada um desses espaços procura trazer identidade e significado ao trabalho da casa como um todo a fim de atender as demandas de cada faixa etária dos filhos de santo e assistidos da casa, além de oportunizar seu crescimento e reforma íntima nas múltiplas dimensões do indivíduos, conforme descrito em outros espaços desse

59 Tais ações serão ainda contempladas ao longo desta primeira seção

60 Curimba CEJA é um espaço para aprendizado das questões pertinentes ao canto e ao ritmo dentro da Umbanda, será descrito com maior riqueza de detalhes a frente.

trabalho, em um movimento dialógico entre sujeito, vida e cultura, em suas diversas possibilidades de expressão. A respeito da importância do diálogo numa prática libertadora, Freire (1980) elucida:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se, ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens, o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1980, p. 82).

São estes jovens e crianças os grandes idealizadores e propulsores do alavancamento das ações sociais, e de outros crescimentos dentro do campo de ação do trabalho de caridade do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor. Marca desse movimento aqui descrito é a #Euacreditoénarapaziada, que vem se destacando como lema e estímulo para o crescimento não só do JuCEJA, mas de todo coletivo CEJA.

Dentro das ações voltadas a eles, além da oportunidade para servir e crescer dentro dos ritos e ensinamentos da Umbanda, temos o **Projeto SUCURSINHO**, que visa orientar educacional e pedagogicamente, a fim de que se garanta a inserção, a qualidade e a terminalidade da educação básica dos jovens e adultos, o ingresso e conclusão do ensino superior e o aproveitamento de cursos de qualificação para o trabalho.

Nesse projeto, os jovens e adultos são orientados por pedagogos e professores voluntários sobre os espaços que podem procurar a fim de garantir o descrito acima. Foi também criado e disponibilizado no Facebook um grupo em que são realizadas trocas de informações sobre oportunidades de vagas, materiais de estudo e outras oportunidades ligadas à escolarização e formação para o mercado de trabalho.

Derivando das concepções que permeiam o trabalho do CEJA também surgem outros espaços: atividades culturais, ações sociais, o Diário de um Macumbeiro, o evento Terreiro de Portas Abertas e o **Curimba CEJA**. Todos serão mais abrangentemente descritos na sequência do texto na seção 2.7.

O Curimba CEJA é outro espaço de cultura, aprendizagem e letramento conquistado com e a partir do JuCEJA e que passa pelas questões discutidas nesta pesquisa dentro das ações de oralidade, letramento no Terreiro de Umbanda.

O Curimba CEJA é um espaço onde se estuda ritmo, batuque e pontos cantados. Também, os filhos da casa compõem pontos para louvar e saudar as entidades e Orixás que são louvados na Umbanda. Tem por finalidade, inclusive, auxiliar a corrente a aprender cada vez mais dos fundamentos e da cultura da religião, que sempre teve no canto e no toque do atabaque um espaço de luta, resistência e libertação.

Tudo o que foi exposto introduz o campo e o lugar de fala. Lugar que ao longo de uma história marcada pelo preconceito e pela exclusão muitas vezes foi silenciado. Que as leituras de vida narrada ao longo dessa pesquisa possam ampliar espaços de diálogos e diminuir barreiras da ignorância.

2.4 Sucursinho

A melhor maneira que a gente tem de fazer possível amanhã alguma coisa que não é possível de ser feita hoje é fazendo hoje aquilo que hoje pode ser feito. Mas se eu não fizer hoje aquilo que hoje pode ser feito e tentar fazer hoje aquilo que hoje não pode ser feito, dificilmente eu faço amanhã aquilo que hoje não pude fazer (FREIRE,1998 p. 48).

A Educação, segundo o sentido preconizado pelas vertentes filosófico religiosas que acreditam na eternidade do espírito e multiplicidade das existências consideradas num sentido mais amplo, é o processo permanente de aperfeiçoamento do Espírito. É o despertar de suas potencialidades.

Segundo as crenças da Umbanda e seus praticantes, renascemos múltiplas vezes, ascendemos de mundo em mundo. Esse processo é denominado reencarnação.⁶¹

Ao longo das diversas encarnações, experimentamos ações, debruçamo-nos sobre a natureza do cosmos para perscrutá-lo e decifrá-lo — e tudo isso faz parte do processo educacional em que estamos lançados como espíritos em evolução -.

Assim, a Educação é o sentido mesmo da existência. É meio e finalidade, é processo e meta. Por isso, quando considerada em seu aspecto restrito de educação para o aqui e o agora, deve sempre transbordar, segundo a visão aqui adotada, para a interexistência, em seus objetivos e em seus métodos, em suas concepções e suas propostas.

61 Para conhecer mais é recomendada a leitura de O livro dos espíritos de Kardec

O Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor abriga a diversidade de ações sociais e educacionais que estão descritas no presente estudo. O cotidiano da casa oportuniza vivências em diversas dimensões (espiritual, social, cultural, emocional), ampliando o leque de oportunidades para o despertar de potencialidades e da assunção pelos indivíduos do processo de autoria de sua própria história e da história da sociedade.

A Educação e as vivências nunca podem ser somente ajuste sociocultural, somente profissionalização, somente desenvolvimento cognitivo. Tem de ser tudo isso e mais ainda, pois deve oportunizar ao indivíduo o seu desabrochar completo. A respeito, Street(2014) ilustra ao afirmar que isso implica reconhecer a multiplicidade de práticas letradas, em vez de supor que um único letramento tem de ser transferido.

Educar, segundo a filosofia umbandista é, antes de tudo, conquistar a adesão do educando para sua própria educação. O único bem necessário e possível ao ser humano é estar em sintonia com a lei da evolução, é estar impulsionado para seguir adiante, rumo à conquista de si na eternidade e no infinito. Se o Espírito mobilizou a vontade e sente em si mesmo o elã de progredir, tudo o mais está feito. O maior mal a evitar é a estagnação, a apatia, o adormecimento da vontade.

Pires (2008), afirma em seu livro *A Pedagogia Espírita* que a Educação, no âmbito do espiritismo⁶², pode ser entendida como um processo de formação universal das novas gerações para o mundo novo que o Espiritismo está fazendo surgir na Terra. Desta forma, num movimento de despertar de consciências e promoção de crescimento e transformação global dos indivíduos e, conseqüentemente, da realidade planetária, faz-se imprescindível a conjunção de forças, espaços e esforços, a fim de que se promova a aproximação dos indivíduos às oportunidades que alavanquem seu processo evolutivo como um todo.

Estando mesmo que momentaneamente atrelados ao corpo físico em experiência reencarnatória⁶³, somos levados a suprir necessidades desse estado transitório no qual nos encontramos a fim de que se explore amplamente a estada na Terra, absorvendo todas as oportunidades de aprendizagem e crescimento para

62Espiritismo é uma doutrina de cunho filosófico-religioso voltada para o aperfeiçoamento moral do homem por meio de ensinamentos transmitidos por espíritos desencarnados que se comunicam com os vivos esp. através de médiuns.

63 Derivada de reencarnação, já anteriormente explicada na dissertação.

promoção de (Re)Educação dos indivíduos a fim de que, irmanados sob a égide do amor e da fraternidade, alcancem os estados mais elevados de evolução espiritual.

Segundo a definição do dicionário, Pedagogia seria Teoria da Educação; conjunto de doutrinas e princípios que visam a um programa de ação; estudo dos ideais da Educação, segundo uma determinada concepção de vida, e dos meios (processos e técnicas) mais eficientes para realizá-los. Posto isso, fica evidente o quão fundamental se torna para o alcance dos projetos evolutivos citados a cima incluir no cotidiano da casa espiritual espaços de saber sistematizados, constituídos e legitimados na sociedade na qual esta se insere, a fim de que seja possível oferecer aos irmãos atendidos no âmbito religioso oportunidades de concretizar muitas das orientações recebidas durante atendimento fraterno realizado através dos amigos abnegados do plano espiritual superior, os quais sinalizam diversos aspectos da vida a necessidade de romper barreiras, construir sonhos.

Com vistas a execução de ações que viessem a suprir as demandas de processo de formação universal das novas gerações (entende-se universal aqui como uma visão multidimensional dos seres, e não como universalizar para uniformizar) a espiritualidade que compõe a Egrégora Dirigente do Centro Espírita Justiça, reuniu e preparou (e ainda o faz) mão de obra disposta a utilizar seus talentos na edificação do reino dos seus na Terra, chegando assim, a composição de seu corpo de assistentes e médiuns expressivo número de irmãos cuja qualificação profissional está ligada à Educação não escolar.

Pedagogos, professores, e especialistas em educação, reunidos, juntamente com todo o restante que compõe a Casa Espiritual recebem no ano de 2014 convite a expandir as práticas cognitivas do Terreiro para além dos estudos das verdades da doutrina espiritual, e partir para um Projeto de reinserção no fluxo de escolarização e profissionalização legitimados na nossa sociedade. Desafio aceito, surge o Projeto SUCURSINHO⁶⁴!

64 O Projeto Sucursinho já aparece em alguns trabalhos acadêmicos e está mais amplamente descrito por NOVAES, L. M, 2016, no trabalho de conclusão de curso de título: Centro Espírita Justiça e Amor, fonte de ampliação de conhecimento. Projeto Sucursinho, a educação no Terreiro de Umbanda.



Fotografia13: Diversos momentos de aula do Sucursinho (Fonte: acervo CEJA)

Para viabilizar o desenvolvimento do Projeto Sucursinho foram, inicialmente, realizadas aulas presenciais de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, Redação e Biologia, duas vezes por semana, tendo como estratégias principais a resolução de exercícios voltados mais especificamente para o Enem (Exame Nacional de Ensino Médio) tendo por objetivo tanto a certificação de Ensino Médio como o ingresso na Educação Superior.

Também ocorreram atividades de orientação vocacional e orientação educacional, como minicursos, divulgação e inscrição em processos seletivos nos diversos níveis de educação e encaminhamento para o estudo profissionalizante, realizados pelos profissionais da educação pertencentes e atuantes no Projeto. Ações que ocorreram em conjunto com um trabalho intenso de doutrinação e promoção da reforma íntima, através da provocação, pelos espíritos de luz trabalhadores do Terreiro, da “zona de conforto”, levando todos os envolvidos a refletir/agir sobre os processos de despertar de consciências e promoção de crescimento e transformação global dos indivíduos e conseqüentemente da realidade planetária.

Concomitantemente às ações já citadas, foi constituído o Espaço Virtual do Sucursinho, um grupo criado no Facebook (www.facebook.com) que pode ser acessado através do seguinte endereço eletrônico www.facebook.com/groups/sucursinho, cuja finalidade principal é expandir o alcance dos materiais e informações compartilhados nas aulas presenciais, bem como enriquecê-los com a disponibilização de apostilas de todas as áreas do conhecimento, reportagens, vídeos, dicas e esclarecimentos de dúvidas

através do Messenger da página que hospeda o grupo. Enfim, tudo o que contribua para que o indivíduo amplie subsídios para sua reinserção no fluxo de escolarização e profissionalização legitimados na nossa sociedade.

Durante o ano de 2015, mesmo com todas as estratégias, não foi possível a realização das aulas presenciais do Projeto Sucursinho, ficando restrito somente no espaço virtual. Nesse ano, também, o Sucursinho ganha o espaço Sucursinho pedagógico (<https://web.facebook.com/groups/1586075898326641/>), que tem os mesmos objetivos do Projeto maior no qual se insere, porém, com o recorte direcionado à formação de professores e preparação para Concursos Públicos na área da Educação.

Iniciamos o ano de 2016, já com a captação de irmãos para as aulas presenciais, que foram retomadas e permanecem ativas e crescendo e acontecendo até a presente data na seguinte formatação:

- ✓ **SURCURSINHO**: Voltado ao ingresso na universidade, ao suporte escolar do Ensino Médio regular e a certificação através do ENCEJA e CEJA (Centros Estaduais de Educação de Jovens e adultos)
- ✓ **SURCURSINHO KIDS**: Voltado a alfabetização e ao suporte escolar de ensino fundamental e ao ingresso nas escolas de Ensino Fundamental (6ºano) e Ensino Médio regular e a certificação através do ENCEJA e CEJA.

Recentemente esse trabalho consolidou uma parceria com a EDUCAFRO, viabilizando a possibilidade de bolsas de estudo para ingresso na universidade e no Ensino Médio, entre outras expansões de atendimento. A EDUCAFRO é uma instituição sem fins lucrativos e que tem por objetivo geral, segundo sua página⁶⁵ institucional, é reunir pessoas voluntárias, solidárias e beneficiárias desta causa, que lutam pela inclusão de negros, em especial, e pobres em geral, nas universidades públicas, prioritariamente, ou em uma universidades particulares com bolsa de estudos, com a finalidade de possibilitar empoderamento e mobilidade social para população pobre e afro-brasileira. A seguir, foto da reunião de concretização da parceria em março de 2018.

⁶⁵ <https://educafrorio.org/>



Fotografia 14: Consolidação da parceria do Projeto Sucursinho com a EDUCAFRO (Fonte: acervo CEJA) ano 2018.

2. 5- Atividades Culturais

Um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado.

Emília Viotti da Costa, historiadora e estudiosa da História do Brasil.(2015)

Início a descrição deste espaço de atividades do CEJA com a citação acima pois ela remete a uma fala recorrentemente ouvida pelos filhos da casa. As Marias de nossas vidas repetem com frequência que dentro do processo de crescimento pautado na evolução é necessário explorar e compreender o caminhar da sociedade na qual estamos inseridos e seus processos epistemológicos de dominação e subalternização, para que não venhamos a perpetuar tais relações excludentes. Nesse contexto, começam a surgir a partir do ano de 2014 as atividades culturais dentro e fora do espaço físico do CEJA.

Geertz (2003), define cultura como uma teia de significados tecidos pelo homem. O autor afirma também que a orientação da existência humana esta pautada nessa teia.

O conceito de cultura que eu defendo, (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados (GEERTZ, 2003, p. 4).

Na busca desses significados de si, do outro e da sociedade, as atividades culturais são oportunizadas pela casa através da mobilização e iniciativa de seus participantes e de parcerias que se apresentam. Teatro, shows musicais, exposições de arte, visita a museus, palestras, oficinas, feiras, são alguns dos eventos já realizados nesse sentido.



Figura 1: Montagem de atividades culturais: A esquerda visita ao MAR, a esquerda e acima visita ao museu do Trem, a esquerda e abaixo primeira vez do grupo junto no teatro, Peça A gota d'água todos os eventos do ano de 2016 (Fonte acervo CEJA)

Muitos dos sujeitos pertencentes ao CEJA nunca haviam visitado um museu, ou ido ao teatro. Outras atividades interessantes e significativas são o Circuito Rio Antigo e os Caminhos do Imperador. A primeira consiste num circuito guiado pelas ruas do Centro do Rio de Janeiro observando, aprendendo e vivenciando fatos e espaços da história passada e presente e já aconteceu mais de uma vez com dinâmicas diferentes. A segunda foi um passeio por caminhos percorridos pelo Imperador e pelo Império, chegando até Petrópolis.

As relações, sentidos e significados tecidos ao longo das atividades culturais oportunizam, além de vivências e reconhecimento de identidades, também experiências de letramento.⁶⁶

A seguir imagens de algumas de oficinas realizadas pelo e no CEJA:



Figura2: Montagem de registro da Oficina de Turbantes realizada em 2017 (Fonte: acervo pessoal)



Figura 3: Montagem de registro da Oficina Abayomi realizada em março de 2018 (Fonte:Acervo pessoal)

A partir de março de 2018 o CEJA estabeleceu uma parceria com a Cidade das Artes, onde representantes desta tomaram conhecimento do trabalho realizado pela casa

66 Conceito a ser aprofundado no decorrer da apresentação da pesquisa.

e desde então quase que mensalmente temos conseguido gratuidade em peças teatrais de diversos gêneros em cartas no espaço citado acima. Contos Negreiros, com Rodrigo França; a Noviça Rebelde; O Cão Sem Plumas de Deborah Colker; Nefelibato com Luiz Machado foram alguns dos espetáculos assistidos por nós esse ano. No espetáculo O Cão Sem Plumas fomos alojados no camarote, experiência incrível e inesquecível retratada parcialmente nas imagens abaixo. Na montagem temos imagem do ingresso, de uma cena da peça, do cartaz de divulgação e do grupo que assistiu esse espetáculo.



Figura 4: Montagem de registro do Teatro com a peça Cão sem Plumas. (Fonte: acervo pessoal)

Outra parceria consolidada no campo das atividades culturais e que ampliam e tecem ainda mais essa teia de significados que nos constitui e na qual constituímos sentidos e significados, é a Escola de Samba Mirim Infantes do Lins. Tal parceria tem oportunizado a jovens e crianças desfilar com ala cativa já pelo terceiro ano na escola, bem como proporcionou outras possibilidades de reflexão na relação samba, cultura, luta e resistência. Essa expansão de ações foi materializada tanto através de visitação ao museu do samba quanto de palestras ligadas ao tema durante o evento Terreiro de Portas Abertas. A figura 17 retrata trechos do desfile de 2018, a ultima ala. Também a Ala com a fantasia Guerreiros da Fé, destinada ao JuCEJA e Kids CEJA. Os reponsáveis acompanharam atrás com a faixa que faz referência a uma fala de Cecília Meireles, num protesto de resistência aos cortes de financiamentos das Escolas de Samba Mirins.



Fotografia 15: CEJA na Avenida com Infantes do Lins no desfile das escolas Mirins de 2018
(Fonte: acervo pessoal)

2.6 Terreiro de Portas Abertas

A ancestralidade é a memória coletiva, é a habilidade de preservar a si mesma neste mundo que é maior que você, e o capitalismo tenta destruir nossas memórias, ele nos isola da natureza, das outras pessoas. Esse individualismo, em que ficamos fechados em nossa casa, acabou com o trabalho coletivo, tudo o que importa é o futuro, o progresso, o desenvolvimento. Isso enfraquece e esvazia a nossa existência. Porque você só pode resistir se se sentir parte de um corpo maior que você, se conhecer a história de quem lutou antes (FEDERICI, 2016, p.18).

Circularidade, oralidade, corporeidade, ludicidade, musicalidade, memória, ancestralidade, cooperativismo, religiosidade, energia vital, socialização, família, produção, são conceitos e valores ancestrais e afrodiaspóricos que permeiam o cotidiano das atividades do CEJA, mas que no evento denominado Terreiro de portas Abertas ganham destaque ainda maior.

Todas as características elencadas acima vem de África e no Brasil se encontram com conceitos similares de povos originários e aqui estabelecidos e que dialogam de forma a ampliar vozes na resistência ao projeto de extermínio epistemológico, físico e cultural que a dominação eurocentrada implementa com

sucesso durante muito tempo em solo brasileiro. Tais questões constituem uma memória coletiva impregnada da luta de nossos ancestrais: promover e debater o protagonismo desses conceitos no Terreiro de Umbanda vem de encontro a uma proposta de decolonização e de estreitamento do pensamento abissal que ainda predomina em nossa sociedade.

O evento, que já chegou a sua terceira edição, recebe convidados diversos para uma semana repleta de atividades de diferentes naturezas: artes, música, cultura, resistência e muita troca de saberes e fazeres, destacando o aspectos da memória coletiva na religião de matriz africana numa busca de encontro e reconhecimento de pertencimento de si e do outro para que se enfrente com embasamento filosófico o racismo cultural religioso que se propaga e se perpetua no Brasil.

Em sua primeira edição, Terreiro de Portas Abertas, abre a semana com um Debate sobre Racismo direcionado pela Professora Doutora Mônica Sacramento, discutindo inclusive o racismo epistemológico, atividade essa já citada anteriormente nesta pesquisa. Ainda nessa edição passaram pelo CEJA atividades de Teatro, Maracatumba⁶⁷, discussão sobre Samba, Patrimônio e sua mercantilização e um debate com o tema heróis e anti-heróis de ontem e de hoje. A Fotografia 14, a seguir, retrata a atividade do Maracatumba saindo dos muros do Terreiro e ganhando a rua.



Fotografia 16: Oficina de Maracatumba no I Terreiro de Portas Abertas (Fonte Acervo CEJA 2017)

67 Grupo que desfila na terça de Carnaval e que une Musicalidade, corporeidade, e outros elementos do Maracatu e Umbanda.

A segunda semana Terreiro de Portas Abertas vem trazendo para debate temas como Machismo, doenças sexualmente transmissíveis, drogas, gênero, sexualidade e direitos humanos no Terreiro de Umbanda. A edição seguinte apresenta Jongo, Capoeira, Samba, Musicalidade, e conta com a presença da Escola Ubuntu⁶⁸ e do Professor Jayro Pereira⁶⁹ sendo finalizada com a participação do Curimba CEJA⁷⁰ em seu segundo Festival de Cantigas de Axé.⁷¹



Fotografia 17: Escola Ubuntu e Família CEJA no Gira Afrocentrado no III Terreiro de Portas Abertas (Fonte acervo CEJA).

A filosofia Ubuntu afirma que o mundo e os indivíduos não são uma ilha. “Eu sou porque nós somos”, remete à memória coletiva e vivências compartilhadas que nos

68 Tem por objetivo constituir-se, na Década Internacional de Povos Afrodescendentes com início em 1 de janeiro de 2015 e final em 31 de dezembro de 2024, com o tema “Povos afrodescendentes: reconhecimento, justiça e desenvolvimento” como um movimento de justiça cognitiva, estabelecendo neste ideário, instituições e organizações de educação ancestral, negro-africana de referência na diáspora das Américas, voltada para a formação teológica afrocentrada visando a recomposição existencial da humanidade alvo das violências do colonialismo e da colonialidade interferencial das relações humanas ocidentalizadas e capitalizadas. Mais informações: <https://enugbarijo.wordpress.com/escolaubuntu/>

69 Graduado como Teologia (Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2006) e Ciências Religiosas (Licenciatura) pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2000). Atualmente é Conselheiro Técnico do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do RS, Presidente da Associação Nacional de Teólogos e Teólogas da Religião de Matriz Africana, e Diretor Geral da ESCOLA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA AFROCENTRADA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7936444134584954>

70 Espaço a ser descrito de forma mais densa a seguir na pesquisa.

71 Festivais de Cantigas são espaços em que os Terreiros inscrevem pontos criados pelos seus membros e concorrem a prêmios. Serão mais densamente descritos na seção Curimba CEJA, a seguir.

constituem. A Escola Ubuntu tem por tarefa difundir essa dinâmica civilizatória de visão de mundo africana, afrodiáspórica e ancestral e que pretende implementar, processualmente, um sistema de ensino, pesquisa e extensão alicerçado nos arcabouços filosóficos e teológicos afrocentrados e, nesse sentido, promove o Giro Afrocentrado nos Terreiros, convidando todos os praticantes das religiões de matriz africana a corporificar comportamentalmente existenciais alicerçados na visão de mundo Ubuntu.

As diversas ações do CEJA elencadas até aqui corroboram com a difusão da visão de mundo Afrodiáspórica e Afrocentrada potencializando o Terreiro de Umbanda como espaço de resistência/existência.

2.7- Curimba CEJA



Fotografia 18: Atabaques do CEJA, ano de 2017. (Fonte: Acervo pessoal)

Tambor , tambor
Vai me buscar quem esta lá longe tambor
Vai me buscar e traz sem demora tambor
Vai me buscrar nos tempos de Angola tambor
Chora meu cativoiro, meu cativoiro, meu cativerá
No tempo da escravidão
Nêgo veio nunca trabalhou
Sentado na sua senzala
Saravá Ogum
Saravá Pai Xangô
(Ponto de louvação ao Tambor, tradição Oral da Umbanda)

O atabaque, instrumento ilustrado na foto acima e louvado no ponto que abre essa seção, chega ao Brasil através dos negros escravizados e é utilizado na maioria dos cultos de matriz africana, incluindo a Umbanda.

No rito, tem a função de entoar as vibrações dos pontos cantados e rezas e evocar aos Terreiros de Umbanda a presença divina dos orixás e entidades trabalhadoras que chegam as casas para trazer seu axé⁷² e atender aos seguidores da religião.

Na Umbanda o conjunto dos toques e dos pontos cantados é denominado CURIMBA. Dependendo da nação⁷³ que influencia o trabalho do Terreiro, quem toca atabaque é denominado Ogum ou Curimbeiro.

Ponto cantado são canções ritualísticas de louvação características das religiões de matriz africana que tem, entre outras, a função de movimentar energia ao longo da gira⁷⁴ nos Terreiros, saudar, louvar, chamar, homenagear e se despedir de entidades e orixás.

Alguns adeptos e pesquisadores da religião classificam os pontos em: pontos de raiz e pontos terrenos. Pontos de raiz seriam aqueles trazidos e passados pelas próprias entidades que, muitas vezes, contam suas histórias e identificam o espírito que se apresenta nos Terreiros de Umbanda. Os pontos terrenos são aqueles compostos pelos seguidores e devotos da religião, são aceitos pela espiritualidade como forma de devoção, desde que alicerçados na fé e no amor.

72 Energia vital

73 Referente às diversidades de nações vindas de África que influenciam na configuração dos ritos nos terreiros de Umbanda e Candomblé

74

Muitas vezes a letra é simples, e traz marcas da oralidade⁷⁵. O que consagra um ponto não é a sua correção gramatical e ortográfica, mas seu potencial de captação e condensação energética.

Pontos cantados funcionam nos Terreiros de Umbanda como catalisadores do axé trazido pelas inúmeras forças magnéticas atuantes no local. Cada casa tem um conjunto de pontos próprios (que podem ser de raiz ou terrenos) mas que dentro daquele coletivo, daquela família de santo, tem uma grande importância e significado ritualístico e afetivo.

Compor um ponto a um orixá ou uma entidade muitas vezes é uma forma de homenagear e agradecer por todo auxílio recebido.

Abro essa dissertação com dois pontos terrenos compostos por membros do Curimba CEJA e que, em razão da energia que mobilizam no coletivo do CEJA, vem ganhando grande significado ritualístico e afetivo em nossa família espiritual. “Meu pai mais forte” e “Eu rezo e peço por esta mulher”, são composições já da atual configuração do Curimba CEJA. Entretanto, a história de composição de pontos terrenos no CEJA data dos tempos de sua fundação.

Ao longo da organização desta pesquisa, desde o sumário, nas aberturas de seção, são destacados fragmentos ou pontos cantados inteiros que foram criados pelos filhos do CEJA.

Pai Jocemar sempre viu na composição de pontos cantados uma forma de concretizar seu amor ao sagrado. Compôs inúmeros pontos que em sua totalidade estão descritos no compilado denominado Livro de Pontos Compostos pelo CEJA, construído pelo atual Curimba CEJA junto com as composições mais recentes.

Num dos livros até de 1982, encontramos uma passagem reproduzida a seguir nas figuras 5 e 6, onde Pai Jocemar narra seu desejo de compor um ponto que saúde todos os orixás a partir de um sonho.

75 Oralidade é uma característica marcante nos dos cultos de Matriz africana e será aprofundada nas seções seguintes desta dissertação.

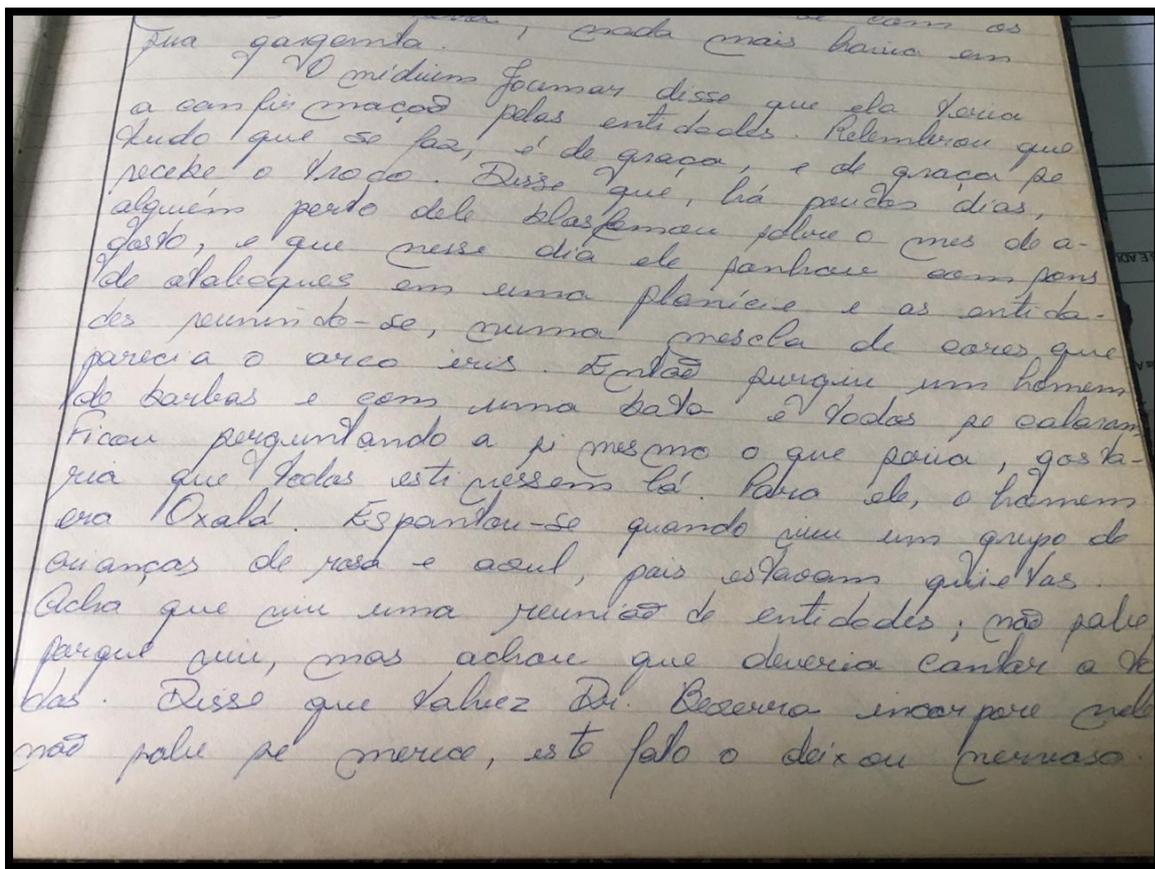


Figura 5: Passagem da página 16 do livro ata do CEJA de 1982, que descreve um dos processos de construção de ponto cantado como forma de homenagem aos orixás. (Fonte: Acervo CEJA)

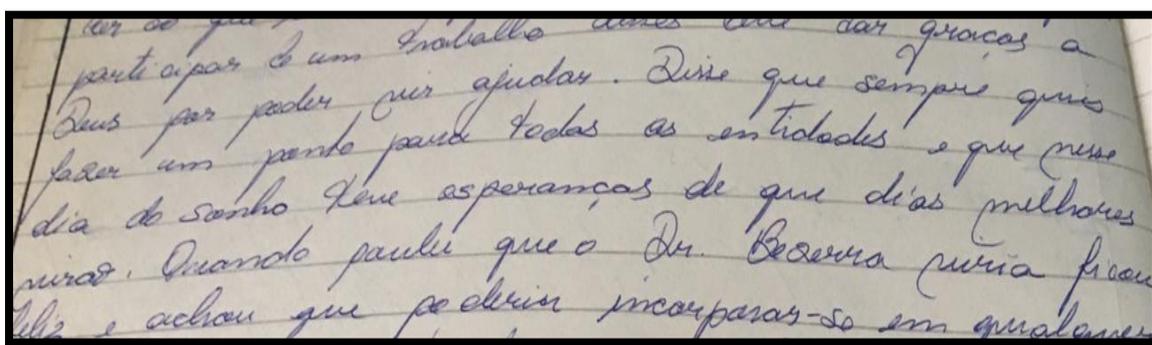


Figura 6: Continuação passagem do livro Ata (página 170 do CEJA de 1982 que descreve um dos processos de construção de ponto cantado como forma de homenagem aos Orixás (Fonte: Acervo CEJA)

Anos depois, ele compôs o ponto abaixo reproduzido, a fotografia 19 representa todos os orixás de Umbanda:



Fotografia 19: Foto do Congar⁷⁶ do CEJA: Todos os orixás (Fonte Acervo pessoal 2017)

Ponto para todos os Orixás

Autor: *Jocemar Machado*

Eu vi uma luz brilhar
Era o nosso Pai
Que veio para nos mostrar
Caminhos que a Umbanda nos conduz
Aiê eu Oxum
Odoiá Iemanjá
Saluba Nanã
Epahei Inhasã
Que linda a espada de Ogum
Que com sua força,
Se une a Xangô
Oxossi da matas virgens,
Seus olhos brilham num sorriso de criança
Atotô meu Pai, seus filhos vivem cheios de esperança
Ossanha Rainha das flores, seus campos lindos neste mundo de dor
Salve os Pretos Velhos
Que com humildade sempre nos dá muito amor
Vejam quanta beleza, neste canto de louvor

O Curimba CEJA como se apresenta hoje veio ganhando forma a partir de construções coletivas e desejo de aprender e aprofundar conhecimentos a respeito da casa e seus pontos cantados.

Durante décadas a casa nunca teve um Ogam ou uma curimba forma. A sustentação⁷⁷ dos pontos e dos ritmos era feita através do canto e das palmas.

⁷⁶ Mesmo que altar

Difícilmente as giras eram acompanhadas por um atabaque. Raramente quando o sobrinho carnal do Jocemar podia participava e realizava essa função de Curimbeiro ou Ogã.

Desde esse período o ponto cantado no CEJA acabava por ter um espaço maior de destaque em relação ao próprio tambor.⁷⁸

Por volta do ano de 2008, quando Mãe Denise se retira dos trabalhos da casa, uma das questões que mais me afligiu foi a possibilidade de dezenas de pontos cantados compostos pelo Pai Jocemar desaparecerem caso as atividades da casa não continuassem. Começamos então a organizar o registro escrito desses pontos e de outros também pertencentes aos rituais do CEJA.

Nesse mesmo período, por orientação de Dona Maria Mulambo das Sete Encruzilhadas, os atabaques que ficavam guardados no quarto usado para guardar pertences e trocas de roupa passaram a ficar definitivamente dentro do terreiro e passou-se a direcionar cuidados de alimentação de energia e consagração⁷⁹ a estes.

Num primeiro momento, esse registro e organização de memória coletiva dos pontos cantados do CEJA aconteceu de forma virtual, através do blog da casa que pode ser acessado em <http://centroespiritajusticaeamor.blogspot.com/p/pontos.html>. Posteriormente, foi organizado pelos filhos da casa um levantamento mais extenso de todos os pontos utilizados durante os rituais e produzida uma versão impressa para ficar acessível ao lado dos atabaques.

Circularidade, oralidade, coletividade e musicalidade⁸⁰ são alguns conceitos, como já citados anteriormente, que vêm da matriz africana e se ressignificam e perpetuam ao chegar ao Brasil. Conceitos estes muito presentes no espaço da curimba dos terreiros e, especificamente no Curimba CEJA. Sobre essas vivências dos cotidianos de axé Mãe Stella e Chauí (2010) afirmam:

A cada dia acontece uma lição de vida. Aprende-se de tudo, a comunicação com os mais velhos, com os mais novos, o trabalho em

77 Refere-se a expressão "não deixar o ponto ou a gira cair" que significa manter o padrão de vibração de energias elevado e correndo.

78 Outra forma de se referir ao atabaque

79 Imantação energética onde o atabaque é entregue aos cuidados da energia, vibração de uma entidade ou orixá para que este mantenha sua vibração e energia sempre adequados a chamada dos guias e mensageiros da casa e a condução dos trabalhos espirituais. O atabaque do CEJA é consagrado a Dona Maria Mulambo das Sete Encruzilhadas.

80 As questões de oralidade serão aprofundadas na seção a seguir. Para saber mais sobre os valores que constituem as bases da civilização africana, acesse: <http://antigo.acordacultura.org.br/pagina/Valores%20Civilizat%C3%B3rios>

grupo fazendo-se o que gosta ou que não gosta; e sobretudo aprende-se o gosto pela vida, numa estreita relação com o Orixá. (STELLA, , 2010, p. 2)

Numa sociedade que exclui, oprime, oculta conflitos e as diferenças sob a ideologia da igualdade, ainda que seja um fato biológico, ainda que todos sejamos memoriosos e memorialistas, a memória é um valor, um direito a conquistar (CHAUÍ,2010, 2010 ,p. 4).

A oralidade é uma característica muito presente nas religiões de matriz africana e ocupa destaque nos espaços de memória dos povos e comunidades de Terreiro. As curimbas sempre tiveram majoritariamente a oralidade como característica. Os pontos e tradições de toque eram passados de uma geração de santo a outra através da palavra falada. Em relação a oralidade, **Vanda Machado** (in Boaventura & Silva, 2004.p.110) afirma: oralidade que corresponde à natureza de memória, “depósito” de gerações sucessivas, com a mesma força vital em forma de relato, canto, dança, poesia, ritmo e emoção, elaborando a história e a vida cotidiana.

Dentro de um projeto epistemológico que propõe a valorização da cultura e a matriz africana, a expressão oral é uma força a ser potencializada, não como uma negação da palavra escrita mas como a possibilidade de trazer ao protagonismo a palavra falada. Oralidade esta ligada a nossa voz, ao nosso corpo e também parte de expressão corporal, nossa corporeidade.⁸¹

A respeito dessa relação profunda entre corpo, homem, cultura, movimento, musicalidade, Guerra (2008) elucida:

Podemos dizer que o som e o movimento são os mediadores na relação do homem com o meio e com o outro. Verificamos veementemente nesse homem integral que se apresenta na África, do qual somos descendentes, a expressão de suas emoções e transcendência através da dança, corpo, movimento, sons, ritmos, palavras, contagiando e penetrando no seu eu e nos outros seres a sua volta, o ímpeto mais sublime de “energia vital” que no Brasil é chamado de Axé (GUERRA, 2008, p. 2).

Esse axé, essa vida contida nas relações com todos esses conceitos está ligada a nossa memória coletiva e individual. Remontamos e recriamos nosso repertório musical-corporal-cultural e reforçamos esse movimento circular de não fragmento de saberes expressos nessa pesquisa ao investigar a relação entre oralidade e letramento no

81 Conceito civilizatório africano que trata das relações entre corpo-cultura-homem.

Terreiro de Umbanda CEJA através da observação das relações tecidas no espaço do Curimba CEJA.

Nesse movimento contínuo de circulação de saberes, o JuCEJA começa sentir a necessidade de se aprofundar nos conhecimentos a respeito de ritmo e musicalidade dos pontos cantados no CEJA e com isso vão constituindo espaço no cotidiano do Terreiro para estudar e trocar conhecimentos sobre esses assuntos. Nasce, assim, a configuração atual do Curimba CEJA.

Semanalmente, o grupo se reúne antes da gira para trocar conhecimentos, ensinamentos e experiências sobre toques e pontos e numa busca de resgate e registro de memória individual e coletiva, da curimba do Centro Espírita Justiça e Amor. Este espaço é aberto para todos os que desejarem participar. Da oralidade característica das curimbas dos terreiros começaram a nascer no Curimba CEJA registros de formas diversas, ou seja, diferentes expressões de letramento.⁸²

Partindo de uma perspectiva que entende letramento como os diversos usos e formas da escrita, podemos citar de forma introdutória os livros de pontos, o símbolo do Curimba CEJA, os diálogos e materiais produzidos no grupo de *Whatsapp* que é usado para ampliar espaços de estudo do Curimba CEJA⁸³, os Festivais de Cantiga nos quais a casa se insere a partir do Curimba CEJA, as vivências de mundo a partir desse contexto para destacar oralidade e letramento no Terreiro de Umbanda como um movimento que promove o movimento de circularidade da leitura da vida para a vida na leitura.

Nos próximos capítulos serão abordados de forma mais profunda e descritiva as conceituações, relações e observações a respeito destas questões.

82 O conceito de letramento será aprofundado na seção seguinte, entretanto, de forma introdutória, pode-se afirmar que para efeito desta dissertação letramento é abordado na diversidade de possibilidades de leituras que transcendam a palavra escrita.

83 Para saber mais acesse: <https://chat.whatsapp.com/8plyv00UHms88zLcUnszZn>

Centro Espírita



Justiça

E

Amor

Figura 7: Símbolo do CEJA. Ponto Riscado da casa, traz os elementos de Xangô, Oxum e Oxalá.

CAMINHOS QUE A UMBANDA NOS CONDUZ: ORALIDADE E LETRAMENTO NO TERREIRO DE UMBANDA

3.1 Oralidade: palavra falada, energia criadora

Quando morre um africano idoso, morre uma biblioteca
Provérbio Africano

Nesta seção da pesquisa aprofundaremos a discussão a respeito da oralidade, um dos princípios civilizatórios de África ,inicialmente aqui anunciado na apresentação do **Curimba CEJA**.

A palavra tem um destaque tão grande na constituição e organização da sociedade africana que se acredita que dela se emana e se compartilha o próprio axé. Carregada de força e vida, a palavra constitui-se com elemento transformador e dinamizador de culturas, seres e sociedades. Concepções e práticas estas ainda vivas e presentes no cotidiano das religiões de matriz africana e, conseqüentemente no Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor.

Para as religiões de matriz africana, a palavra falada é dotada de origem divina. É força criadora não só pela perpetuação e transformação de conhecimentos, mas por ser elemento desencadeador de ações e energias vitais, chegando a gerar vida, fato relatado em muitos dos Itans⁸⁴ das diferentes nações africanas⁸⁵. Nação dentro da ótica de África pode ser definido por grupo de sujeitos com características históricas e culturais em comum, estrutura esta que ainda hoje se perpetua na organização dos Terreiros de Candomblé os quais mantêm e perpetuam as tradições, ritos e culturas da nação africana de que descendem.

A palavra é também instrumento de organização social e de prática política, visto que as decisões da família, comunidade ou nação são tomadas mediante discussão das questões e orientadas pelo legado ancestral. A respeito do protagonismo da oralidade, Schiffler (2017) discute:

84 Lendas africanas que tratam da origem da vida e dos orixás, entre outros.

85 Para maiores esclarecimentos ler: E OGUM CHAMOU AS CORAS: ORALIDADE E VOCALIDADE NA POÉTICA DOS ORIXÁS, disponível em <https://www.redalyc.org/html/5124/512451669010/>

A importância da cultura de tradição oral aponta para diversas comunidades e produções performáticas contemporâneas, como alguns povos africanos e parcelas da sociedade brasileira. A oralidade, que muitas vezes tem sua relevância negligenciada diante dos críticos da cultura, no entanto, forma a base da produção literária a que hoje se reconhece como canônica. (SCHIFFLER, 2017, p. 113)

Uma das personificações da importância da palavra ou oralidade destacada na citação acima é a figura do *Griot*. Em África, enquanto cultura de tradição oral, os *Griots* são figura importante em muitos países. Estes são os responsáveis por informar, educar e perpetuar a cultura, forma de vida e fatos históricos de um grupo social. No Terreiro de Umbanda podemos associar a figura do *Griot* aos Pretos Velhos e Pretas Velhas sentados em seus banquinhos, “pitando”⁸⁶ cachimbo e conversando com os filhos e filhas da casa sobre histórias vividas no tempo do cativo, da dor, da diáspora africana, da luta pela resistência, libertação e perpetuação do seu sagrado.

As histórias passadas de uma geração a outra de forma oral vão partindo das memórias individuais dos membros daquela comunidade ou terreiro e passam a constituir a memória coletiva do grupo, influenciando diretamente na constituição de suas identidades e pertencimentos socioculturais. A respeito da importância sociocultural de momentos como o que acaba de ser relatado Schiffler (2017), elucida e Fonseca (1996) amplia:

A valorização da tradição oral é de grande relevância em locais cuja produção cultural e, inclusive, a história não estão sistematizadas, integral ou parcialmente, em arquivos impressos ou imagéticos. Nessas culturas, o repertório assume posição de relevo e deve ser valorizado como fonte de saber e arte, independente do julgamento de culturas ocidentalizadas pautadas unicamente em arquivos materiais (SCHIFFLER, 2017, p. 127).

A literatura oral é funcional na medida em que responde a uma necessidade e a uma utilidade social. Por um lado constitui um meio de preservar e transmitir de forma expressa ou não os elementos essenciais da memória coletiva; por outro lado, as memórias são susceptíveis de serem adequadas às necessidades cruciais num dado momento histórico (FONSECA, 1996, p. 25).

Outra característica marcante da oralidade é o dinamismo. Cada narrativa será falada/ouvida uma única vez, mesmo quando reproduzidas novamente as mesmas histórias, serão permeadas por inclusões ou omissões de quem fala. A respeito dessa e

86 O mesmo que fumando

outras características da Oralidade recorremos a Fonseca (1996), para aprofundar a discussão. O autor elenca inúmeras marcas da Oralidade e aspectos relevantes a serem considerados na sua análise:

- a) a associação da palavra dita com o espaço e o tempo da enunciação;
- b) a imediata relação com o público;
- c) a coletividade da criação verbal, estabelecida pelo contato com o público;
- d) a tradicionalidade;
- e) a adaptação do texto aos novos contextos;
- f) a persistência ao tempo e à tecnologia, tendo em vista que exerce influência ativa na vida de indivíduos e populações;
- g) a prática social reiterada de geração a geração;
- h) a mobilidade, pois cada narração é ouvida uma única vez, contando com omissões e ampliações a cada apresentação, daí a variabilidade do texto;
- i) o anonimato, uma vez que não é possível identificar o autor primeiro e, em função do caráter coletivo, os narradores (griots¹⁶ ou mpovis em kiCongo) são também coautores da tradição;
- j) o valor dado ao griot, mérito é reconhecido pelos recursos linguísticos que utiliza pela mensagem transmitida conforme a expectativa do grupo, pela capacidade de utilização de ditos e provérbios, e pela constante troca com a plateia;
- k) o caráter coletivo, funcional e participado;
- l) o caráter migratório, que propicia o surgimento de versões dispersas em diversos lugares, adaptadas ao novo contexto;
- m) o uso de recursos outros que não apenas a voz, como a mímica, os gestos coreografados, as canções, o compasso, o ritmo, as onomatopeias, os coros, o bater de pés e o uso de instrumentos musicais;
- n) o aspecto funcional (FONSECA, 1996, p. 27).

Dentro do Curimba CEJA, recorte de estudo da presente pesquisa, a presença de aspectos da oralidade descritos acima por Fonseca (1996) é marcante em inúmeros aspectos. O primeiro deles é marca das curimbas de terreiro em geral, pois estas são um espaço de pontos cantados e por consequência tem na oralidade, na palavra falada, a forma maior de expressão, existência e de relação imediata com o público e com o seu sagrado.

Outro aspecto relevante da oralidade que se destaca no Curimba CEJA é a tradicionalidade. Uma materialização disso está nos pontos terrenos compostos por Pai Jocemar, se estes não fossem oralmente passados de uma geração à outra, teriam se perdido ao longo dos anos, visto não existirem à época registros escritos. Como

ressaltado na seção anterior, o livro de pontos da casa⁸⁷ só foi organizado muito recentemente a fim de ser mais um instrumento de registro dessas memórias.

A prática social reiterada de geração em geração, a coletividade da criação verbal e a persistência ao tempo também são características da oralidade descritas por Fonseca (1996) que estão muito presentes no espaço do Curimba CEJA. Tais aspectos da oralidade são identificadas no Curimba CEJA através de dois movimentos: 1) pela perpetuação dos pontos e cantos ritualísticos e 2) pela continuidade de compor pontos terrenos em homenagem aos orixás e entidades, que foi iniciada na casa por Pai Jocemar e atualmente tem continuidade através do Curimba CEJA.

O caráter migratório da oralidade é facilmente identificado no que se refere aos pontos cantados, sejam eles de raiz ou terrenos. É extremamente comum encontrarmos variações na forma de apresentação dos pontos cantados, seja ela referente a ritmo ou letra, de um terreiro para o outro. Suas características são modificadas de acordo com o grupo de falantes. Ou seja, o mesmo ponto é cantado de forma diferente de acordo com o contexto litúrgico cultural em que se insere.

Através da oralidade, a expressão de fé e força toma forma através dos pontos cantados, das narrativas de memórias coletivas e individuais passada de uma geração para outra através da “boca” dos mais velhos e assim vão se perpetuando e ressignificando todo um legado cultural ímpar, que é cada comunidade de terreiro, estando assim relacionada diretamente com a produção de sentidos e, portanto, diretamente relacionada aos processos de letramentos⁸⁸ dos sujeitos.

87 Casa aqui se refere ao CEJA

88 Nessa pesquisa letramento assume o contexto de produção de sentidos, questão que será discutida mais ampla e profundamente na seção seguinte.



Fotografia 20: Curimba CEJA apresentando o ponto Xangô Maleime meu Pai Xangô – criado pelo grupo, no Festival de Curimba Vozes do Axé em 2017 (Fonte: Acervo pessoal).

A oralidade dinamiza os espaços/tempos dentro e fora cotidiano do Axé⁸⁹, como exemplificado na Fotografia 20 ,oportunizando um conhecimento de mundo através da vivência da energia dos orixás, da comunhão com a natureza e com o outro, da vida em sociedade e de todas a multiplicidades de sentido presentes no culto ao nosso sagrado.

A Umbanda, mais do que uma religião, é uma filosofia de vida pautada no respeito mútuo, na diversidade, na luta, na coletividade e produção de saberes, ou seja, toda uma cultura, perpetuada e ressignificada através da oralidade.

Nesse movimento circular e constante de produção de sentidos, oralidade e letramento se tangenciam. Letramento, dentro de uma perspectiva abrangente de leitura para além da palavra escrita, está diretamente relacionado a leitura de mundo⁹⁰ e a produção de sentidos. Sentidos estes que são ampliados mediante às vivências de mundo dos sujeitos.

Reconsiderar a posição da oralidade vai muito além do reconhecimento de culturas como a indígena, afro-brasileira e africana como bases fundamentais da história e cultura brasileira. Tem a ver,

89 Aqui usado como sinônimo de Terreiro

90 Freire, Paulo, 1921 – F934i A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

também, com a superação de um modelo hegemônico hierarquizante que ao longo dos séculos tem enfatizado uma “visão restrita de conhecimento, ignorando e até mesmo desprezando outros conhecimentos, valores, interpretações da realidade, de mundo, de sociedade e de ser humano acumulados pelos coletivos diversos” (GOMES, 2006, p. 36). Torna-se um exercício urgente e necessário à sociedade brasileira como forma de contribuir para importantes transformações sociais e para a construção de uma efetiva educação justa, democrática e antirracista (ARAÚJO, 2015, p.15).

A subalternidade a qual é renegada a oralidade, discutida acima nos fragmentos de Gomes (2006) e ARAÚJO, (2015) é parte de um projeto hegemônico colonial que investe no apagamento das identidades outras, ampliando assim a linha de pensamento abissal.⁹¹

Uma materialização desta inferiorização é verificada na sentença da ação pública civil movida pelo Ministério Público em 2014 contra um site que hospedava vídeos que propagavam ódio e racismo religioso. O juiz afirma na sentença que “cultos afro-brasileiros não constituem religião”; e que as “manifestações religiosas não contêm traços necessários de uma religião a saber, um texto base (corão, bíblia etc.), estrutura hierárquica e um Deus a ser venerado”. Em resposta o Ministério Público entra com recurso e rebate:

Fosse pouco, o juízo singular afirmou que não se trata de religião porque as manifestações religiosas afro-brasileiras “não contém um texto básico”, tendo, ainda por cima, exemplificado “(corão, bíblia etc)”. Nesse ponto específico, note-se, aliás, o prolator desconsiderou por completo a noção de que as religiões de matrizes africanas estão ancoradas nos princípios da oralidade, temporalidade, senioridade, na ancestralidade, cujos fundamentos, entretanto, não serão aqui analisados a fundo.

O exemplo acima ratifica a existência de um projeto de dominação epistemológica, que se propõe a invisibilizar a oralidade e, por consequência, o Terreiro de Umbanda enquanto espaço legítimo de construção de saberes, fazeres, linguagens e produção de cultura. Combater esse modelo hegemônico contribui para a superação do pensamento abissal e para a implementação de um projeto de sociedade decolonial onde a pluralidade dos seres e saberes possa vir a ser valorizada de uma forma mais igualitária.

O Terreiro de Umbanda CEJA, enquanto espaço de produção de saberes à medida que, tendo a oralidade como protagonista, parte da leitura da vida através das

91 Para mais informações ver página 33 desta dissertação.

dimensões filosófica, religiosa, cultural e social e cria espaços para que os indivíduos descubram vida na leitura, não das letras, mas de mundo, assume sua parte no combate ao projeto de dominação epistemológica hegemônica, que subalterniza a oralidade, imputando a esta uma condição de inferioridade em relação a cultura escrita.

3.2 Letramento: algumas considerações

O que somos, o que sabemos, nosso poder de afirmação passa pela linguagem. Discutir a linguagem é ir ao encontro de uma multiplicidade de questões que desafiam o pensamento.
Se “tudo é linguagem”, faz-se necessário conhecer melhor a linguagem nossa de cada dia.
Se a linguagem, como objeto de estudo, diz respeito a várias ciências... é preciso abordá-la por diferentes enfoques.
(A Magia da Linguagem, 2001, Contracapa).

Ao longo das últimas décadas, tem-se observado que o termo alfabetização, entendido como apropriação do código escrito, adquiriu outras dimensões. Não basta somente ler e escrever as letras: faz-se necessário apropriar-se das múltiplas linguagens presentes no cotidiano de nossa sociedade e da leitura em suas diversas expressões e usos sociais. A este movimento podemos denominar letramento.

Segundo Mota (2007), a palavra letramento foi incorporada ao vocabulário educacional recentemente, fruto da necessidade de se diferenciar o conceito de letramento do de alfabetização. Segundo Soares (2004), a palavra letramento aparece pela primeira vez em um texto de Mary Kato, publicado em 1986, mas é só em 1988 que Leda Tfouni define a palavra com um significado técnico.

Tfouni (1997) distingue assim os termos alfabetização e letramento: “Enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo e indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (p. X).

Magda Soares (2004), em seu artigo Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos, afirma também a respeito do surgimento do termo letramento, que este pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização.

Falando em leitura podemos ter em mente alguém lendo jornal, revista, folheto, mas o mais comum é pensarmos em leitura de livros. E quando se diz que uma pessoa gosta e lê”, vive lendo “, talvez seja rato de biblioteca ou consumidor de romances, histórias em quadrinho e fotonovela... sem dúvida o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como decodificador de letras. Bastará porém decifrar palavras para acontecer à leitura? Como explicáramos as expressões de uso corrente “fazer a leitura de um gesto ou situação;”ler o olhar de alguém;”ler o tempo”, indicando que o ato de ler vai além da escrita? (MARTINS, 1982, p. 9).

Nesta perspectiva, ler é muito mais abrangente do que somente decodificar símbolos. Ler é produzir sentidos. Nessa ótica desde os nossos primeiros contatos com o mundo estamos dando os passos iniciais a aquisição da leitura.

Ao identificarmos o cheiro do peito e a pulsação de quem nos alimenta, a voz que nos acalenta ou o colo que nos protege, desde tenra idade, estamos produzindo sentidos e “leituras” do mundo que nos cerca.

Nesse movimento natural de atribuir sentido a tudo a nosso redor, estamos iniciando nosso caminho no processo de apropriação da leitura. Freire (2006) afirma isso ao nos dizer que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. A palavra está no mundo que a constitui de sentido e validade e nesse mundo que estamos e assim compreendemos e interagimos com a palavra que é dinâmica e em constante significação.

Entende-se, nesse estudo, por leitura de mundo tudo aquilo que produz significado e sentido para o indivíduo. São os olhares, os cheiros, os toques, os gostos, os saberes que temos e acumulamos na nossa vivência diária, nossa linguagem, aquilo que somos, nossas representações e símbolos, nosso conhecimento acumulado ao longo de nossa existência.

É nesse sentido que a leitura de mundo precede e propicia a leitura da palavra, criando condições e construindo as relações que viabilizam e embasam o aprendizado e aquisição da leitura e da escrita, como exposto por Martins (1982):

O leitor pré existe á descoberta do significado das palavras escritas; foi-se configurando decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais as oriundas do intercâmbio do seu pessoal e o universo social e cultural circundante (MARTINS,1982, p.17).

Ao iniciarmos a organização dos conhecimentos adquiridos a partir de situações cotidianas e de nossa atuação sobre elas; quando começamos a estabelecer

relações entre as experiências e o tentar resolver os problemas que se apresentam diante de nós estamos então procedendo leituras. Ao incorporar tais experiências de leitura estamos construindo subsídios para a leitura da palavra escrita e ampliando espaços de letramento.

Por que razão, nos dois últimos séculos, dominou uma epistemologia que eliminou da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento? Quais foram as consequências de uma tal descontextualização? São hoje possíveis outras epistemologias? (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

Boaventura, no trecho destacado acima, nos convida a refletir sobre as consequências da eliminação dos contextos culturais e políticos nas reflexões a respeito do conhecimento e denuncia o apagamento de identidades e saberes através desta estratégia de silenciamento.

O ponto de partida para uma análise, tanto quanto possível sistemática, da conscientização, deve ser uma compreensão crítica de seres humanos como existentes no mundo e com o mundo. Na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente, a conscientização, como a educação, é um processo específica e exclusivamente humano. É como seres conscientes que mulheres e homens estão não apenas no mundo, mas com o mundo. Somente homens e mulheres como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade é expressá-la por meio de sua linguagem criadora (FREIRE, 1982, p. 63).

As falas de Boaventura e Freire deixam evidente a importância da observação das múltiplas linguagens, saberes, fazeres e leituras tecidas nos espaços de educação formal não escolar e ratificam a importância do campo de estudo desta dissertação: o cotidiano do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor e o pensar este espaço/tempo enquanto movimento de resistência, e sua relação, influência e/ou inferência no processo de letramento e empoderamento dos sujeitos implicados.

Para fins deste estudo entende-se empoderamento como as ações espirituais, sociais, culturais e educacionais realizadas neste espaço de forma coletiva que possibilitam a conscientização sobre os direitos sociais e civis, levando a concretização da emancipação individual e também da consciência coletiva necessária para a superação da dependência social, dominação política e da condição de subalternidade.

O Centro Espírita Justiça e Amor, como dito anteriormente, é um Terreiro de Umbanda, religião de matriz africana, situado na periferia da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro,.

Fundado na década de 40, destaca-se como objeto de estudo dessa pesquisa por suas inúmeras ações dentro e fora do cotidiano ritualístico da religião Umbanda que abrigam práticas de oralidade e letramento e contribuem na promoção de emancipação dos sujeitos implicados.

Tais ações permeiam aspectos ritualísticos, sociais, culturais, emocionais num movimento de educação formal não escolar, em prol da ampliação de sentidos, identidade étnico-racial, conhecimento de mundo e práticas sociais diversas de leitura de mundo e letramento.

A Umbanda, como já explicitado anteriormente, é uma religião pautada na manipulação dos elementos da natureza e na manifestação dos espíritos para a prática da caridade.

Efetivar comunicação, mais do que transmitir sua palavra, é para o espírito, segundo algumas vertentes espíritas, a oportunidade de crescer e evoluir através do serviço fraterno. Ao estarem impossibilitados de participar e servir, estes grupos de espíritos desencarnados estariam, também, excluídos de uma etapa importante de seu processo de evolução.

José Francisco Miguel Henriques Bairrão⁹², docente de Psicologia Social na USP, onde coordena o Laboratório de Etnopsicologia, que estuda fenômenos ligados à Umbanda, diz que a história cultural brasileira pode ser aprendida e apreendida não apenas em livros de história, mas também em terreiros de Umbanda.

Segundo Bairrão, a Umbanda reinterpreta os valores, as visões históricas e os acontecimentos nacionais, dialogando com a realidade. As classes de pertença de seus espíritos refletem também grupos que geralmente sofrem ou sofreram exclusão social, uma marca de resistência e preservação de um modo de dialogar com a realidade social

92 José Francisco Miguel Henriques Bairrão graduou-se em Psicologia e em Filosofia pela Universidade de São Paulo (FFLCH e IP). Doutorou-se em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (IFCH) e é Livre-Docente pela Universidade de São Paulo (FFCLRP). Atualmente é pesquisador e docente de Psicologia Social no Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Coordena o Laboratório de Etnopsicologia desta instituição, onde orienta e desenvolve pesquisas pautadas pelo interesse em não divorciar reflexão epistemológica (Epistemologia da Psicologia, Filosofia da Psicanálise) e pesquisa empírica (Psicologia da Cultura, Psicologia da Religião), bem como abertas a argumentos e contribuições interdisciplinares. Para saber mais acesse: CV: <http://lattes.cnpq.br/6050765190622445>

de forma a articular, pelos rituais, a inclusão social. A análise e descrição realizada pelo autor retrata e reflete o coletivo de características do Curimba CEJA.

Artes, música, teatro, palestras, debates permeiam o dia a dia do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, possibilitando que edifique-se, nos utilizando de FREIRE (1998) e fazendo uma pequena adaptação, “um [terreiro] que porque ensina reflete, porque reflete politiza e porque politiza insere a pessoa no mundo e em suas circunstâncias, não apenas para que viva na mesma, mas, sobretudo para que construa e transforme” (p. 32).

A idealização e o movimento de implementação e de expansão das atividades que passam da leitura da vida para vida da leitura e que se efetivam no campo de observação deste estudo foram e são idealizados e orientados em sua grande maioria pela espiritualidade dirigente do CEJA, não configuram regra entre os praticantes da religião.

No local de realização da pesquisa, é possível identificar um espaço ainda pouco reconhecido e explorado de educação formal não escolar que, através de ações como: o Curimba CEJA, atividades culturais diversas, projetos escolarização, preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e o Exame Nacional de Certificação de Jovens e Adultos - ENCEJA; atividades socioculturais; trabalho de escuta fraterna; orientação educacional; orientação profissional e vocacional; fortalece e amplia o alcance da educação formal do grupo ao qual atende, oportunizando a estes a tomada de consciência de sua presença atuante e transformadora no mundo.

Embora não seja o foco do debate da pesquisa aqui apresentada, é interessante relatar que os voluntários do projeto Sucursinho, não usam o a expressão “reforço escolar”. Estes afirmam que não querem reforçar a exclusão e a opressão da escola, ao contrário, trabalham para minimizar os efeitos nocivos do formato meritocrático e excludente deste tipo de instituição que alimenta preconceitos e a marginalização de direitos, e, portanto, não oferecem projetos de reforço escolar e sim de escolarização.

É importante destacar que, embora a escola tenha uma marca excludente historicamente construída pelos projetos de manutenção do poder e da segregação social/cultural, ela também é um espaço possível de luta e debates democráticos, de cujo interior germinaram importantes transformações e combate às exclusões e injustiças ao longo de nossa história, e de onde também encontramos a fomentação de ideais contra-hegemônicos na busca do alicerçamento e da construção do pensamento decolonial.

3.3. Leitura, Linguagem, Letramentos no Terreiro de Umbanda: da leitura da vida para vida na leitura

Martins (1982), em seu livro – O que é leitura? – afirma que:

A ideia de leitura é normalmente restrita ao livro, a jornal. Leem-se palavras e nada mais, diz o senso comum. As ciganas, contudo, dizem ler a mão humana, e os críticos afirmam ler um filme. O fato é que, quando escapa dos limites do texto escrito, o homem não deixa necessariamente de ler. Lê o mapa astral, o teatro, a vida e forma a sua compreensão de realidade (MARTINS,1982, contracapa).

O surgimento de novas linguagens e a afirmação do valor de outras como a linguagem oral na sociedade contemporânea desencadeia novas práticas sociais de leitura e escrita e, portanto, novas formas de letramento que passam por novos olhares, e oportunizam e contribuem para o despertar de consciência histórica, formas de compreender e viver dentro do grupo social.

Neste sentido, foi discutido nesta pesquisa que a apropriação dos espaços informais de educação pela sociedade amplia as possibilidades do letramento pelos indivíduos e permite mais do que ler além das letras: possibilita ao sujeito se movimentar dentro da pluralidade de linguagens e saberes existentes em nossa sociedade, transformando estes em instrumentos de crescimento, inserção social e, conseqüentemente, de construção da autonomia, exercício de cidadania e empoderamento.

Para Vigotsky (1998), a linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos, sendo a principal mediadora entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Em cada situação de interação, o sujeito está em um momento de sua trajetória particular, trazendo consigo determinadas possibilidades de interpretação do material que obtém do mundo externo.

A linguagem, segundo o autor, age decisivamente na estrutura do pensamento, e é ferramenta básica para a construção de conhecimentos e mediação social.

O desenvolvimento do indivíduo perpassa pela linguagem, pois é através dela que o sujeito compreende e age no mundo. Ele se constitui como tal à medida que interage com os outros, sendo sua concepção e conhecimento de mundo resultado desse movimento social de interação. Esse sistema comunicativo é, pois, uma forma de ação, um lugar de interação que possibilita aos indivíduos de uma sociedade a prática de diversas ações.

As práticas de educação formal não escolar dentro do cotidiano do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, mais especificamente no Curimba CEJA, refletem o paradigma de que é na interlocução que a linguagem e o sujeito se constituem.

Este tem por eixo propulsor de suas ações as múltiplas linguagens (artística, musical, plástica, escrita, oral, etc.) que são o elemento mediador do processo de letramento dos indivíduos e oportunizam a constituição de estratégias que tomam o papel desse sistema simbólico na formação da consciência e empoderamento dos indivíduos.

Destacar e legitimar essa prática educativa inclusiva e alicerçada na ancestralidade, que acolhe a diversidade, que abriga valores democráticos e que se consolida como espaço privilegiado na formação do exercício da cidadania, na construção crítica dos conhecimentos e na formação do leitor/autor proficiente e letrado nesse *locus* ainda pouco explorado pela Academia, constitui elemento relevante e de contribuição significativa para que se efetive e expanda cada vez mais práticas educacionais que possibilitem ao indivíduo descobrir o que quer, aprender o sentir, construir maneiras diferentes de pensar e, dessa forma, agir e proceder com alegria e coerência, paixão e entusiasmo, abnegação e consciência.

Em seu livro *Letramentos Sociais: Abordagens Críticas do Letramento no Desenvolvimento, na Etnografia e na Educação*, Brian Street, traça um panorama sobre a pesquisa realizada no campo de letramento até então destacando o recente interesse dos estudiosos na perspectiva teórica e transcultural.

Quero contemplar o letramento, primeiramente, fora do arcabouço da educação em que se vê invariavelmente inserido nas discussões nos Estados Unidos; oferecer análises qualitativas em vez de quantitativas; e situar as práticas de letramento no contexto do poder e da ideologia, e não como uma habilidade neutra, técnica (STREET, 2014, p. 23).

Street (2014) amplia a concepção de letramento para além dos processos de escolarização localizando-o como território de confronto e poder. O Curimba CEJA traz esse legado ancestral de resistência ao apagamento e embate pela existência de toda uma cultura , como já aprofundado nas seções anteriores, devido ao contexto histórico e a herança afro-diaspórica que traz em sua subjetividade.

O mesmo autor afirma que durante um período o foco da pesquisa acadêmica priorizava as consequências cognitivas da aquisição do letramento e a sociolinguística

dava ênfase na dicotomia letramento e oralidade. Neste livro o autor propõe uma abordagem diferente, um olhar sobre a etnografia do letramento abordando a natureza social do letramento e o caráter múltiplo das práticas letradas, considerando que não há um “Letramento” mas, sim letramentos no plural.

Tal abordagem vem ao encontro em múltiplos sentidos com o objeto de estudo da presente pesquisa que tem por objetivos identificar as práticas de oralidade e letramento próprias deste espaço religioso; categorizar as práticas de oralidade e letramento específicas do espaço religioso e seu diálogo com as práticas de outros espaços de vida dos sujeitos implicados e estabelecer a relação entre a oralidade e o letramento promovido através do Curimba CEJA e seu diálogo com as práticas de outros espaços de vida dos sujeitos implicados.

O mesmo autor estabelece ainda relação entre letramento e identidade. As práticas de letramento são constitutivas da identidade e da personalidade e quaisquer que sejam as formas de leitura e escrita que aprendemos e usamos, elas são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis a desempenhar.

Nesse sentido, as ações de letramento no espaço do Curimba CEJA, devido à diversidade de sua natureza e da pluralidade de sentidos e existências que abrange, implicam na construção das múltiplas identidades que o constituem. O letramento vivenciado nesse espaço atua inclusive no combate a invisibilidade das minorias que o compõe. Invisibilidade esta que é consolidada (se não for combatida) dentro de um ideário de subalternização ao longo da concretização do projeto colonizador vigente ainda na contemporaneidade e que se propõe a docilizar corpos e mentes.

Street (2014) também realiza a diferenciação dos termos “práticas de letramento” e “eventos de letramento”.

Segundo Street, o termo “práticas de letramento” descreve a “especificidade dos letramentos em lugares e tempos particulares” (2014,p.18), e este é um desenvolvimento do termo “eventos de letramento proposto por HEATH que refere-se a “qualquer ocasião em que um trecho da escrita é essencial à natureza das interações participantes e seus processos interpretativos” (HEATH, 1982, p.33). Ou seja, eventos de letramento são atividades particulares em que o letramento tem um papel e podem ser atividades repetidas; as práticas de letramento, no entanto, são modos culturais gerais de utilização do letramento aos quais as pessoas recorrem num momento letrado.

Na constituição do Curimba CEJA foi possível observar eventos nas duas categorias descritas. As especificidades da linguagem, ritmos e ritos utilizados, assim como toda herança ancestral e cultural inerentes as subjetividades do Curimba CEJA são exemplos de “práticas de letramento” neste espaço. Quando esse coletivo ultrapassa as paredes do Terreiro de Umbanda e ocupa os Festivais de Axé e de Cantigas, devido à presença mais marcante da palavra escrita nestes espaços, consolidam-se “eventos de letramento”. A elaboração dos livros de ponto, a escrita da letra dos pontos compostos, o material de leitura para estudo dos pontos e ritmo, também configuram-se como “eventos de letramento” neste espaço.

Mudar o paradigma para essa percepção de letramentos múltiplos e sociais implica diretamente na necessidade de ir além de ensinar aos sujeitos aspectos técnicos das “funções” da linguagem. Implica em seguir para bem mais, oportunizá-los a adquirir consciência da natureza social e ideologicamente construída das formas específicas que habitamos e que usamos em determinados momentos. Movimento este presente constantemente nas atividades cotidianas do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor e no Curimba CEJA, conforme descrito em muitos momentos desta pesquisa.

Street, no mesmo livro, também discute letramento e mudança social e nesse sentido descreve dois modelos de letramento “autônomo” e “ideológico”.

Dentro do quadro do modelo autônomo de letramento, as questões giram em torno do como ensinar pessoas a decodificar e a solucionar problemas de ortografia, posto que pressupõe que as consequências sociais do letramento são pontos pacíficos de maiores oportunidades de emprego, mobilidade social, vidas plenas etc. Assim, o que as agências devem decidir é como o letramento deve ser transmitido (STREET, 2014, p. 43). O autor defende que estas questões revelam uma falsa obviedade no que diz respeito às implicações sociais do processo de letramento, questões que derivam do modelo “ideológico” de letramento.

O modelo “autônomo” é dominante na Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e em outras agências que se ocupam da alfabetização, baseando-se numa forma de letramento específica, prevalente em certos círculos ocidentais e acadêmicos, associando o letramento à “civilização”, ao “progresso”, a liberdade e a mobilidade social.

Entretanto, um modelo ideológico se mostra mais cauteloso sobre os pressupostos estabelecidos quanto ao letramento em si mesmo. Este modelo concentra-

se em práticas sociais específicas de leitura e escrita reconhecendo a natureza ideológica e culturalmente incrustada dessas práticas.

O modelo ideológico ressalta a importância do processo de socialização na construção de significado do letramento para os participantes, preocupando-se com as instituições sociais gerais e não apenas as de caráter pedagógico, criticando as declarações dos pedagogos liberais ocidentais sobre a abertura, a racionalidade e a consciência crítica atribuída ao letramento, investigando o papel deste ensino no controle social e na hegemonia de uma classe dominante.

O Terreiro de Umbanda e o Curimba CEJA, enquanto espaços de letramentos, se identificam com o modelo de letramento ideológico ao privilegiar em seu cotidiano o processo de socialização e conhecimento de mundo promovendo constantemente a leitura da vida e vida na leitura.

A idéia de que as práticas de letramento são constitutivas de identidades fornece-nos uma base diferente – e eu argumentaria: mais construtiva – para compreender e comparar as práticas de letramento em diferentes culturas, alternativa à ênfase corrente numa simples dicotomia letramento/iletramento, em necessidades educacionais como inevitavelmente endêmicas ao letramento e no tipo de letramento associado com uma pequena subcultura acadêmica, com sua ênfase no texto ensaístico e na identidade típica a ele associada. (STREET,2014,p.84))

Assim, a investigação de práticas de letramento exige uma abordagem com um perfil mais etnográfico que ofereça relatos detalhados do contexto social no qual estas práticas fazem sentido, tal qual é realizado nesta pesquisa.



Fotografia 21: Ferramenta do Ponto Riscado de Dona Maria Mulambo das Sete Encruzilhadas (Fonte: Acervo pessoal), ano 2019

VOCÊ ME DEVOLVEU A MINHA FÉ, É NESSE MUNDO DE ILUSÃO, VOCÊ SEMPRE ME ESTENDEU A SUA MÃO...

4.1- Escritas de si, narrativas de vida e a produção de sentidos

A pesquisa desenvolvida busca compreender a oralidade e o letramento no Terreiro de Umbanda tendo as memórias e as histórias de vida como elementos propulsores e de reflexão. A vida, no sentido aqui apresentado, traz consigo o legado ancestral das vidas que pisaram naquele chão antes de nós e que, através das narrativas registradas, permanecem pungentes. Nesse sentido, a pesquisa em questão revela traços autobiográficos não só por estar alicerçada na memória e na narrativa dos sujeitos que participaram das atividades inspiradas no ateliê (auto)biográfico e das entrevistas, mas por se constituir de forma congruente da minha própria história de vida e da vida e existência do Terreiro de Umbanda CEJA e do Curimba CEJA.

Inúmeras foram as vezes em que, ao longo da construção desta dissertação, me emocionei ao me encontrar representada nos processos de construção das narrativas de si, tão de mim mesma também! Tais narrativas se entrelaçam com minha história de vida e minha construção como sujeito único e singular, permeado pelas relações com tantas vozes consoantes que me acompanham nessa jornada que emergem a partir da minha relação com a Umbanda. Do lugar de Mãe de Santo, um dos maiores aprendizados para mim e que tem profunda relação com o objeto de investigação da dissertação, faz-se a possibilidade de produzir sentidos juntos, num movimento dialético e que ecoa para além de tempo e espaço presente, através das vozes de nossos ancestrais entoadas junto com o canto de fé e o toque do tambor.⁹³

Investigar relação entre a oralidade e o letramento que se constitui e materializa no Curimba CEJA e seu diálogo com as práticas de outros espaços de vida dos sujeitos implicados evidencia a percepção da história de minha vida, entrelaçada numa teia de cultura⁹⁴ repleta de significados, em conjunto com tantas outras narrativas de si e do nós emergem ao protagonismo relatos de encontro, partilha e de resignificação de relações e conceitos de família a partir do lugar que para nós é sagrado.

93 Sinônimo de atabaque

94 Conceito já citado ao longo desta dissertação e apresentado por GEERTZ (1978) no livro *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.

4.2 O sagrado no Terreiro de Umbanda: Lugar de vida, histórias de vidas, oralidade e letramento.

O sagrado no Terreiro de Umbanda está presente em tudo; na fala, no ar, nas matas, no vento, no sol, no caminho, na relação com o outro e consigo mesmo. Cada um de nós é único, sagrado e com uma história ancestral presente e única.

A Umbanda cultua forças e expressões de vida e da natureza, valoriza e estimula a relação de respeito entre os sujeitos e essas forças. Vento, mar, cachoeira, sol, matas, jardim, animais, pessoas, ações, palavras. Tudo tem axé, tudo é sagrado. Passamos a perceber e sentir, então, a presença além da força de cada orixá e entidade trabalhadora da Umbanda até nos pequenos detalhes do cotidiano. Desse modo, o vento para nós, não é só o ar em movimento, é o abraço de Inhasã⁹⁵, nos cercando com seu axé, renovando forças e levando embora as dores e aflições. Já as águas do mar e da cachoeira não lavam só os corpos, mas também a alma e são a materialização da presença dos orixás Iemanjá e Oxum em nossas vidas.

As vivências, fruto dessa relação íntima e profunda com o sagrado, além de nos oportunizar maior aproximação com o nosso sagrado, também possibilita experimentação e construção de novos sentidos, ou seja, novas práticas de letramento. Essas práticas de letramento, segundo Street (2014), são constituintes de nossa identidade e fatores determinantes na construção dos modelos sociais e dos papéis que temos a desempenhar. Portanto, quanto maiores as reflexões sobre as relações sociais e o contexto histórico que as constitui, mais estimulado o processo de autoria (não só das letras, mas de história de vidas) dos sujeitos. Evidencia-se, assim, uma maior possibilidade de resistência, ou melhor, de (re)existência ao projeto hegemônico eurocentrado e subalternizador das epistemologias dominantes ainda em curso em nossa sociedade.

A respeito dessas memórias e leituras de mundo e seu protagonismo no processo de letramento dos indivíduos, recorreremos às reflexões de Freire (2006) sobre sua própria história de vida, a fim de pensar as relações sociais e afetivas nesse contexto:

95 No apêndice é possível encontrar um quadro com algumas características dos orixás referenciados ao longo da pesquisa.

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sanhaçu, o do olho-pro-caminho-quevem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras”, daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto..... Daquele contexto faziam parte igualmente os animais - os gatos da família, a sua maneira manhosa de enroscar-se nas pernas da gente, o seu miado, de súplica ou de raiva;.... Daquele contexto - o do meu mundo imediato - fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores. Tudo isso ligado a contextos mais amplos que o do mundo imediato e de cuja existência eu não podia sequer suspeitar (FREIRE, 2006, p.13).

As relações entre oralidade e letramento no Terreiro de Umbanda, discutidas aqui através do Curimba CEJA, nos oportunizam, frequentemente, esse espaço. Tem-se, de fato, um *locus* de reflexão, discussão e busca pela conscientização de nossa presença atuante e transformadora no mundo, através dessa convivência com o sagrado e com tudo que, por meio dele, nos é oportunizado viver.

Importante destacar que entre o filho de fé e o sagrado na Umbanda não há uma relação vertical, de subalternização e inferiorização, e sim de parceria, cumplicidade e coletividade. Esse vínculo é tão próximo que o Terreiro de Umbanda é denominado “casa”, fato esse que aparece relatado repetidamente na fala dos coautores, durante a produção de indícios desta dissertação. A referência à “casa” surge como sinônimo de lugar de acolhida, convivência, abrigo e segurança. Lugar de pertencimento, onde laços de afeto e ancestralidade se reafirmam e ressignificam identidades e histórias de vidas.

Outro aspecto a ser destacado, no mesmo sentido, é o de que as entidades não são só nossos guias espirituais, mas nossos amigos e companheiros. Assim, eles são o grande colo que nos conforta e estimula na busca de nosso autoconhecimento e descoberta de nossas potencialidades. São a mão que nos ajuda a levantar nos momentos de aflição, o farol que nos ilumina a estrada, auxiliando a encontrar o

caminho quando nos sentimos perdidos. Em suma, são os companheiros tanto nas risadas de alegria, quanto nas lágrimas de tristeza.

Vivemos uma coletividade em que Pretos Velhos e Pretas Velhas, Exus, Pombogiras, Malandros, Crianças, Caboclos, Ciganos e orixás não são algo superior e inatingível e nós inferiores e dependentes de seus desígnios. Nossa relação com o sagrado nos ensina que todos caminhamos juntos e que cada um tem o direito de ser como é. Consequentemente, toda existência deve ser respeitada por sermos seres únicos. Cada um de nós traz a força, a fé, a sabedoria, o legado de nossos ancestrais. Com isso, vem a responsabilidade de fazermos nossa parte a fim de que a luta deles para que ninguém cale os nossos tambores permaneça viva e em movimento constante de reconstrução.

A ideia de unicidade dos sujeitos, destacada na relação com o sagrado, está presente na contribuição de Verena (1991), como descrita abaixo, em que afirma em relação ao sujeito na narrativa e à pesquisa autobiográfica que:

Identificar esse espaço como aquele conferido ao indivíduo único e singular, o sujeito psicológico, que se configurou juntamente com os sujeitos político e moral no contexto específico à nossa cultura. Assim, é ao indivíduo único, solitário, exterior e ao mesmo tempo acima da sociedade, que se pode relacionar a literatura - o escritor, o leitor e a própria criação - como expressão desviante e livre não mais "narração" de informações e da tradição, mas criação íntima de possibilidades incomensuráveis; não mais "responsabilidade social", e sim lugar da questão e da dúvida (VERENA, 1991, p. 71).

A análise do exposto ressalta as narrativas de si, anunciadas nesta dissertação como um campo único, vivo, mutável e com múltiplas possibilidades de ressignificação de tempos e espaços. Nessa dinâmica, os indivíduos presentes no campo se configuram como mais coautores das múltiplas histórias de vida do que como sujeitos da pesquisa.

O nome escolhido para cada participante das atividades de produção de indícios está relacionado a uma entidade da coroa do sujeito. No caso subsequente, Estrada é referência a Dona Maria Mulambo da Estrada. A coautora Estrada tem 33 anos e, em 2019, ingressou na universidade através do projeto Sucursinho.

Meu nome é Estrada, sou casada, tenho 2 filhos e faço parte da corrente mediúnica do Centro Espírita Justiça e Amor há cinco anos. Minha história com a religião e com a fé começou um pouco conturbada, meus pais sempre foram umbandistas e desde pequena acompanhava eles. Na minha adolescência,

me afastei e segui outros caminhos de fé também, porém na fase adulta tive um breve reencontro e com ele veio muitas decepções e desânimos.

Um dia decidi me desfazer de tudo que me ligava ao espiritismo, tirei todas as imagens que eu tinha em casa e no meu íntimo chorava porque na verdade não era o que eu gostaria de fazer e pedia respostas para muitas dúvidas que eu tinha dentro de mim e a respeito da minha própria fé.

Até que numa noite, não me lembro o dia exato, mas sei que ouviram meus questionamentos e decidiram me responder, e a resposta veio através de uma pessoa que foi enviada por Oxalá nessa terra para cumprir missões e ser semente que dá muitos frutos nessa terra.

Minha visão que estava totalmente nublada, começava a clarear naqueles 10 minutos de conversa, eu ali mal sabia que estava sendo presenteada e acolhida por uma família linda e unida chamada CEJA.

Já se foram cinco anos desde quando tudo começou, no CEJA encontrei o verdadeiro significado das palavras amor, união e parceria. Lá eu rompi correntes, refiz minha família carnal e hoje tenho inúmeras bênçãos porque acreditei e confiei, não foi nada fácil, aliás ainda não é, mas tenho hoje como aprendizado que se eu cair terá sempre uma mão amiga estendida para eu levantar.

Não estou sozinha, minha família não está sozinha, temos uma eterna gratidão a toda espiritualidade por sempre estar conosco em todas as situações.

Um agradecimento especial a Dona Maria Mulambo das 7 Encruzilhadas, por sempre ser luz nas nossas vidas e por ter me ajudado lá atrás a acreditar que o "impossível é só questão de opinião"...

Gratidão sempre!

E tenho absoluta certeza que "nesse mundo ilusão você sempre me estendeu a sua mão"...

Sou eternamente grata a minha família CEJA por todo amor e companheirismo.

(Narrativa de si construída pelo coautor Estrada, participante das atividades com inspiração no ateliê (auto)biográfico durante o Eixo 1)⁹⁶

Acima, registra-se a narrativa de um dos participantes das atividades inspiradas no ateliê (auto)biográfico. Nela, abordam-se e materializam-se as relações discutidas entre sagrado, oralidade, letramento, histórias de vidas e essa relação vertical de família e afeto existente no Terreiro de Umbanda CEJA, relações estas cuja discussão serão aprofundadas a seguir.

4.3 - Autobiografia com Curimba CEJA: caminhando pelas trilhas das histórias de vidas

As histórias de vida estão entrelaçadas no cotidiano do Terreiro de Umbanda CEJA, no qual transita, cotidianamente, a leitura da vida para a vida na leitura. Encena-se, por conta disso, um movimento circular e dialético entre oralidade e letramento,

⁹⁶ As cores escolhidas para destacar a narrativa de si na construção das histórias de vida são relativas às cores dos orixás de cabeça de cada sujeito.

aspectos amplamente discutidos ao longo desta dissertação. A concepção de leitura, neste trabalho, tem essa marca do tempo e espaço sagrado. Logo, quando se fala de leituras, está-se pensando em suas múltiplas significações e subjetivações. A leitura, como discutida ao longo do segundo capítulo, é entendida aqui em seu aspecto ampliado.

As memórias e histórias presentes, desde a construção e exposição do lugar de fala, elencam diversas faces e fases da construção do olhar desta pesquisadora. Some-se a isso que, na descrição densa do campo, mais uma vez essas narrativas convergem para minha constituição como pessoa, Mãe de Santo, professora e pesquisadora. Também essas vivências, na dicotomia da relação sujeito/pesquisador, e a face (auto)biográfica desta dissertação, evidenciam o protagonismo dos indivíduos na construção de saberes/fazer e, acima de tudo, na construção e relato de suas próprias histórias e de seu povo⁹⁷.

Sobre isso, Azeredo (2018) afirma que a reconstituição de um personagem, daquilo que o cerca e a escrita de si nos fornecem a possibilidade da construção de uma identidade narrativa⁹⁸. Nela, o autor como narrador é sujeito e intérprete de sua própria história.

A pesquisa (auto)biográfica tem as singularidades e a dimensão única e autônoma do indivíduo como características expressivas. Nesse contexto, a memória é um recurso precioso, com lugar e função consagrados no percurso das narrativas e escritas de si. Sobre os lugares da memória nesse contexto, Nora (1993) esclarece e enriquece:

[...] lugares portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. [...] enrolados sobre si mesmos. Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p. 21).

97 Povo, aqui destacado, tem o sentido de coletivo e como referência ao povo de santo.

98 Conceito utilizado por Paul Ricoeur em sua obra: RICOEUR, P. *O si-mesmo como um outro*. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

A questão da memória emerge recorrentemente ao longo da construção desta dissertação. A minha memória afetiva foi profundamente acionada e tocada, principalmente na construção da descrição densa do campo, assim se configurou como narrativa biográfica e (auto)biográfica em toda sua constituição.

Em linhas gerais, tanto Pollak como Halbwachs apontam a memória como um fenômeno coletivo, definindo-a como uma construção social. Por ser uma construção, a memória envolve um processo de escolha, sendo parcial e seletiva. Ambos os autores definem a memória como uma construção do passado realizada no presente. Ela seria, então, variável, e também múltipla, pois cada grupo cultiva um conjunto particular de recordações. Por fim, Pollak e Halbwachs apontam o papel fundamental da memória para a criação do sentimento de identidade (RIOS, 2013, p. 10).

Reafirmando o sentido de memória enquanto espaço de identidade, como elenca o fragmento anterior, destacamos a pesquisa em ciências humanas como meio de múltiplas possibilidades de lugares, memórias, tempos e espaços. Isso se dá porque ela trata, aborda e observa sujeitos e campos vivos, pulsantes e mutáveis, todos em construção e/ou ressignificação, ao longo de diferentes tempos e espaços. Desse modo, a escrita (auto)biográfica ou escrita de si, revela não só o ponto de vista do autor, mas também dimensões dele sobre o texto e suas vivências.

Recordemos que a concepção de texto e letramento, utilizadas nesta dissertação, abrangem a relação para além dos textos restritos aos compostos por letras e englobam igualmente a perspectiva freiriana de que lemos o mundo antes de ler as letras.

Ler o mundo perpassa por conscientizar-se de sua presença atuante e transformadora nele. Por conta disso, enveredar pela pesquisa (auto)biográfica é evidenciar o reencontro com o processo de autoria de si e dos coletivos nos quais nos inserimos. No caso específico desta dissertação, remetemo-nos a esse processo e como ele se constitui no Terreiro de Umbanda, onde vida e leituras se tangenciam o tempo inteiro, reafirmando a leitura da vida e a vida (ou vidas) na leitura neste espaço, e mais especificamente, no objeto da pesquisa desta dissertação: o Curimba CEJA.

A etapa de produção de indícios inspirada no ateliê (auto)biográfico foi planejada e executada entre agosto e outubro do ano 2018. Para sua realização, contou com a participação de nove sujeitos, daqui por diante denominados coautores dessa construção, e foi dividido nas etapas descritas na Tabela 2 a seguir:

Eixos	Discussão proposta
<p style="text-align: center;">Eixo 1 Iemanjá: Um mergulho nas águas de história de vida</p>	<p style="text-align: center;">Trajetórias de vida pessoal e familiar: O que nos trouxe até aqui?</p>
<p style="text-align: center;">Eixo 2 Xangô na pedra, sentado, vai escrevendo e vai lendo</p>	<p style="text-align: center;">História de si: um pensar sobre a constituição de sua oralidade e letramento dentro do Curimba CEJA</p>
<p style="text-align: center;">Eixo 3 Exu: vida, caminho, voz e movimento</p>	<p style="text-align: center;">Imagem e perfil das práticas de oralidade e letramento no Curimba CEJA: Da leitura da vida para vida na leitura</p>

Tabela 2: Etapas das atividades inspiradas no Ateliê (auto)biográfico

Os participantes do ateliê (auto)biográfico são denominados coautores pois tratamos aqui de narrativa de vidas, as quais se entrelaçam na constituição de si, do outro e de sentidos outros. Esse entrelaçamento de vozes e vidas oportuniza vivências de letramentos. Os coautores foram escolhidos, conforme anunciado na introdução deste trabalho, segundo as seguintes características:

1. Pessoas que chegaram a casa em busca de questões religiosas;
2. Membros da casa que têm uma forte marca da exclusão social e se encontram excluídos ou a margem do sistema educacional;
3. Sujeitos que participam do Curimba CEJA;
4. Desejo de participar da pesquisa e partilhar as narrativas de si.

A seguir, registra-se um quadro com a descrição de alguns dados considerados relevantes a respeito dos coautores participantes do ateliê. As cores escolhidas para destacar a narrativa de si na construção das histórias de vida, ao longo deste capítulo, são relativas às cores dos orixás de cabeça de cada sujeito. Os nomes usados são fictícios e estão relacionados aos Erês (crianças) e entidades da coroa de cada sujeito participante das atividades inspirada no ateliê (auto)biográfico.

Participante	Idade	Escolaridade	Participação na casa
Estrada	33	Ensino Superior Cursando	Mãe Pequena, médium da corrente, membro da direção da casa, aluna do Sucursinho
Brasinha	12	7º ano do Ensino Fundamental	Médium da corrente, um dos responsáveis pelo toque dos atabaques durante os trabalhos espirituais e giras, aluna do Sucursinho
Relâmpago	22	Ensino Superior	Mãe Pequena, médium da corrente com participação ativa na maioria das atividades propostas pela casa, aluna do Sucursinho
Miguelzinho	25	Ensino Superior Cursando	Médium da corrente, um dos responsáveis pelo toque dos atabaques durante os trabalhos espirituais e giras, professor voluntário no Sucursinho
Faísca	20	Ensino Superior Cursando	Mãe pequena, Médium da corrente, um dos responsáveis pelo toque dos atabaques durante os trabalhos espirituais e giras, aluna do Sucursinho
Mariazinha	19	Ensino Superior Cursando	Médium da corrente, aluna do Sucursinho
Sol	17	Ensino médio Cursando	Médium da corrente, aluna do Sucursinho
Pipoca	19	Ensino Superior incompleto	Médium da corrente, aluna do Sucursinho
Rosinha	37	Ensino Médio	Médium da corrente, aluna do Sucursinho

Tabela 3: Participantes das atividades com inspiração no Ateliê (auto)biográfico

Um aspecto relevante sobre a trajetória de vida dos sujeitos citados anteriormente está relacionado a seu processo de escolarização, pois todos os que cursam, atualmente, o ensino superior são participantes ativos do Curimba CEJA, das atividades culturais e do projeto Sucursinho, já detalhados ao longo do primeiro capítulo. Brasinha, aluno do Colégio Pedro II, é conquista também estimulada pelos múltiplos espaços que a casa oferece. Já Rosinha se certificou no Ensino Médio em 2018 e, no momento, busca conquistar uma vaga no curso de Psicologia. Segundo sua

narrativa, ela deseja mostrar para outros e para sociedade que “pobre, preto, favelado e macumbeiro” também tem direito a ocupar esses espaços de saber e poder.

Tais dados têm relevância nesta dissertação, pois corroboram com o impacto na mudança de vida e no empoderamento dos sujeitos, através das relações costuradas no cotidiano do Terreiro do CEJA. Nesse cenário, sabemos que se destaca a relação entre a oralidade e o letramento promovida pelo CEJA e seu diálogo com práticas de outros espaços de vida desses indivíduos.

O ateliê autobiográfico teve como categoria de análise macro a oralidade e letramento no Curimba CEJA, subdividida conforme descrição a seguir:

- I. **Eixo 1** – Trajetórias de vida pessoal e familiar
- II. **Eixo 2** – História de si: um pensar sobre a constituição de sua oralidade e letramento dentro do Curimba CEJA
- III. **Eixo 3** – Imagem e perfil das práticas de oralidade e letramento no Curimba CEJA: da leitura da vida para vida na leitura

As atividades de produção de indício do Eixo 1 aconteceram em dois encontros e tiveram como fio condutor a construção das “trajetórias de vida pessoal e familiar” concretizadas através da oficina de escrita e de representações de si. Para representar e materializar a trajetória que levou cada coautor a encontrar ou procurar ao Centro Espírita Justiça e Amor, foi realizado com o grupo um encontro para a construção de Abayomis.

A escolha da representatividade de sua história de vida, ou ao menos parte dela, através da Abayomi, é pautada na simbologia e no significado desse elemento bem como o legado cultural de matriz africana a que ele remonta. Abayomis são bonecas de retalhos e sua origem remonta os navios negreiros em que as escravizadas faziam estas bonecas para suas crianças como forma de acalento e ligação, mesmo após a inevitável separação ao chegar em Terra firme. Abayomi significa “meu presente”.

A matéria prima utilizada na confecção das Abayomis também remete a uma memória de profundo significado para nosso Terreiro de Umbanda: o pedacinho de retalho, ou pedacinho de Mulambo. Dona Maria Mulambo das Sete Encruzilhadas, umas das entidades dirigentes de nossa casa já apresentada neste trabalho, de tempos em tempos, corta com as mãos pedaços de sua saia e distribuiu para seus filhos. Esse gesto é acompanhado do entoar do ponto cantado de Umbanda que diz: “... Pedacinho de Mulambo para quem tem fé...”, tal gesto é repleto de significado para todos nós. Dessa feita, cada “pedacinho de Mulambo” distribuído vem com uma carga enorme de sentido

de proteção, parceria, amizade e cumplicidade. Quantos de nós, num momento de precisão⁹⁹, não agarramos com força esse símbolo de cumplicidade, e assim nos sentimos abraçados pela força de nossa amiga e guia espiritual. Com esse gesto, conseguimos seguir em frente, renovados e abastecidos por essa memória que, para nós, transborda significado e identidade.

Tais estratégias mergulham fundo e remexem as águas de nossas memórias individuais, coletivas e afetivas, exalam pertencimento e conhecimento ancestral. Por conta dessa significação, a confecção das bonecas foi utilizada para que cada um partilhasse sua trajetória de encontro com o CEJA. Então, por meio da representatividade da Abayomi e de toda simbologia que a constitui, foi criado um rico momento coletivo de produção de sentidos, por intermédio das narrativas, promovendo nessa construção o acesso a memórias coletivas e individuais e de vivência de outras possibilidades de letramento que serão tratados, de forma mais aprofundada, na segunda seção deste capítulo.

Durante as atividades inspiradas no ateliê (auto)biográfico do Eixo 2, houve a continuidade no olhar sobre as histórias de si, direcionando ao pensar sobre a constituição de sua oralidade e letramento dentro do Curimba CEJA. Inicialmente, a previsão era ocorrerem dois encontros, os quais contariam com a construção da tríade em que os sujeitos seriam divididos em grupos de três para cada um narrar sua história. Seria possível, assim, criar um movimento circular de troca, onde um narra, outro registra e outro escuta, promovendo a circularidade dos papéis de narrador, escriba e ouvinte. Por dificuldades de agenda, a dinâmica precisou ser configurada de outra forma.

O local escolhido com o grupo para os encontros do ateliê (auto)biográfico foi a sede do próprio CEJA. Devido ao movimento intenso que é peculiar ao local e a compromissos pessoais de cada um, nem sempre foi possível conciliar o encontro de todos os nove participantes simultaneamente, sendo criadas outras formas de encontro e partilha.

Nesse sentido, uma das ferramentas que se surge como recurso eficaz para aplicação das atividades inspiradas no ateliê(auto)biográfico foram redes sociais e recursos digitais. Embora os encontros acontecessem presencialmente, várias vezes o

99 Termo da oralidade vigente no terreiro e que remete aos escravizados, muito recorrente na fala das entidades que trabalham na Umbanda.

registro escrito aconteceu posteriormente, por meio virtual. Essa demanda acabou por evidenciar a presença de espaços de letramento digital no Curimba CEJA, por ser um campo extremamente dinâmico, mutável, que pode ser explorado como processo de ressignificação de sentidos em múltiplos tempos e espaços.

Em relação específica à construção da narrativa proposta do Eixo 2, ela ocorreu presencial e coletivamente com o grupo todo. Somente a partilha da narrativa oral e da escuta das histórias de si, direcionadas aos objetivos propostos, foram virtuais e, por isso, ganharam um caráter mais individual. Para viabilizar e estimular esses registros, foi criado um grupo de Whatsapp, única e exclusivamente para tal fim.

Tal estratégia emerge da demanda dos participantes do ateliê, que encontram nesse recurso virtual um espaço de maior facilidade de materializar seus pensamentos, através da palavra escrita. Além disso, essa escolha buscou manter, mesmo que virtualmente, o caráter coletivo e de troca característicos da estrutura do ateliê (auto)biográfico. Também aconteceu, mas de forma menos expressiva, o envio das escritas de si através de e-mail.

Na construção do Eixo 3 das atividades, emergem discussões e indícios das possibilidades de categorização das práticas de oralidade e letramento no Curimba CEJA. Este eixo aconteceu em três encontros e contou com a mesma dinâmica já explicitada.

Num primeiro momento, foram partilhados, de forma oral e com grupo dos coautores curimbeiros¹⁰⁰ participantes do ateliê, exemplos do que cada um considerava práticas de oralidade e letramento¹⁰¹ no Curimba CEJA. Em seguida, procedeu-se o registro da (auto)biografia de como cada sujeito vivencia prática e/ou eventos de letramento através de/no Curimba CEJA, ocorrendo, na sequência, a partilha no grupo dessas escritas de si. Esse registro se deu tanto no momento do encontro presencial, como pelos recursos digitais, utilizados como ferramenta de ampliação de troca e construção de indícios.

Na última etapa da aplicação das atividades com inspiração no ateliê (auto)biográfico, ainda no Eixo 3, partimos para a construção de uma linha do tempo

100 Referência a aquele que participa da curimba de um Terreiro.

101 Referência ao conceito de letramentos já discutido na presente dissertação encontrado no livro STREET, Brian Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação / Brian V. Street; tradução Marcos Bagno. - 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2014

que narra as experiências vividas por cada coautor participante no Curimba CEJA e que transitaram da leituras da vida para vida na leitura. Prevista para acontecer em um encontro, essa atividade demandou mais tempo, visto que alguns sujeitos solicitaram recorrer a recursos de suas memórias, tanto individuais como coletivas, a fim de cumprir melhor a proposta. Por conta desse engajamento, o produto final dessa etapa da pesquisa foi um rico acervo, repleto de sentidos e significados mediados pela memória e materializados em diferentes formas de linguagem e expressão como fotografias, músicas e narrativas orais. Todas as estratégias de linguagem utilizadas se constituíram como caminho para materializar a construção das narrativas de si.

A fim de apreender o caráter multidimensional dos fenômenos observados em sua manifestação social, bem como de captar os diferentes significados das experiências vividas, a metodologia de pesquisa foi suleada ¹⁰² por um enfoque de protagonismo do sujeito, em sua individualidade e coletividade. Desse modo, foi possível dimensionar a compreensão do indivíduo no seu contexto e aprofundar a agnição do grupo social do campo de pesquisa e de sua organização.

A escolha de percurso metodológico está fundamentada, dentre outros autores já elencados, nos estudos de Sreet (2014), que nos trazem contribuições significativas, ao ratificarem a importância do aspecto social na constituição/construção do letramento e na identidade dos indivíduos. Sreet (2014) afirma que as práticas de letramento são elementos constituintes da personalidade e da identidade dos sujeitos. Nessa linha, afirma também que as formas de leitura e escrita as quais privilegiamos aprender e usar estão associadas a determinadas identidades e expectativas sociais. Por conta disso, a materialização dessas afirmativas é, recorrentemente, identificada nos indícios produzidos ao longo do processo de pesquisa no campo e que serão categorizados e analisados de forma mais contundente a seguir.

“Eu nasci numa família umbandista e cheguei na casa com apenas 6 anos de idade. Desde essa época eu era envolvido com a umbanda, mas frequentei, durante 14 anos, outra casa juntamente com minha mãe e posteriormente fiquei dois anos e meio morando em outra cidade, sendo esses últimos totalmente distante do contato com a religião. Após voltar para a cidade, minha primeira reação foi procurar refazer e me aprofundar nos fundamentos da umbanda. Quando retornei a casa fui logo surpreendido

102 Substituí a expressão norteada por uma questão de ruptura com as etimologias do colonizador e valorização das epistemologias dos sul

por memórias nostálgicas e por uma galera que leva muito a sério o sentido da palavra "IRMÃO" que normalmente é usada nas casas espíritas (irmão de santo, etc..). Esse carinho e acolhimento tanto pela galera quanto por parte da espiritualidade foram fundamentais para eu me reencontrar e decidir finalmente seguir por esse caminho que considero sagrado. Hoje tenho 25 anos de idade e mais uma vez, depois de mais de uma década e meia de ausência, posso chamar o CEJA de casa.”

(Narrativa de si construída pelo coautor Miguelzinho participantes das atividades com inspiração no ateliê (auto) biográfico durante o Eixo 1)

A narrativa de si de Miguelzinho materializa e exemplifica, com clareza, as categorias que são analisadas e discutidas ao longo desta seção.

No decorrer dessa etapa da dissertação, pensamos a construção da autobiografia do Curimba CEJA e o caminhar pelas trilhas da história de vida. Para tanto, nos debruçamos na análise dos indícios produzidos nesse processo e nesse passeio pelas memórias coletivas e individuais, construídas e resgatadas a partir das histórias de vidas, em diálogo com o objeto de investigação desta dissertação.

O processo de construção e discussão, no decurso da pesquisa, proporcionou a construção de categorias de análise dos indícios produzidos através das atividades inspiradas no ateliê (auto)biográfico, das entrevistas e da observação participante. As categorias de análise em questão são apresentadas a seguir, através do diagrama:

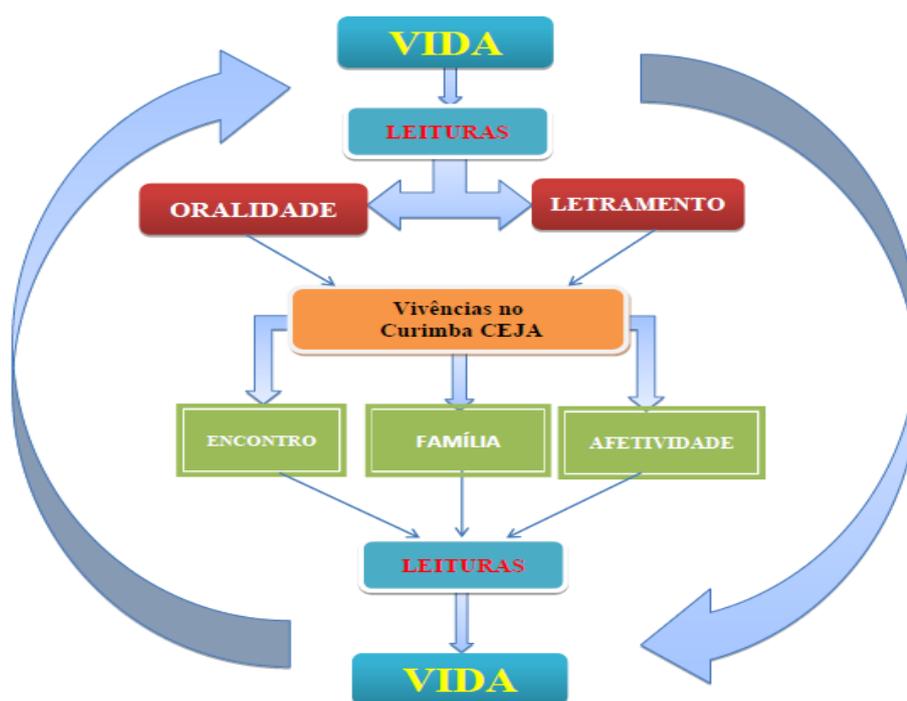


Figura 8: Diagrama das categorias de análise

Nesta dissertação, um dos aspectos mais relevantes da discussão está na produção de sentido e significado, a partir das vivências dos sujeitos e dos grupos, e como esse processo influencia nos letramentos no espaço do Terreiro de Umbanda, mais especificamente no Curimba CEJA. Portanto, na construção da pesquisa, acessamos recorrentemente esse cabedal, através de recursos e linguagens diferentes. Tal estratégia foi utilizada também na construção do diagrama. As cores escolhidas são carregadas de sentido cultural e ancestral para o CEJA. Vermelho, azul e branco são as cores da casa, expressas inclusive no símbolo dela, representam também as cores dos orixás Oxum¹⁰³ e Xangô¹⁰⁴, fundadores da casa junto com Pai Benedito da Angola. O verde remete ao orixá Oxóssi e à falange de Caboclos. Toda importância desses seres sagrados na história e constituição do Terreiro de Umbanda CEJA, já explicada no primeiro capítulo desta dissertação, foi resgatada, simbolicamente, através do diagrama que articula os eixos de discussão da presente pesquisa.

Essas categorias de análise emergem dos indícios produzidos no campo através das narrativas e escritas de si dos coautores participantes do processo do ateliê. Nesse processo de autobiografia das histórias de vida, os discursos dos diferentes sujeitos recorrentemente ratificam as relações entre vida, leitura, letramento e oralidade no Terreiro de Umbanda através das vivências no Curimba CEJA. São essas vivências que constituem a escrita e as práticas de oralidade e letramento deste espaço e as relações e concepções de família, através do encontro e da partilha que oportunizam um processo de autoria e empoderamento.

As categorias foram organizadas de forma a atender os objetivos específicos desta dissertação. Sendo assim, cada uma é constituída a partir da congruência entre o modo como os coautores do processo percebem as relações entre eles, com o outro, com a vida e com a leitura. Buscou-se, assim, evidenciar esse imbricado de relações contidas nesse processo.

Partindo das categorias macro (vida e leitura), a discussão caminha num movimento de circularidade pelas relações entre oralidade, letramento e vivências no Curimba CEJA, evidenciado nas vivências dos encontros, da partilha, de família e afetividade. Tais experiências, nesse fluxo contínuo, circulam pela apropriação dos

103 Orixá mãe de cabeça nossa fundadora Mãe Raquel, conforme descrito no primeiro capítulo

104 Orixá pai de cabeça nossa fundadora Mãe Raquel, conforme descrito no primeiro capítulo

sujeitos implicados na pesquisa de seu processo de autoria, nas letras e na vida, ampliando, assim, as experiências de letramentos dos indivíduos e do grupo.

Fui encontrar o carinho que minha mãe e minha irmã sempre falaram que tinha nessa casa e chegando lá encontrei mais do que isso, encontrei uma família que sempre estar de braços abertos para nos apoiar mesmo a gente não merecendo. (Pipoca, Eixo1)

Encontrei uma segunda família onde posso contar a qualquer momento independente de quem eu seja. (Mariazinha, Eixo 1)

Com as narrativas acima iniciamos com a discussão da categoria de análise “encontro”, a partir dos fragmentos de narrativas, anteriormente expressas, pois, na construção das histórias de vida, os coautores mencionam “casa”, como forma recorrente de designar o CEJA. Esse espaço é destacado como lugar de encontro consigo mesmo e com o(s) outro(s), encontro com a linguagem, encontro com o espaço físico e de relações intersubjetivas que destacam alteridade dos sujeitos implicados e a do próprio Terreiro de Umbanda. Assim, esse lugar se configura através das múltiplas atividades por/ nele realizadas e que promove encontros de intersubjetividades e, conseqüentemente, da oralidade e do letramento. Freire e Street são alguns dos autores que respaldam a importância dessa relação consigo e com o outro no processo construção de sentidos e de letramentos dos sujeitos.

A percepção do Terreiro de Umbanda CEJA como “casa” está presente na maioria das narrativas de si construídas ao longo da produção de indícios. Nesse sentido, também as configurações de família se redesenham na vida e na leitura de vida de seus participantes. Retomamos a concepção de família ampliada, apresentada no primeiro capítulo, que trata desse espaço de convivência sociabilidade e de novas possibilidades.

(...) o parentesco de nação desenvolvido no Brasil seria apenas uma extensão da mesma lógica operativa nas sociedades africanas, segundo a qual todos aqueles indivíduos que compartilham uma ancestralidade comum, real ou imaginada, são considerados como “irmãos” (...) (PARES, 2007, p. 79).

O autor tem como foco de sua pesquisa o Candomblé, em específico a história da nação Jeje na Bahia. Apesar da divergência do objeto de análise, ele nos ajuda a compreender esse processo de família de santo e como ela se constitui de significado na diáspora e nas casas de Umbanda. Compreender o papel e o significado de família ampliada sediada neste espaço religioso, em nosso caso específico o Terreiro de

Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, é fundante aqui para a compreensão de falas e escritas dos coautores desta dissertação, além de ser imprescindível na análise da categoria família na contemporaneidade.

Em praticamente todos os registros merecem relevo as experiências vividas na casa, que passam pela vivência em família, tanto a consanguínea quanto a de santo, através da partilha e da construção coletiva, como comprovam os trechos a seguir:

Minha irmã (Anna Clarissa) e minha mãe (Andréa), frequentavam o ceja a anos e sempre me convidaram para ir conhecer, mas eu nunca aceitava o convite. Então um belo dia quando meu pai resolveu sair de casa e eu por ser muito apegada a ele e naquele momento senti como se meu mundo tivesse desabado, minha mãe e minha irmã me convidaram para ir conhecer o sucursinho para se distrair, chegando lá estava tendo aula de história com o professor Edson e junto estava o professor de biologia Ricardo, fui recebida muito bem e com muito carinho por todos, me senti em casa em um lugar que eu estava visitando pela primeira vez e uma paz... aonde naquele momento difícil na minha vida eu não estava conseguindo ter..... Nessa casa sempre estamos aprendendo um pouquinho e sempre estamos todos juntos, é uma família grande mas que sempre estar pronta para acolher mais um ou mais quanto vierem. Amo fazer parte dessa família e sou muito grata por ter chegado nesse lugar. (Pipoca, Eixo 1)

O que me motiva ir, é a paz que encontro quando chego, o abraço de cada irmão, a vida de verdade sempre começa lá às sextas e sábado. A renovação espiritual que Leva a física é sem igual. (Sol, Eixo 1)

Eu nasci numa família umbandista e cheguei na casa com apenas 6 anos de idade. Desde essa época eu era envolvido com a umbanda, mas frequentei, durante 14 anos, outra casa juntamente com minha mãe e posteriormente fiquei dois anos e meio morando em outra cidade, sendo esses últimos totalmente distante do contato com a religião. ... Quando retornei a casa fui logo surpreendido por memórias nostálgicas e por uma galera que leva muito a sério o sentido da palavra "IRMÃO" ... Esse carinho e acolhimento tanto pela galera quanto por parte da espiritualidade foram fundamentais para eu me reencontrar e decidir finalmente seguir por esse caminho que considero sagrado. Hoje tenho 25 anos de idade e mais uma vez, depois de mais de uma década e meia de ausência, posso chamar o CEJA de casa. (Miguelzinho, Eixo 1)

A análise da categoria “família” revela que elas comportam a ideia de família carnal ou de sangue, mas também espiritual ou de santo. No cotidiano de um terreiro de umbanda, a diferença entre uma e outra se extingue, passando todos a (con)viverem em comunhão, parceria e respeito mútuo, numa dimensão maior denominada família CEJA.

Esse coletivo trabalha junto, estuda junto, saúda o sagrado junto, celebra junto, chora junto e, nesse movimento de partilha e comunhão. Com esse nível de

aproximação, valorizam o que cada um tem a agregar ao outro, sem anular as características individuais dos sujeitos, e, assim, crescem juntos. Nesse sentido, essa família também é um espaço social de construção de conhecimento e cultura.

Foi no Curimba CEJA que vi o dom do meu filho Pietro (3 anos) e a felicidade de compartilhar e participar de eventos. Muito bom pois ensina a respeitar o outro se divertir. Um grande ensino de amizade, de vida e de outros lugares...

Narrativa de si construída por Rosinha, participante das atividades com inspiração no ateliê (auto)biográfico durante o Eixo 2¹⁰⁵

Freire (2006), em *Importância do Ato de Ler*, destaca a família e a relação que leva à escrita. A proposta de Freire remonta seu próprio processo de constituição da importância do ato de ler. Nessas memórias o autor perpassa, inúmeras vezes, suas vivências e experiências em companhia de sua família. Tais histórias de si, narradas por Freire em sua obra, vão de encontro às falas e escritas registradas nas narrativas dos coautores. O registro pessoal freiriano e as produções advindas do ateliê (auto)biográfico destacam o protagonismo das relações e leituras mundo tecidas a partir das vivências com e na família. O fragmento de Freire, a seguir, problematiza essa relação.

Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo (FREIRE, 2006, p. 11).

Reiterando as reflexões expostas acerca da análise das categorias “família” e “encontro”, segue o trecho de uma das narrativas de Estrada, construída durante as atividades do Eixo1. De forma explícita, tais palavras materializam essas relações e a discussão delas com as categorias macro “letramento”, “oralidade” e “vida”:

Não estou sozinha, minha família não está sozinha, temos uma eterna gratidão a toda espiritualidade por sempre estar conosco em todas as situações.

Um agradecimento especial a Dona Maria Mulambo das 7 Encruzilhadas, por sempre ser luz nas nossas vidas e por ter me ajudado lá atrás a acreditar que o "impossível é só questão de opinião" ...Gratidão sempre!

105 As cores escolhidas para destacar a narrativa de si na construção das histórias de vida são relativas as cores dos orixás de cabeça de cada sujeito.

E tenho absoluta certeza que "nesse mundo ilusão você sempre me estendeu a sua mão"...

Sou eternamente grata a minha família Ceja por todo amor e companheirismo (Estrada, Eixo 1)

O trecho destacado explicita, mais uma vez, que essa relação de família estendida, engloba inclusive guias e entidades da casa. Eles são parte dessa família do terreiro e são participantes ativos da construção desses espaços de encontro, partilha e conscientização do processo de autoria de vida. Estrada cita uma passagem do ponto que dá título a este capítulo: “nesse mundo ilusão você sempre me estendeu a sua mão[...]”. Essa frase, além do sentido litúrgico e religioso, nos remete às relações de família, encontro e partilha aqui analisadas.

Muitos dos sujeitos do campo chegam até o espaço do Terreiro de Umbanda sem mensurar a gama incontável de possibilidades que este *locus* pode oferecer. A esse respeito, Relâmpago registra:

“A princípio eu cheguei na casa pois precisava de ajuda com algumas questões pessoais e espirituais minhas. A finalidade era minimamente espiritual pois como leiga e curiosa pela Umbanda, não sabia que em terreiros ofereciam tantas oportunidades, como as de estudos, além de falar sobre a espiritualidade. Eu já tinha ido um dia, mas não cheguei a ficar para a sessão, retornei outro dia numa gira em homenagem à malandragem e a partir daí comecei a frequentar aos sábados. O que me motivou a continuar frequentando era o fato de todos nós sermos muito acolhidos, a casa é totalmente acolhedora, não nega ajuda a quem quer que seja. A casa oferece estudos tanto sobre a religião e questões espirituais (roda de estudos e o Curimba CEJA) quanto para nossa vida acadêmica (Sucursinho). Tem o SUCURSINHO, que além de ter o objetivo de comentar sobre assuntos que caem em provas como ENEM, concursos também... Os professores dão incentivos e nos encorajam a estudar e a nos qualificar... o Sucursinho também tem atividades fora da aula, que nos levam a peças de teatro (Cidade das Artes). Se hoje eu estou terminando minha faculdade, foi porque essa casa muito me ajudou, em especial a minha comadre, que me arrancou de casa pra fazer a prova do ENEM, no qual eu consegui nota para ser aluna FIES do curso que eu tanto queria (logística). Além de toda espiritualidade, nessa casa encontramos pessoas que estão dispostas a nos ajudar, nos dar força.”

Narrativa de si construída pelo coautor Relâmpago, participante das atividades com inspiração no ateliê (auto)biográfico durante o Eixo 1.

A narrativa de Relâmpago nos apresenta outros indícios e questões que consideramos relevantes. Dado o recorte analítico e a natureza deste empreendimento dissertativo, mantivemos o enfoque nas falas que perpassam as categorias de análise anteriormente sinalizadas. Essa narrativa também mostra a vinculação da casa com a vida secular, os diversos encontros com a cultura de matriz africana, além dos diálogos e enfrentamentos com a cultura consagrada e valorizada pela sociedade ocidental capitalista.

Um ponto de destaque igualmente recorrente nas narrativas são os relatos e expressões de afetividade. Na análise da categoria “afetividade”, é possível constatar que os sujeitos relatam serem afetados de forma positiva uns pelos outros, ao longo das vivências e experiências junto ao espaço do Terreiro de Umbanda. Relâmpago, na narrativa em exame, destaca isso ao enunciar: “O que me motivou a continuar frequentando era o fato de todos nós sermos muito acolhidos, a casa é totalmente acolhedora”. Nessa mesma linha, Freire (1998) ressalta a importância da afetividade na construção da Pedagogia da Autonomia. Embora o Terreiro de Umbanda não seja um espaço escolar, ambienta aprendizado e educação. Realmente, nas relações de aprendizagem efetivadas nesse espaço, é possível constatar o reconhecimento e a assunção de identidades culturais, a afetividade nas relações dentro de um projeto alicerçado na autonomia dos sujeitos. A respeito desse tipo de relação de aprendizagem, Freire (1998) afirma:

Um dos papéis mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e de todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 1998, p. 46).

Ensinar a reconhecer a qualidade do outro, o que é um ato afetivo de qualificação e de promoção. Facilitar o crescimento de outrem, da mesma forma, é um serviço de amor e de dedicação. Para permitir e facilitar um processo de formação do educando, é necessária uma mobilização afetiva, sem a qual o processo não se efetiva. A capacidade de amar é o fundamento do processo de assumir e de assumir-se.

Na sequência da discussão da categoria de análise “afetividade” e “encontro consigo e com o outro nas relações tecidas no Terreiro de Umbanda CEJA”, apresentamos um trecho da narrativa de Sol. As palavras da participante materializam

essas relações de partilha e afetividade vividas através das múltiplas possibilidades de configuração de família. Por esse caráter, elas influenciam, segundo os indícios aqui apresentados, diretamente no processo de letramento dos sujeitos implicados nesta dissertação.

Eu sempre tive minhas opiniões em qualquer coisa, mas nunca fui capaz de expressá-las e sempre fui muito fechada para o mundo e para pessoas. Conheci o CEJA através de uma filha de santo que me fez um convite para ir e eu me interessei. O que me motiva ir, é a paz que encontro quando chego, o abraço de cada irmão, a vida de verdade sempre começa lá às sextas e sábado. A renovação espiritual que leva a física é sem igual.

Narrativa de si construída pelo coautor Sol participante das atividades com inspiração no ateliê (auto)biográfico durante o Eixo 1

Dando continuidade à discussão das categorias de análise deste estudo, são compartilhados mais aspectos das histórias de vida iluminados por meio de narrativas de si construídas. Para tanto, foram utilizados recursos como fotografia de acervos pessoais, coletivo ou de outros lugares; música e outras expressões artísticas que serviram de suporte mimético, tudo que auxiliasse no ordenamento e construção dessas narrativas.

4.4 Memórias compartilhadas: o toque do tambor que encanta e transforma

Cada narrativa de vida retratada através das fotos e relatos enunciam uma trajetória intergeracional e ancestral de renovação, resistência e reinvenção do nosso sagrado e de nossa cultura. Em sendo assim, revelam também a presença do letramento em sua dimensão autônoma no Curimba CEJA, através de práticas sociais específicas de leitura e escrita deste espaço e que reconhecem a natureza ideológica e cultural dessas práticas, como forma de continuar (re)existindo

O toque do tambor, nas religiões de matriz afro-brasileira, serve para “buscar longe”, como diz o ponto cantado, já citado nesta dissertação, as mais diversas energias e forças para saravar¹⁰⁶ todo povo de fé. Foi também o toque de convocação a lutar e seguir se reinventando nas formas de combate à opressão. Ainda hoje os tambores de

106 Saravar: o mesmo que saudar

Umbanda, Jejê, Nagô, da Capoeira, do samba, e tantos outros que soam alto e forte levando nossos ritos, cultura e existência através do tempo e do espaço que nos apresentam outras formas de ler e escrever a história e a vida. Configuram-se, portanto, outras formas de ser e estar na oralidade e no letramento dentro e fora do sagrado.

Nesse contexto, ampliamos a análise das categorias “vida”, “leituras”, “oralidades” e “letramentos”. Destacamos que tais análises, embora separadas em categorias, se cruzam ao longo da discussão e da análise dos indícios, recorrentemente reafirmando o movimento circular da leitura da vida para vida na leitura. Essa relação pode ser constatada ao longo das narrativas aqui apresentadas, como o trecho a seguir:

O Curimba entrou em nossas vidas com o desejo do meu filho de aprender a tocar atabaque, sempre gostou e sempre fez com muito prazer.

Me emociono toda vez que escuto aquele menino envergonhado (meu filho) soltando a voz e a mão no atabaque com tanto amor e carinho.

Isso, achei a palavra certa: Emoção!

O Curimba me emociona e me faz ver que esse é mais um espaço na nossa casa onde temos a oportunidade de crescer, vejo jovens, crianças, adultos num só movimento, o da coletividade para que o nome da nossa Umbanda seja levado através também do Curimba.

Só tenho a agradecer a Oxalá pq Ele permitiu que minha família tivesse a oportunidade de vivenciar mais uma experiência de crescimento e com isso trouxe mais união e aprendizado. (Estrada, Eixo 2)

As memórias compartilhadas a seguir foram construídas a partir das atividades do Eixo 3. Vale destacar que nem todos os participantes das atividades com inspiração no ateliê (auto)biográfico estiveram presentes nessa etapa em razão dos desafios já apresentados na construção do percurso metodológico. As memórias são expressas em diversas formas de linguagem e, juntas, mais uma vez reafirmam o Terreiro de Umbanda como espaço de letramento, oralidade, isto é, um terreiro em que se corporifica a leitura da vida e de vida na leitura. Uma vida e leitura muito mais complexa do que apenas o uso social que essas questões têm no mundo secular.

Nas memórias compartilhadas escolhidas pelo coautor Brasinha, participante das atividades inspiradas no ateliê (auto)biográfico durante o Eixo 3, é possível identificar a presença de algumas das categorias analisadas ao longo deste capítulo: vida, leitura, família, partilha e encontros. O coautor retratado, através das fotografias escolhidas por ele na construção de sua linha do tempo, narra as experiências que ele

vivenciou através do Curimba CEJA e que transitaram das leituras da vida para vida na leitura.



Fotografia 22: passeata contra intolerância religiosa realizada na cidade do Rio de Janeiro em setembro de 2017.

As duas primeiras fotografias são do Curimba CEJA junto com a casa na passeata contra intolerância religiosa, realizada na cidade do Rio de Janeiro em setembro de 2017. As fotos do Brasinha nesse evento foram inclusive publicadas num ensaio fotográfico sobre crianças do axé de nome Olhar Kèkerè-Olhar Miúdo, disponível em

https://www.facebook.com/stelinhaguedes/media_set?set=a.1681185631954248&type=3.



Fotografia 23: III Festival de cantigas Afro Brasileiras Egbè Ayê, de julho de 2018 , acervo pessoal.

A terceira, em que Brasinha aparece com sua irmã menor, ambos com o atabaque, materializa as relações de afeto, ancestralidade e família. Essa e a fotografia do troféu a seguir são do III Festival de Cantigas Afro-Brasileiras Egbè Ayê, de 2018. Nesse evento, Brasinha ganhou o troféu revelação (quarta fotografia anterior) com o ponto que abre esta dissertação “Eu rezo e peço por esta mulher”¹⁰⁷.

A última fotografia da narrativa das histórias de vidas escolhida pelo sujeito retrata-o no palco do festival de cantigas da II Semana do Povo Preto, em Volta Redonda – RJ, em novembro de 2018. Nessa oportunidade, mais uma vez Brasinha subiu ao palco para louvar seu sagrado, sua fé e seus ancestrais. As memórias escolhidas para construção dessa narrativa de si consolidam as afirmações realizadas até aqui a respeito da relação entre oralidade e letramento no Curimba CEJA. Elas refletem todo um processo de construção e ampliação de sentidos, de cultura e de apropriação por Brasinha de seu processo autoral, não só pelos pontos compostos, mas pela apropriação de sua presença atuante e transformadora na sua vida e de sua comunidade.

Esse processo possibilita aos sujeitos partir do seu conhecimento de mundo para os usos e sentidos múltiplos da palavra e das múltiplas possibilidades de leituras de presentes nessas vivências. Como reflexo, amplia-se o processo de letramento dos indivíduos e, com isso, a palavra ganha vida e significado.



Fotografia 24: II Semana do Povo Preto em Volta Redonda – RJ, em novembro de 2018, acervo pessoal.

107 Vídeo da apresentação no III Festival de cantigas Afro Brasileiras Egbè Ayê, de 2018 Disponível AM <https://youtu.be/J2rxRq9tyPU>

A seguir letra do ponto “Das Almas sabe o que faz”, inscrito e apresentado no festival de cantigas da II Semana do Povo Preto em Volta Redonda – RJ.

Das Almas Sabe o Que Faz
(Igor Melo/Ricardo Germano)

Num belo dia na encruzilhada
Pombagira Das Almas
Soltou uma gargalhada

Ela é explosiva a danada da Pombagira
Por onde Ela passa mal nenhum se cria

Num belo dia na encruzilhada
Pombagira Das Almas
Soltou uma gargalhada

Seja noite ou seja dia
Toda sua alegria
A Das Almas irradia

Ela guarda feitiço debaixo da saia preta
Por isso não se esqueça
O bem que ela trás

Toma conta de filho mesmo q'ele não perceba
Mulher de beleza
Das Almas sabe o q faz

Ela corta demanda e joga pelo ar
Cuidado o que pede pra essa mulher
Um filho fiel ela vai levantar
O que Ela vai da
É firmeza na fé

Estrada, durante as atividades do Eixo 4, escolhe para representar suas vivências de letramentos e oralidade no Curimba CEJA fotografias de eventos em que agregou sua família carnal com a família CEJA. Tais fotografias retomam a narrativa de Estrada que, durante o Eixo 2, afirma:

Falar do espaço Curimba CEJA me leva a lembrar muitas alegrias que ele proporciona a mim e a minha família. Nessas fotos quis mostrar a felicidade que o espaço trouxe, principalmente para meu filho.

Qual mãe não fica feliz com a felicidade do filho? Acaba se tornando uma extensão da nossa própria felicidade.

O Curimba entrou em nossas vidas com o desejo do meu filho de aprender a tocar atabaque, sempre gostou e sempre fez com muito prazer.

Me emociono toda vez que escuto aquele menino envergonhado(meu filho) soltando a voz e a mão no atabaque com tanto amor e carinho.

Isso, achei a palavra certa : Emoção! (Estrada, Eixo 2)

Na construção da narrativa de sua história de vida e de sua família, Estrada mais uma vez retoma o protagonismo do espaço do Terreiro de Umbanda, dentro do Curimba CEJA, através de vivências de encontro, autoria, afetividade e família. Isso se dá pela percepção de que essas relações ampliam as possibilidades de conhecimento e crescimento de si, do outro e de mundo, redimensionando as leituras de mundo e as experiências de letramentos e oralidades dos coautores.

A seguir, na Fotografia 25, as três imagens escolhidas por Estrada são do III Festival de Cantigas Afro-Brasileiras Egbè Ayê, de 2018. Destacamos que ambos, Estrada e Brasinha, escolheram a mesma fotografia, em que aparece o membro mais novo da família sobre o atabaque com o irmão. Tais indícios ratificam mais uma vez o quão fortes e expressivas são as vivências das relações de família nas diversas dimensões, já discutidas ao longo desta dissertação.



Fotografia 25: III Festival de cantigas Afro Brasileiras Egbè Ayê, de julho de 2018, acervo pessoal dos coautores

Dentre as fotografias escolhidas por Faísca, outro coautor participante das atividades inspiradas no ateliê (auto)biográfico, destacamos a Fotografia 22. A imagem retrata essa relação intergeracional e ancestral e amplia as relações de letramentos dos sujeitos do campo. A criança, na foto, é o filho da coautora Rosinha, que na construção da sua narrativa destaca os momentos vividos pelo filho no Curimba CEJA. Nesse aprendizado, ela enfatiza o despertar do dom para tocar atabaque como fato marcante na história de vida da família. Faísca, ao compartilhar essa foto em suas redes sociais, lhe atribui a seguinte legenda: **Grande na fé e pequeno no tamanho. Mini ogã da Dinda #ogãmirim #umbanda #atabaqueiros #curimbeiros #umbandistas #ogã**

A legenda dada a esta foto por Faísca também reafirma o vínculo de afetividade e a continuidade do legado de saberes ancestrais através das gerações. Registra, também, as relações de família ampliada pulsantes no cotidiano do Terreiro de Umbanda CEJA.



Fotografia 26: III Festival de cantigas Afro Brasileiras Egbè Ayê, de julho de 2018 , Fonte: Acervo pessoal de um dos coautores .

Rosinha, mãe de Pietro, durante os Eixos 2 e 3, destaca a ampliação de horizontes e perspectivas de vida oportunizada pelas ações do CEJA e, mais especificamente do Curimba CEJA, no cotidiano de sua família consanguínea. Essas narrativas transcritas, na sequência, através das fotografias e do texto narrado e transcrito por Rosinha, evidenciam esse movimento circular que transita da vida para leitura através das experiências de letramentos e oralidade oportunizadas pelas vivências no Curimba CEJA.

O meu filho...o mais novo...vai fazer três anos... Pietro...toca um atabaque como ninguém...a escolinha da curimba tá ajudando muito pras crianças...entendeu...porque é assim...aqui infelizmente eles não tem nada...então lá no terreiro a gente tá encontrando vários tipos de oportunidades...né...de fazer uma vida melhor...quem quer fazer uma vida melhor...lógico que hoje em dia ainda tô sendo...não sei falar bonito...vou falar tipo assim...negócio de cachorro...ainda tô sendo adestrada...né...mas...é muito bonito o trabalho que fazem...não é porque eu sou média da casa...mas eu sou média da casa...eu fui uma traficante nata...já fui procurada...tudo já aconteceu e hoje em dia graças a Deus eu tô com a mente mais elevada...a cocaína já não existe mais na minha vida...né...graça Pai Oxalá...manter minha mente firme...hoje em dia consigo passar pelas tentações mais fáceis...entendeu...e continuo na casa (CEJA)... meus filhos estão evoluindo...estão na escola...eles não estavam na escola...não tinham registro...andaram comigo sabe...porque eu entendo por ajuda...mais tipo assim...a sua vida pessoal...você parar a sua vida pessoal pra pegar...ir lá...ir e vir...até hoje tomam conta de mim...tanto longe como perto...agradeço muito... (Rosinha, Eixo 3)

Rosinha evidencia as relações de família ampliada e enriquece a discussão da categoria “família”. Sua narrativa, mais uma vez, ilumina as relações de encontro e afetividade entre seus filhos e os participantes do Terreiro de Umbanda CEJA. Nota-se, então, o quanto esses laços e parcerias, esse caminhar junto promove a relação entre a oralidade e o letramento, em diálogo com as práticas de outros espaços de vida dos coautores. Desse modo, promove-se e oportuniza-se a transformação de vida.

A Fotografia 24, trazida para compor a narrativa de suas vivências de letramentos por Rosinha, registra o desfile da Infantes do Lins no ano de 2018. Já a fotografia 25 mostra Pietro no palco da II Semana do Povo Preto em Volta Redonda – RJ, em novembro de 2018. Em ambas as experiências de letramento e conhecimento de mundo, Rosinha estava com Pietro e seus outros quatro filhos, lendo e escrevendo suas histórias de vidas junto com a família CEJA. São a esses filhos que ela se refere no trecho de narrativa acima como tendo obtido através das ações de acolhida, parceria e

encontro do Terreiro de Umbanda CEJA e do Curimba CEJA acesso a possibilidades de, nas palavras dela, “ ter uma vida melhor”.



Fotografia 27: Desfile da Infantes do Lins do ano de 2018, ala da comunidade, acervo pessoal um dos coautores.



Fotografia 28: II Semana do Povo Preto em Volta Redonda – RJ, em novembro de 2018, acervo pessoal um dos coautores.

Miguelzinho, ao construir a narrativa de sua história de vida, também marca de forma significativa a presença da relação intergeracional, ancestral e de família. As fotografias escolhidas por ele ilustram tempos e espaços diferentes de sua vida e de sua vida na casa e no Curimba CEJA, além de narrar essa transformação de si e do espaço ao longo dos anos.

Na Fotografia 29, Miguelzinho aparece ainda criança na companhia de sua mãe. É possível observar que a foto inclusive não era ainda digital, o que revela o tempo. Em sua narrativa no Eixo 1, Miguelzinho retrata esse caminhar junto com a casa e destaca sua passagem por ela em tempos diferentes dele e do próprio coletivo. Ele frisa a produção de sentidos e ações sobre a concepção de irmão que a “galera” que ele encontra ao retornar tem e o quão importante essas relações de família e afeto foram para esse reencontro consigo e com o outro.



Fotografia 29: Miguelzinho e sua mãe na porta do CEJA no ano de 2000. Fonte: Acervo pessoal Miguelzinho.

Miguelzinho também elenca, na construção de sua narrativa, o protagonismo do Curimba CEJA em sua vida, espaço no qual, nas palavras dele, “descobriu um mundo novo”. A seguir, o relato dessa construção a partir das atividades do Eixo 2:

Quando retornei a casa, antes mesmo de frequentar a gira, minha primeira experiência com o letramento dentro do terreiro foi por intermédio do Sucursinho na função de professor de matemática. Encontrei ali um espaço que me permitiu evoluir não somente como pessoa, mas também como profissional. Após um tempo e já frequentando a casa de maneira constante, comecei a fazer aulas juntamente com o Curimba e descobri um mundo novo onde eu, que nunca tive qualquer pretensão a tocar atabaque, estava ali aprendendo a lidar com a musicalidade e principalmente com o instrumento nos permite usar como forma de adoração. Depois de um tempo aprendendo noções de ritmia, tempos musicais e estilos de toques, comecei eu mesmo a tentar passar para os alunos novos do Curimba CEJA um pouquinho do que me foi passado.



Fotografia 30 III Festival de cantigas Afro Brasileiras Egbè Ayê, de julho 2018 , Fonte: Acervo pessoal um dos coautores.

Mais uma vez na análise das categorias vida, leitura, relações de família, partilha, conhecimento de mundo, ampliação de sentidos e encontros através desse espaço são evidentes nas narrativas das histórias de vidas dos sujeitos envolvidos.

Narrativas, como o trecho a seguir de Miguelzinho, marcam evidências de práticas sociais específicas de leitura e escrita e os letramentos presentes no Terreiro de Umbanda e no Curimba CEJA. Por conta disso, destaca-se mais uma vez a casa como espaço micro que possibilita o macro, o olhar ampliado através do outro e da partilha que se constitui de significado ampliado de mundo e parte da leitura da vida para a vida na leitura.

A descoberta da capacidade de autoria, o empoderamento da capacidade de ser o que se deseja ser, a segurança de que é possível criar e que alguém vai se importar em ouvir você acaba tomando dimensão tal, que ultrapassa a relação religiosa e transborda para vida. Somos levados a perceber que podemos romper as barreiras do silêncio e o projeto de apagamento de nossas identidades e existências historicamente construído. Desse modo, ousamos reinterpretar os valores, as visões históricas e os acontecimentos nacionais, dialogando com a realidade e modificando-a em busca de uma sociedade mais igualitária.

Finalizando este momento de partilha de memórias e histórias de vida, trazemos a reflexão duas paródias, compostas no cotidiano dos espaços do Terreiro de Umbanda CEJA, que materializam muito das categorias analisadas ao longo desta dissertação e, mais profundamente, ao longo deste capítulo.

Paródia composta por Dona Maria Mulambo das Sete Encruzilhadas, a partir do rap Eu só quero é ser feliz (2017).

Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente no Terreiro onde eu nasci
E poder me orgulhar
E ter a consciência de que o axé tem seu lugar!

Minha cara autoridade eu já não sei o que fazer,
Com tanta violência estou com medo de viver
Por ser macumbeira, sou muito desrespeitada
A tristeza e a alegria que caminha lado a lado

Eu faço uma oferenda a minha Santa protetora
Mas sou interrompida pela ignorância repressora

Já não aguento mais essa onda de violência
Só peço a autoridade um pouco mais de competência

Paródia composta por Douglas, a partir de uma música do Bonde dos Havaianos (abril de 2019).

Eeeeeeu sou brasileiro
Sou do rio de janeiro demoro
Eu sou do CEJA sim
Oi por favor deixa eu passar. AaaaaH

Sooou Discriminado
Mas também sou educado
Minha mãe de santo me deu educação
E me botou no SucursinhoO.

Pode crê, diz aí, quem diria, o moleque evoluindo
Cria do JUCEJA, das Almas e Malandrinho.
Pé no chão, olhos e sonhos acima das nuvens

Dinheiro não, só coração
Hombridade, disciplina e saúde
Diálogo certo, um papo reto espero que ajude
Muito prazer...

Eeeeeeu sou brasileiro
Sou do Rio de Janeiro demoro
Eu sou do CEJA sim
Oi por favor deixa eu passar. AaaaaH

Sooou Discriminado
Mas também sou educado
Minha mãe de santo me deu educação
E me botou no SucursinhoO.

Descruze os braços vá em frente
Não espere nada cair do céu
Porque de lá só cai chuva fiel
Pois a nossa umbanda já levou soco nas costas e tapa no peito

Sabe aquelas coisas que acontece que tu fica p***
Tipo assim querendo gritar EU TO MALUCO
Pra eu não revidar você não pode me agredir tem que me dar respeito

Não venha me chamar de macumbeiro, de mau elemento
Sou batalhador e a fé é o meu sustento
Com fé em Deus acreditei no meu talento e mergulhei no movimento
Mas a nossa arma é Jesus e a munição é a voz
Quem é de fechar então fala que é nós.

As paródias são mais um elemento que consolida as discussões aqui tecidas acerca da categoria autoria, refletem também os letramentos e a produção de sentido nas

relações e no cotidiano do Curimba CEJA e do Terreiro de Umbanda CEJA. Elas foram criadas em diferentes contextos e ilustram, mais uma vez, o quanto as relações de oralidade e letramento no Terreiro de Umbanda CEJA, mais especificamente através do Curimba CEJA, ampliam as possibilidades do processo de autoria, partilha, pertencimento dos sujeitos. Some-se a isso o fato de constituírem uma identidade e retratarem sua identificação não só ao grupo do Terreiro de Umbanda, mas com luta por esse lugar de vida perpassa. Essa luta é contra preconceito, discriminação e subalternização de saberes/fazerem que ainda são pungentes e nos impulsionam a buscar sempre resistência e reinvenção para que seja possível continuarmos a (re)existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de minha trajetória como docente e pesquisadora sempre busquei explorar e analisar as possibilidades de letramentos e produção de sentidos, através das múltiplas vivências dos sujeitos e, no decorrer dessa busca, encontrei no Terreiro de Umbanda um *locus*, temática ainda pouco explorado pela academia no que tange suas possibilidades de oralidade, letramentos, vidas e leitura.

Este espaço é compreendido por muitos como um local apenas de atividade religiosa, desconhecendo que a realidade que compreende um terreiro de Umbanda é muito mais complexa e múltipla. Compreendemos ser necessário conhecer a organização e atuação dessa comunidade, como também a atuação de alguns de seus membros em outros ambientes sociais.

A pesquisa apresentada nesta dissertação teve por objetivo geral compreender e analisar as práticas de oralidade e letramento do CEJA e seu impacto nos sujeitos envolvidos no processo.

Ao iniciar o processo de aferição e pesquisa surgiram indagações e essas foram as perguntas norteadoras ao longo do processo de investigação: sobre quais são as práticas de oralidade e letramentos do Centro Espírita Justiça e Amor; se oralidade e letramento tem impacto social sobre a vida das pessoas; e qual o papel dos processos de oralidade e letramento em espaços religiosos afro-brasileiros,

Destas questões surgem os objetivos específicos desta dissertação que ao longo de sua construção possibilitou: identificar e analisar as práticas de oralidade e letramento próprias deste espaço religioso; e estabelecer a relação constitutiva promovida através do Curimba CEJA e seu diálogo com as práticas de outros espaços de vida dos sujeitos implicados.

Observar o cotidiano do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor e reconhecê-lo como uma comunidade de pertencimento ancestral e de construção e reafirmação de múltiplas identidades conduziu diretamente para o estabelecimento da relação entre este espaço de vidas e letramentos, surgindo assim o título: ‘Das leituras da vida para as vidas nas leituras: Oralidade e letramento no Terreiro de Umbanda’ .

A multiplicidade de sentidos produzida no seio das atividades vivenciadas no Terreiro de Umbanda CEJA, mais especificamente no Curimba CEJA, oportunizam aos sujeitos implicados, aqui denominados coautores, a experimentação de vivências de letramento ideológico e assunção do processo de autoria de sua história de vida, de sua

comunidade e, conseqüentemente, da sociedade, ratificando a conscientização por sua presença atuante e transformadora no mundo.

O Curimba CEJA é um dos espaços que fazem parte das ações do Terreiro de Umbanda CEJA. Esse se configura como um espaço de troca de conhecimentos, de saberes ancestrais ligados ao ritmo e ao canto dos pontos ritualísticos característicos da Umbanda, em que experiências de oralidade, letramento e vida são vivenciadas pelos sujeitos do campo.

Ao caminhar nas trilhas da memória, através das narrativas de si e das histórias de vida destes sujeitos, conseguimos investigar as relações de letramento e oralidade no Terreiro de Umbanda no percurso de construção desta dissertação. Estas memórias se articulam e se relacionam a minha constituição como pesquisadora, mulher, Mãe de Santo, educadora e como pessoa, assim como os coautores das histórias de vida aqui apresentadas também vivenciaram esta viagem ao longo das atividades com inspiração no ateliê (auto)biográfico e das narrativas de si.

O ateliê (auto)biográfico, enquanto espaço de memória compartilhada nos possibilitou compreender não apenas o vivido individualmente, mas o significado por um coletivo, isto é, uma memória social que constitui e forma esse grupo.

A memória, a escrita de si e as histórias de vida emergem, através do ateliê (auto)biográfico não só como um lugar de investigação, mas de produção deste coletivo e de encontro partilhado, marca profunda e relevante na Umbanda e que aparece recorrentemente na narrativa dos coautores.

O ateliê (auto)biográfico contou com a participação de nove coautores de diferentes gêneros, etnias e origens sociais, que participam das atividades religiosas, culturais e sociais do Curimba CEJA. Os coautores foram escolhidos de acordo com as seguintes características: pessoas que chegaram ao terreiro em busca de questões religiosas; membros do terreiro que possuem uma forte marca da exclusão social e se encontram excluídos ou a margem do sistema educacional; sujeitos que participam do Curimba CEJA.

O ateliê (auto)biográfico foi realizado no período entre agosto e dezembro de 2018 e buscou, por meio da investigação das histórias de vida, a compreensão dos processos de oralidade e letramento; a relação dos processos de oralidade e do Curimba CEJA com o mundo da vida; e a investigação de como os sujeitos do Curimba CEJA biografaram suas experiências de oralidade e letramento.

Esse percurso autobiográfico resgatou as relações de oralidade e letramento no Terreiro de Umbanda CEJA por meio das memórias da história da própria casa e da Umbanda, reafirmando todo um legado ancestral que vive e produz sentidos em nossas existências. Sentidos estes que nos constituem e a nossa identidade não só no aspecto da religiosidade, mas como pessoas, sujeitos, produtores e significadores de cultura e sentidos, de leituras de mundo e, conseqüentemente de letramentos.

Escolhemos o espaço do Curimba CEJA como recorte temático para análise das relações de oralidade e letramento no Terreiro de Umbanda, pois o próprio tambor representa (re)existência, ao longo de uma construção histórica de um projeto de apagamento e invisibilidade a toda uma cultura afrodispórica. O tambor, o canto, a musicalidade e a corporeidade sempre estiveram presentes como forma de expressão e perpetuação de saberes/fazeres outros.

Concluimos ao longo da construção da pesquisa apresentada nesta dissertação que no Curimba CEJA é possível constatar a partir dos indícios produzidos no campo e na narrativa dos coautores o quanto esse espaço amplia as possibilidades de produção de sentidos e traz ao protagonismo saberes historicamente subalternizados dentro do projeto hegemônico de dominação ainda em curso em nossa sociedade. Oralidade e letramento são discutidos como possibilidades de linguagem, comunicação e produção de cultura e assumem um protagonismo em relação à ampliação de acesso à justiça social e equidade de oportunidades na vida dos coautores. Essa conscientização da relação saber/poder ocorre à medida em que se amplia o conhecimento de mundo pelas múltiplas experiências tecidas ao longo das vivências dos coautores e suas famílias no Curimba CEJA.

Nesse sentido, a pesquisa apresentada nesta dissertação traz contribuição relevante à educação ao reconhecer a legitimidade do Terreiro de Umbanda enquanto local de produção de saber e sentidos, de leituras (das letras e do mundo) e de letramento, e que estimula e proporciona a valorização das narrativas de si e das histórias de vida à medida em que possibilita que sujeitos se apropriem de diversas formas de linguagem (escrita, oral, corporal, musical,..) para comunicarem suas ideias e se expressarem. Novas possibilidades de uso da escrita são descobertas, as letras (tantos os grafemas como as letras dos pontos) ganham sentido e vida e são forma de descoberta e ampliação do processo de autoria dos sujeitos do campo.

As relações de família também são outro ponto em destaque nesta dissertação, família de santo e família consanguínea que acabam por se fundir numa família

ampliada ou família extensa denominada família CEJA. Os sujeitos do campo constroem entre si e o campo uma relação de afetividade, parceria, colaboração e cumplicidade que amplia e transcende a concepção de família estruturada nos laços de sangue e transcendem para a lógica de que todos os indivíduos que compartilham laços ancestrais são ‘irmãos’.

Essa lógica organizacional é reforçada pela concepção de responsabilidade e respeito mútuos, num olhar de corresponsabilidades que abrange as relações consigo, com o outro e com a comunidade.

A partir desse movimento que parte da leitura da vida para a vida na leitura através das escritas de si e das histórias de vida através das vivências do Curimba CEJA emergem as categorias de análise das observações do campo e da narrativa dos coautores das atividades. As categorias foram organizadas e propostas para atender aos objetivos específicos desta dissertação de forma que cada categoria foi constituída a partir da congruência entre como os coautores participantes do processo de narrativas de si e de construção das histórias de vidas percebem as relações entre eles, o outro a vida e a leitura, evidenciando as relações outras contidas neste processo.

Partindo das categorias macro vida e leitura, a discussão caminha num movimento de circularidade pelas relações entre oralidade, letramento e vivências no Curimba CEJA, através das vivências dos encontros, da partilha, de família e afetividade e que circulam nesse fluxo contínuo pela apropriação dos sujeitos implicados na pesquisa de seu processo de autoria, nas letras e na vida, ampliando assim as experiências de letramentos dos indivíduos e do grupo.

Nesse processo de autobiografia das histórias de vida, dos discursos dos diferentes sujeitos recorrentemente ratificam as relações entre vida, leitura, letramento e oralidade no Terreiro de Umbanda através das vivências no Curimba CEJA. Estas vivências que constituem a escrita e as práticas de oralidade e letramento garantem a este locus como um espaço de construção de saberes e de significados para o mundo em que vivem.

Atribuir ao exercício realizado no Curimba CEJA essa possibilidade de significados permite ampliar o olhar sobre a capacidade destes espaços no processo de construção de conhecimentos, de significados e de cidadania, e legitima o Terreiro de Umbanda como lugar de educação formal não escolar, evidenciando e valorizando espaços outros como locais de construção de saberes/fazer.

Concluindo, o processo de pesquisa, ao longo do tempo possibilitou que me deparasse com a minha própria constituição como pessoa, Mãe de Santo, educadora e agente transformadora de uma sociedade, que ainda estigmatiza os espaços de matriz africana e o não relaciona a uma perspectiva de educação e letramento. Dessa percepção se somaram outras, como aquelas em que as relações e concepções de família, afetividade, através do encontro e da partilha que oportunizam um processo de autoria e empoderamento que caminha da leitura da vida para vida na leitura e reafirma as relações de oralidade e letramento no Terreiro de Umbanda.

Relacionar, explorar e reconhecer o Terreiro de Umbanda como *locus* de educação, produção e construção de saberes ainda é um campo pouco explorado pela academia, o que oferta uma gama ampla de caminhos de ampliação de estudos das múltiplas relações de educação e Terreiro serem exploradas futuramente. A riqueza de possibilidades de análise das relações intra e interpessoais, com o sagrado e com a própria sociedade tecidas a partir e no Terreiro de Umbanda e que implicam na educação de alguma forma é imensurável, e se amplia ainda mais ao considerarmos este espaço como de legado e pertencimento ancestral.

Começamos essa dissertação pedindo licença aos donos de nossos caminhos, e a encerraremos destacando as possibilidades de desbravar caminhos outros de pesquisa e análise da relação Terreiro de Umbanda e educação. Relações de gênero, educação e Terreiro de Umbanda, a relação da educação de/no Terreiro com a educação formal escolar dos sujeitos são algumas das possibilidades.

Há, ainda, uma longa estrada, cheia de encruzilhadas a ser percorrida neste sentido. Que tenhamos a ousadia, a coragem, a força e a bravura de Ogum para abrir caminhos nessa estrada e a irreverência, a parceria, a alegria e a determinação de todo Povo de Rua para que essa jornada seja de muita vitalidade e alegria. E que possamos caminhar guiados pela sabedoria ancestral de nossos queridos Pretos Velhos e Pretas Velhas lembrando a exemplo deles, que a estrada é longa, muitas vezes se caminhar devagar, mais “é devagar, é devagarinho”¹⁰⁸, quem caminha com Preto Velho, nunca fica no caminho.¹⁰⁹”

*Motumbá*¹¹⁰

108 Marca da oralidade das falas das entidades de Umbanda

109 Trecho de ponto em saudação aos pretos velhos e pretas velhas, ponto na íntegra no apêndice C

110 Pedido de benção

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Débora Cristina de. Literatura infantil e política educacional: estratégias de racialização no Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE). Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2015

AZEREDO, Edson Guimarães de. As muitas vidas e identidades de Carolina Maria de Jesus: o uso do biográfico e do autobiográfico no ensino das relações étnico raciais. 2018. 113f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

BERGO, Renata Silva. Quando o santo chama: o Terreiro de Umbanda como contexto de aprendizagem na prática. 2011. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BOSI, Eclea. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 2001.

CORRAL, Janaina A. As Sete Linhas da Umbanda. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

DAMO, Velela Moura y Gauterio Cruz: *Conscientização em Paulo Freire: consciência, transformação e liberdade*, en Contribuciones a las Ciencias Sociales, genero 2011, www.eumed.net/rev/cccss/11/

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Approches méthodologiques en recherche biographique*

FERREIRA, Marta. Dissertação “Ìtàn - oralidades e escritas: um estudo de caso sobre cadernos de hunkó e outras escritas no Ìlè Aşé Omi Larè Ìyá Sagbá”

FONSECA, António. *Contribuição ao Estudo da Literatura Oral Angolana*. Luanda: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1996.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREDERICI, Silvia. O capitalismo tenta destruir nossas memórias. Revista Cult. 02/07/2007. Disponível: <https://revistacult.uol.com.br/home/silvia-federici-o-capitalismo-tenta-destruir-memorias/>, acessado em junho de 2008.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam/Paulo Freire. – 47.ed. – São Paulo, Cortez, 2006.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa /Paulo Freire. São Paulo :Paz e Terra,1998 (Coleção Leitura)

_____.Ação cultural para a liberdade. 6ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1998.

_____.Pedagogia do oprimido. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GEERTZ, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. In: BEAUCHAMP, Jeanet; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. (Org.). Indagações sobre o currículo: diversidade e currículo. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p.17-47. 150 HEATH, S. B. “What no bedtime story means: narrative skills at home and school”, *Language in society* 11, 1982, pp.49-76.

GUERRA, Denise. Um olhar sobre a cultura corporal de movimento afro-brasileira construída a partir da corporeidade Africana. *Revista africanidades*, ano 1 , nº 2, disponível em : http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/um_olhar_sobre_a_cultura_corpor_al_de_movimento_afro_brasileiro.pdf , acessado em junho de 2008.

JESUS, Jayro Pereira de; et al. *Reivindicações das Religiões de Matriz Africana ao Governo do Estado do RS*. Disponível em: <<http://www.babadybadeyemonja.com/2011/11/representantes-das-religioes-de-matriz.html>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

MARIANO, 2011 não soube referenciar <http://iyalorisaelainetiosun.blogspot.com/2011/05/maes-de-santo-o-matriarcado-no.html>

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura/Maria Helena Martins.São Paulo.1ª edição.Brasiliense,1982

MOTA, Marcia Elida da, Algumas considerações sobre o letramento e o desenvolvimento metalingüístico e suas implicações educacionais, 2007, arquivo online disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v7n3/artigos/pdf/v7n3a10.pdf> , acessado em 24 de agosto de 2013.

NOVAES, L.M. Monografia: Título: Centro Espírita Justiça e Amor, fonte de ampliação de conhecimento projeto sucursinho, a educação no terreiro de umbanda. Orientador: Marta Ferreira e Patrícia Bastos. UFRRJ,2017.

PARIS, Anthropos, 2013 <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>

PESSOA, Fernando. Livro do Desassossego por Bernardo Soares, vols. I e II. Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1982.

PIRES, José Herculano. Pedagogia Espírita. Brasil, EDICEL,2008.

RIBEIRO, Djamila, O que é: lugar de fala?/ Djamila Ribeiro.-- Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017

RIOS, FÁBIO; “Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo”. In: Revista Intratextos, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>

RUFINO JUNIOR, L. R . Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas: Filosofia da Ancestralidade e Educação. Filosofia Africana Brasil, Internet, p. 1 - 2, 11 jun. 2018.

RUFINO JUNIOR, L. R . Pedagogia das Encruzilhadas. PERIFERIA (DUQUE DE CAXIAS) , v. 10, p. 02-296, 2018.

Saberes e fazeres, v.3 : modos de interagir / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2006 152p. : il. color. - (A cor da cultura)

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São. Paulo; Editora Cortez. 2010. 637páginas. Epistemologias do Sul

SCHIFFLER, Michele Freire. *Literatura Oral e Performance: a identidade e a ancestralidade no Ticumbi de Conceição da Barra, ES*. Tese de doutoramento,

STELLA, Mãe in Saberes e fazeres, v.3 : modos de interagir / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2006 152p. : il. color. - (A cor da cultura)

SILVA, Regina Haldaci. SABORES DA CASA, SABEDORIAS DE TERREIROS:práticas educativas e construção de saberes em um Terreiro de Umbanda de Teresina Piauí. 2013.113f. Dissertação (Mestrado em Educação) - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Piauí.)

SIMAS, L. A. O país das sete encruzilhadas. Revista Caju,internet. 15/11/2018. Disponível em: <http://revistacaju.com.br/2018/11/15/o-pais-de-sete-encruzilhadas/>. Acesso em: 15 novembro de 2018.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos, revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004, Artmed Editora.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001

SOUZA, Nadson Nei da Silva de. Mulheres do axé : da invisibilidade social à visibilidade religiosa / Nadson Nei da Silva de Souza.—2014. xiii, 83f. + apêndices e anexo ; enc. 151 STREET, Brian Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação / Brian V. Street ; tradução Marcos Bagno. - 1. ed. - São Paulo : Parábola Editorial, 2014

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1997.

VANSINA, Jean. A tradição oral sua metodologia africanidades: história da África e Culturas tradicionais Africanas, 2008. Disponível em <http://afrologia.blogspot.com/2008/03/tradio-oral-e-sua-metodologia.html?m=1>, acessado em junho de 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e Linguagem. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Série Psicologia e Pedagogia.

ZACCUR, Edwiges (org.)et al. A Magia da Linguagem. Rio de Janeiro: DP&A/SEPE, 1999.

Anexos:

Anexo A

Pontos Cantados Composições dos filhos CEJA

Ponto de Oxalá

Autor: *Jocemar Machado*

Oxalá meu Deus
De ti vou precisar
E os seus mensageiros de luz
Para nos ajudar
Oxalá meu Deus
De ti vou precisar
E os seus mensageiros de luz
Para nos ajudar
A nossa Umbanda é de amor, é de carinho
Com fé nós vamos trabalhar
Pedindo a sua proteção e a sua força,
Para salvar nosso gongar

Ponto para estrela guia

Autor: *Jocemar Machado*

Um lindo sonho eu sonhei eei,
Que a estrela guia em guiava
Mostrava as cores para mim,
O céu azul me iluminava,
Vermelho é a cor do coração,
E o verde é a cor das matas,
O amarelo é o ouro,
E a nossa lua é cor de prata.
Vermelho é a cor do coração,
E o verde é a cor das matas,
O amarelo é o ouro,
E a nossa lua é cor de prata

Ponto para todos os Orixás

Autor: *Jocemar Machado*

Eu vi uma luz brilhar
Era o nosso Pai
Que veio para nos mostrar
Caminhos que a Umbanda nos conduz
Aiê eu Oxum

Odoiá Iemanjá
Saluba Nanã
Epahei Inhasã
Que linda a espada de Ogum
Que com sua força,
Se une a Xangô
Oxossi da matas virgens,
Seus olhos brilham num sorriso de criança
Atotô meu Pai, seus filhos vivem cheios de esperança
Ossanha Rainha das flores, seus campos lindos neste mundo de dor
Salve os Pretos Velhos
Que com humildade sempre nos dá muito amor
Vejam quanta beleza, neste canto de louvor

Ponto para as águas
Autor: *Jocemar Machado*

Salve as águas,
Do mar, do rio e das cachoeiras,
Que lavam as nossas almas,
Que linda mãe natureza
Adoiá Iemanjá,
Aie eu mamãe Oxum
Epahei o Iansã,
Saluba, saluba Nanã

Ponto para saudar os médiuns
Autor: *Jocemar Machado*

Oh aparelho, sua missão é tão sublime
Tão sublime nesse mundo de Jesus
Oh aparelho sua missão é tão sublime
Que até ajuda a carregar a nossa cruz

Ponto para Ogum da Matinada
Autor: *Jocemar Machado*

Ogum da matinata,
na sua gira a gente vê a luz,
A luz, a luz
A luz que brilha, para os seus filhos,
Filhos de Jesus, ilê, ilê,
Ilê, ilê, Seu Matinata como vai você,
Ilê, ilê, Seu Matinata eu só vim lhe ver

Ponto para Iemanjá
Autor: *Jocemar Machado*

A estrela brilhou,

lá em alto mar
é nossa mãe, é nossa mãe
que vem, vem nos saudar
Oh mãe!
Seja bem vinda,
Com muito amor
Sua mão divina
Traz as bênçãos do Senhor
Seja bem vinda,
Com muito amor
Sua mão divina
Traz as bênçãos do Senhor

Ponto para Oxum
Autor: *Jocemar Machado*

Mamãe Oxum, tão linda, tão linda que o mar levou
Levou, mandou de volta,
Na luz do seu olhar,
Seu canto de esperança
A todos vem abraçar

Ponto para Oxum
Autor: *Jocemar Machado*

Quanta luz,
Tem o seu olhar,
Iaôs trazendo os presentes,
Tão lindos, do além mar
Aiê eu, aiê á,
Oxum das águas do rio
Oxum das águas do mar

Ponto para Oxosse
Autor: *Jocemar Machado*

As matas estavam em festa
Quando a lua clareou
Seu pena verde aqui chegou
Foi um momento tão lindo
Os caboclos dançavam os pássaros cantavam nesta mata multicolor
O céu e as estrelas
As ondas do mar, o tempo e o vento, o infinito
E o nosso pai a nos abençoar

Ponto para Boiadeiro
Autor: *Jocemar Machado*

Lá na planície,
A cavalgada,vai começar
Tem chapéu de couro justiceiro,
É boiadeiro,vencedor
E e boi! E e boiada!
Tem boiadeiro,sim,senhor,
Tem boiadeiro na chapada!

Ponto para Nanã
Autor: *Jocemar Machado*

Saluba Nanã, oô
Saluba Nanã oô
Saluba Nanã
Naná Borukê
Seu manto é de luz oô
Vovozinha do mar oô
Seus filhos agradecem, tamanho bem querer
Seu manto é de luz oô
Vovozinha do mar oô
Seus filhos agradecem, tamanho bem querer

Ponto para as crianças
Autor: *Jocemar Machado*

Hoje é dia e festa,
No reino de Pai Oxalá,
Tem criança brincando
Pulando para lá e pra e cá
Quanta alegria, quanta emoção.
Salve as crianças, crianças do meu coração!

Ponto para as crianças
Autor: *Jocemar Machado*

Foi um sonho que se tornou realidade,
Crianças brincando, num mundo sem maldade.
Batam palmas vamos sorrir,
Criança, criança o seu mundo é aqui.

Ponto para as Vovô Rei do Congo
Autor: *Jocemar Machado*

No tempo do cativoiro,
como vôzinho sofria
Apanhava o ano inteiro, com Sinhozinho batia,
Mas então um belo dia, tudo de repente mudou,

Foi a coisa mais bonita quando preto velho chegou
E ê eo, eo eô
Vovô Rei Congo, sempre traz muito amor

Ponto para vovó Catarina
Autor: *Jocemar Machado*

Foi num terreiro de Umbanda,
Catarina encontrei,
Foi um lindo instante,
Seus conselhos aceitei,
E de repente Preta Velha me falou,
Misi fio, quanta luz nesta casa de amor

Ponto para Mulambo
Autor: *Jocemar Machado*

Mulher, Maria Mulambo, rainha mulher
Você me devolveu a minha fé
E nesse mundo de ilusão
Você sempre me estende a sua mão

Ponto para Seu Tranca Rua das Almas
Autor: *Jocemar Machado*

Eu andava pela rua
Encontrei seu Tranca Ruas
Que me ensinou a caminhar, caminhar
Foi numa noite linda
No clarão da lua
Era noite de Luar

Eu quero caminhar,
Eu quero caminhar
Pela estrada dessa vida
Em buscados meus caminhos
Eu quero caminhar

Ponto para as moçass
Autor: *Jocemar Machado*

Quando você passar, numa encruzilhada
E avistar uma moça,
Com uma rosa na mão
Peça licença e passe,
Mas não apanhe o que estiver no chão

Ponto para malandro

Autor: *Jocemar Machado*

Malandro é meu nome
Na encruza eu trabalho
Pros filhos de umbanda, axé ago rokê
A noite é uma criança
Para mim e para você
Você faz seus pedidos
E eu vou lhe atender

Ponto para cigana

Autor: *Jocemar Machado*

Cigana
A sua dança emocionante fez
Vibram vibrar, vibra o seu corpo de emoção
Ciganaaaa
Tens o dom divino, de ler nosso destino, quanta emoção
Ciganaaa
O seu corpo ardente
Mexe com a gente
Que fascinação!

Salve elas!

Autor: *Reinaldo*

Salve as pombo giras
Mulambo, das Almas e Padilha
Elas são pra quem tem fé
São donas da minha vida
Mulambo, das Almas e Padilha
Elas vem cortando o mal,
Feitiço, demanda e magia
Mulambo, das Almas e Padilha.
Se tu não tem nada a temer,
Elas vão te proteger
Mulambo, das almas e Padilha

Ponto para Mulambinho da Calunga

Autor: *Reinaldo*

Oh Mulambinho eu preciso de você
Oh Mulambinho vem aqui me defender
Estou com um problema bem grande só você vai resolver,
Vou chamar seu Tranca Ruas que trabalha com você

Ponto para Malandrinha da lapa

Autor: *Reinaldo*

Com o seu vestido azul
Com o seu chapéu na mão
Malandrinha da Lapa me dê a sua proteção
Com o seu samba no pé
Cerva nunca vai faltar
Malandrinha da Lapa sempre vem nos ajudar

Com o seu vestido azul
Com o seu chapéu na mão
Malandrinha da Lapa me dê a sua proteção
Com o seu samba no pé
Ela nunca vai faltar
Malandrinha da Lapa sempre vem nos ajudar

Eu Rezo e Peço Por Essa Mulher
Autor: Igor Melo

Meu caminho está livre
Não tenho nada a temer
Porque Maria Mulambo
Vai me proteger
Cada passo que eu dou
Ela vem me olhar
Cada caminho que eu peço
Ela vem me ajudar
Eu rezo e peço por essa mulher
Que na rua trabalha com fé
Maria Mulambo das sete Encruzilhadas
Abra meu caminho com sua gargalhada
Trabalha noite, trabalha dia
Vamos saudar essa Pombogira

Malandrinho Trabalhador
Autor: Ricardo Germano

Mandou me chamar, quem chamou?
Chamou pra trabalhar, não, não vou!
Se não me encontrar por aqui
Nem adianta me procurar
Na Lapa, Malandrino está

Já tô trabalhando, dia e noite, noite e dia
Dentro da minha boemia
Rodeado de mulher

Já tô sambando, alegria contagia
Essa é a minha garantia
Fazer o bem até pra quem não quer

Falam mal de mim
Dizem quem eu sou
Quem me conhece de verdade?

Malandrinho da Lapa
Um Malandrinho trabalhador

Maleme Que Eu Estou Aqui
Autor: Ricardo Germano

Um brado ecoou na pedreira
A mata inteira acordou
Anunciou no alto da videira
Cabecilê, Kaô meu Pai Xangô
Maleme, não deixa rolar (Kaô, Kaô)
Maleme, não deixe cair (Kaô, Kaô)
Se Tua pedra escorregar, tua justiça me chamar
Maleme, que eu estou aqui
Quem teme a justiça se esconde
Quem me confronta debaixo da pedra está
Só não esqueça que correr não tem pra onde
Quem tem Xangô, tem Pai, tem Orixá
E se me perseguirem, atenda meu chamado
Só lhe peço proteção, mostrando ao meu irmão
O peso do Teu machado, Xangô

O Meu Nome é Cabaré
Autor: Ricardo Germano

Tentaram se aproveitar de mim
Mas, minha força não deixou
Pensaram que eu era doce e fina
Coitado de quem se enganou
Na madrugada estarei lá da esquina
Protegendo quem é mulher
O meu nome é Cabaré

Se tá pensando que eu sou mulher da vida
Eu sou uma mulher vivida
Capaz de matar amor

Se tem coragem de chegar perto de mim
Não tenha medo só respeito
Pra entender quem eu sou

Eu boto pra correr toda demanda
E jogo pra longe de mim
Mostrando o caminho de quem anda
Protegendo quem é mulher
O meu nome é Cabaré

Sou Mulambo da Calunga
Autor: Ricardo Germano

O meu pai me deixou
Oxalá me acolheu
Tirando-me da dor
Que em mim se escondeu

Pra vida foi assim que eu fui
Por um calça apaixonei
Sem dó nem piedade
A minha mãe deixei

Por ele me matei
E agora estou aqui
Rodando a minha saia
No caminho que escolhi

Pai Oxalá, Mãe Iemanjá
Me livra logo dessa dor profunda
Eu sou Mulambo
Sou Mulambo da Calunga

Laroiê, me chamam de Pombogira
Laroiê, Pombogira é Monjubá
Laroiê, com a minha gargalhada
E na minha saia agarrada
Tô aqui pra trabalhar

Exú Vem Trabalhar
Autor: Ricardo Germano

Se ascender o candeeiro
É pra iluminar
Se apagar a luz do terreiro
É pra Exu chamar

Exú trabalha dia e noite, noite e dia
Sempre em boa companhia
Vem Exu vem trabalhar

Se nessa casa tem Exu
Venha trabalhar

Lágrima d'Oxum
Autor: Ricardo Germano

Caiu, uma lágrima caiu
Caiu, e molhou minh'alma inteira
Caiu, uma lágrima caiu
É água que vem da cachoeira
Recebi um recado de Mãe Oxum
Pedindo pra eu não chorar

Um filho jamais é abandonado
Com uma gota de lágrima venho lhe banhar

Nosso Pai Mais Forte
Autores: Léo Tarjano / Ricardo Germano

Ele é nosso Pai mais forte
E guerreiro de Oxalá
Ele vem de Aruanda
Vem cortar demanda
E nos ajudar
Montado em seu cavalo (Ogum)
Com sua espada abre caminho
Ogum Iê, São Jorge
Minha fé é forte
Não estou sozinho
Asiwaju
Orixá desbravador
Ele é meu general
Me livra de todo mal
Valente aqui estou

Sete Maridos na Porteira
Autor: Ricardo Germano

Maria Padilha, quantos maridos você tem?
Tranca Ruas, Marabô, Seu Tirirí e mais ninguém
Maria Padilha, quantos maridos você tem?
Malandrinho, Zé Pilintra, Exú Veludo e mais ninguém
Ainda tem Exú Caveira, porque sou namoradeira
Tenho sete caminhos, sete maridos na porteira
A porteira se abriu
Sete saias na encruza eu rodei
Maria Padilha nunca está sozinha
Ela é Rainha acompanhada de seu Rei

Oração a Tranca Rua de Embaré
Autor: Ricardo Germano / Letielle Junior

Exu Tranca Rua de Embaré
A quem entreguei meu coração
E hoje no seu dia eu lhe peço
Proteção, meu amigo, meu guardião
Quando eu não via saída
O senhor abriu os meus caminhos
Quando eu não tinha esperanças a luz me mostrou
Quando eu não tinha mais forças, me carregou
Cubra-me com sua capa
Me ensine a ser forte pros meus medos enfrentar
Eu lhe peço a sua proteção

Do fundo do meu coração
A ser bom pra meus inimigos ajudar
E principalmente a ser fiel
Como com seus filhos você é
Exu Tranca Rua de Embaré

Basta Mirar
Autor: Ricardo Germano

Nuestras desavenencias tenemos que superar
Siguiendo por el camino que la sabiduría traerá
El amor que habitante en nuestros corazones
Hará efecto en el valor del perdón

No vaya por el mundo a cabo detrás de un tal vez
La certeza está a tu lado, bien aquí
Basta mirar, y ver con el corazón lo que está cerca de ti
Siempre habrá un ángel o un amigo a cuidar de ti

Ela Não Liga Pra Pano
Autor: Ricardo Germano

Não diga que Ela tem castelo nem pouco que é rainha
Pra quem pensa que conselho
De Mulambo envenena
Não sabe que sua magia
Trás felicidade plena
Malandro é sua companhia
Tranca Rua proteção
Trabalha de noite de dia
Ela não dá sossego não
Ela é Maria Mulambo das Sete Encruzadas
Ela não liga pra pano, nem tem hora marcada
Pra chegar

Exú Caveira é de Uma Viagem Só
Autor: Ricardo Germano

Auê Auê Caveira,
Seu ponto tá firmado
Na entrada, na Trunqueira

E na saída Ele mostra quem é que manda
Arrasta pro Cruzeiro toda dor toda demanda

Se na levada houver motivo pra voltar
Onde anda sua fé?
Lá na Trunqueira Ele está

Exú Caveira é de uma viagem só
Auê, Auê Caveira

Seu ponto tá firmado
Na entrada, na Trunqueira

Das Almas Sabe o Que Faz
(Igor Melo/Ricardo Germano)

Num belo dia na encruzilhada
Pombagira Das Almas
Soltou uma gargalhada

Ela é explosiva a danada da Pombagira
Por onde Ela passa mal nenhum se cria

Num belo dia na encruzilhada
Pombagira Das Almas
Soltou uma gargalhada

Seja noite ou seja dia
Toda sua alegria
A Das Almas irradia

Ela guarda feitiço debaixo da saia preta
Por isso não se esqueça
O bem que ela trás

Toma conta de filho mesmo q'ele não perceba
Mulher de beleza
Das Almas sabe o q faz

Ela corta demanda e joga pelo ar
Cuidado o que pede pra essa mulher
Um filho fiel ela vai levantar
O que Ela vai da
É firmeza na fé

Anexo B

Transcrição entrevista

Transcrição 1; áudio 5:21.

Legendas:

- Interlocutor(a) – I.;
- Juliane e Mãe Paula – J. e M.P.;
- As palavras entre [colchetes] servem para explicitar uma emoção na decorrência do diálogo;
- As palavras entre {chaves} servem como sinalizadoras de suposições feitas pelo(a) transcritor ao deparar-se com dificuldade auditiva em decorrência da qualidade do áudio;
- As palavras entre as =barras paralelas= são ocupações que o(a) transcritor(a) achou necessário anexar;
- As reticências (...) servem para suprir as pausas virgulares e das pontuações gerais.

I: Bom...eu não procurei a casa...a casa que me achou né [risos da I.]...foi diferente... isso aí eu já escrevi quando eu cheguei na casa foi um momento muito difícil né...ma...é...pai do Pietro preso...tinha sido preso...tive que voltar pro morro...né...faltando tudo...aí já tava quase um ano na luta...só que tava me sentindo pra baixo...né...que eu...num tive...nunca...assim...família que cuidasse...são de longe só...vim pra cá não sou carioca... não sou do Rio de Janeiro...sou de Aracaju... então fui pega...adotada e vim pra cá...pro Rio...ou seja...depois de uma certa idade...complicações...saí de casa cedo e fui viver a minha vida...então a casa me acolheu no momento que eu mais precisei...tava querendo...foi...foi...é engraçado...eu lembro direitinho como foi...foi no dia que eu registrei o Pietro...fui lá em Bangu no presídio pra poder registrar o Pietro...aí tinha acabado de registrar o Pietro...cheguei muito cansada...com fome...não tinha comido nada...aí sobrou...eu comprei o pão que deu um pão certinho pa cada e soltei em Cascadura e comprei um veneno...entendeu...Realmente eu ia fazer mesmo...entendeu...eu tava com a mente tão perturbada...eu tava...e aqui é assim...alimento quase ninguém dá...mas...droga neguinho dá mesmo...então tava usando muita cocaína também... e foi aí que eu já tinha conversado com... que hoje em dia é meu padrinho...o Alan... sempre conversava com ele na rua...desesperada...as coisas acontecendo...e ele veio entregar uma boneca pra Yane...pra minha filha...que ela já ia pra ação social na quadra e eu ficava em casa...então no momento de desespero...né...encontrei na minha casa a Juliane...que é minha madrinha...a mãe Paula que é minha madrinha...e o Alan...né...nisso você sobe o morro já sabe como é que é... as pessoas já comenta já...tem gente lá na sua casa...eu já imaginei até que fosse conselho tutelar...imaginei um monte de merda...aí pedi pra sentar...foi muito maneiro porque elas...tipo luz [I. se emociona]...que entrou...desculpa...que entrou dentro da minha casa...entendeu...aí ofereceram que se eu

quisesse sem compromisso conhecer a casa...aí mãe Paula já sabia o que eu tinha dentro da bolsa...cara...eu joguei fora...eu ia fazer a maior merda da minha vida...entendeu...graças a Deus minha época de culpa já passou...mas isso me entristece muito o que eu iria fazer...né...é...ia acabar com a minha vida e a vida dos meus filhos...entendeu...tava muito desesperada...tinha semanas comendo...é...angu na água e sal...aí eu o fubá já acabou...Pietro bebendo água com açúcar na mamadeira...e eu não querendo ir nos amigos aqui ficar pedindo as coisa também toda hora...que quando você pede depois faz um favor querendo ou não...entendeu...e [elas] encheram o meu armário...minha geladeira aí falou...

J. e M.P. por I.: a gente não tá fazendo isso pra você ter a obrigação e vir pra nossa casa...a gente faz...

I.: Aí explicou da ação social que ajuda as pessoa...que vinha trazer uma boneca...aí viu que não tinha nada...aí me ajudou...cara que isso aí...isso aí ninguém na minha vida fez isso por mim...ninguém...ninguém ninguém ninguém...entendeu...nunca tive isso na minha vida...uma pessoa fazer isso...aí bateu a curiosidade...na próxima semana fiquei vou num vou...vou num vou...aí alguma coisa me incomodou...aí vai...vai...vai lá conhecer...vai lá ver como é que é...aí falei...ah vou...com um [medo] {calhaço} do caraca por que toda...quando...às vezes que ia pra visita em casa de terreiro...eu passava muito mal... muito mal...muito mal...revolvi ir...

Transcrição 2; áudio 3:55.

Daí eu fui...né...elas me deram o endereço...ponto de referência 457...aqui urubu todo mundo conhece o 457...porque geral quando vai pa praia pega o 457...né...eu fui...aí falei...cara...ela =J. e M.P.= falou uma rua sem saída...aí quando eu cheguei...aí a primeira até que vi foi o pai Ricardinho das Almas...cum...cum...acho que era um senhor e uma senhora conversando...aí eu já desconfiada...falei que vim conhecer a casa...a falou vai lá...aí zoou do meu vestido...que eu tava com o vestido colado né...oh isso aí né o que você tem que usar não...sei que...aí zoou [risos]...aí falei...caraca... fiquei com mais vergonha né...falei...caraca...devia ter vindo com umas roupa mais decente [risos]...e entrei né...me atenderam bem...mesmo assim sempre fui desconfiada...não dava abraço em ninguém...é esse negócio de toque nunca gostei...esse negócio de abraçar...não gostava...meus filhos...principalmente os mais novos também tinha traumas...porque eu tive um ex marido...não o que tá preso... o outro...que eu casei três vezes...então o primeiro casamento foi tranquilo...só os chifres que foi demais...mais o segundo foi tranquilo no começo...depois ele conheceu o crack então espancava a gente...e fora...graças a Deus... não teve estupro pros meus filhos...no meu caso já teve...né... e tudo na frente deles...às vezes eu chegava...ia pra uma festinha ou outra...as pessoas sempre me chamava...na época que eu tava com ele...aí chegava em casa...aí meu filho Yuri...que já vai fazer dez anos agora estava machucado...minha filha Iane que tem onze anos também tava machucada...que ele sempre implicava mais com eles dois...eles tinham...mais o Yuri...aquele trauma di...principalmente homem...tiraram esse trauma do meu filho...Graças a Deus...com a ajuda de todos...né...isso aí pra mim

foi uma grande vitória...tiraram meus traumas também...não é tirar...é amenizar...e eu comecei a ir...fui muito bem tratada por todos...né...já cheguei às vezes lá passando mal...que às vezes tinha a recaída...né...no começo da cocaína e quando cheguei lá na merda...né...que me carregaram no colo...que hoje em dia é a minha madrinha...a Cotinho e a Ana Paula que não tá mais...não se encontra mais no terreiro...e sempre ali...come...toma aqui...entendeu...nem todos são perfeitos...eu não sou perfeita...uns a gente simpatiza mais e outros menos...mas eu amo todos eles...todos...bom acho que tem uns que eu não vou com a cara mas não interessa...eu gosto de todos eles...e me acolheram muito bem...em seguida levei mais coisa pra minha casa...eles aqui...ô... toma aqui...eu falei não...já tá legal...mas mesmo assim sempre ajudando...sempre lembrando...entendeu...

Transcrição 3; áudio 5:37.

Na próxima semana já me chamaram pra ficar dentro do...terreiro...participar pra...por dentro da gira...entendeu...sempre me aconselhando...entendeu...sempre lutando...se eu não tava legal já aparecia logo aqui em casa...às vezes eu tava...às vezes eu nem falava que num tava legal e já apareciam aqui em casa...eu tinha o hábito de qualquer coisa que pegasse catasse...na época fiquei relaxada...depressão...o meu compadre Rafael ainda viu uma psicóloga...um psicólogo pra mim...que me ajudou...voltaram com os meus estudos...me ajudaram...caminharam comigo pra fazer prova...sempre ali na luta...levando a gente...alimentando...entendeu... e eu continuo e vou continuar...entendeu... me ajudou...muito mesmo...o meu filho...o mais novo...vai fazer três anos... Pietro...toca um atabaque como ninguém...a escolhinha da corimba tá ajudando muito pras crianças...entendeu...porque é assim...aqui infelizmente eles não tem nada...então lá no terreiro a gente tá encontrando vários tipos de oportunidades...né...de fazer uma vida melhor...quem quer fazer uma vida melhor...lógico que hoje em dia ainda tô sendo...não sei falar bonito...vou falar tipo assim...negócio de cachorro...ainda tô sendo adestrada...né...mas...é muito bonito o trabalho que fazem...não é porque eu sou média da casa...mas eu sou média da casa...eu fui uma traficante nata...já fui procurada...tudo já aconteceu e hoje em dia graças a Deus eu tô com a mente mais elevada...a cocaína já não existe mais na minha vida...né...graça Pai Oxalá...manter minha mente firme...hoje em dia consigo passar pelas tentações mais fáceis...entendeu...e continuo na casa...meus filhos estão evoluindo...estão na escola...eles não tavam na escola...não tinham registro...andaram comigo sabe...porque eu entendo por ajuda...mais tipo assim...a sua vida pessoal...você parar a sua vida pessoal pra pegar...ir lá...ir e vir...até hoje tomam conta de mim...tanto longe como perto...agradeço muito...né...pelo padrinho Alan ter trago pra minha casa...ter me achado...me lembro quando estava chovendo... ele chegou do nada com a bolsa de compras...ele até escorregou...ele e o Luan...até escorregou...caiu no chão...escorregou...fiquei com maior pena...chamava ele até na época ele tinha um cabelo grande chamava ele de super choque...sempre ali se preocupando...vamo lá...aí começaram...não...vamo lá resolver uns servicinhos...faz uma unha...aí dá um material...cada um ajuda como pode...e isso é muito bonito...são todos

trabalhadores...ninguém é rico...é o que eles falam...se a gente tirar um quilo do nosso alimento pa doar já faz uma cesta básica...hoje em dia graças a Deus eu tenho a minha mente mais firme...se eu puder ajudar eu ajudo...ajudo não material...mas se puder ajudo braçal...aprendi já a ficar na cozinha...que é bom pra mim que me doutrina muito minha paciência...que é uma coisa que eu ainda tô em processo...e você andar nos lugares e pessoas te reconhecer...entendeu...que você fez aquela sopa onde eu já tive com meus filhos pa pegar aquela sopa pa gente comer que eu nem lembrava...tava tão drogada que eu nem lembrava que a gente fomo em Cascadura comer sopa...meu filho mais velho que lembrou...mãe...são eles que deram sopa pa gente...entendeu...e hoje em dia eu faço pra dar...minha vida é assim...três anos de terreiro este mês que eu faço...né...cara...mudou assim de uma tal forma inexplicável...muito inexplicável...entendeu... mudou demais...demais...e o que eles falam...que sempre é falado...o que vocês resolver a gente vai tá te apoiando...que se for puro bem...se não for te fazer mal...e isso é muito maneiro...muito bonito...

Apêndice A

Orixás da Umbanda: Informações complementares a citações da dissertação. .

NOME DO ORIXÁ	COR	REINO	SAUDAÇÃO
Oxalá	Branco	Orixá pai de todos, presente em tudo	Êpa Babá Salve nosso Pai Oxalá!
Ogum	Vermelho	A estrada, o caminho, a estrada de ferro	Ogum iê! Patacori Ogum!
Iemanjá	Azulão	O mar	Odoci Iabá, minha mãe! Odoyá!
Xangô	Marrom	A pedreira	Kaô Kabecile! Kaô, meu pai Xangô!
Inhasã	Amarelo	O vento e as tempestades	Epahey Oyá! Epahey Inhasã!
Oxosse	Verde	As matas	Oke arô Odé maior! Oke arô Oxosse!
Oxum	Azul claro	As cachoeiras	Chora aiê êo Oxum!
Nanã	Roxo	O mangue	Saluba Nanã!
Obaluaê/Omulu	Preto e amarelo/preto e branco	Calunga ¹¹¹ Grande e a Calunga Pequena	Atotô, meu pai! Atotô ajuberô!

111 Calunga = cemitério

Apêndice B

Entidades e falanges da Umbanda: Informações complementares a citações da dissertação. .

NOME DO ORIXÁ	COR	REINO	SAUDAÇÃO
<p>Pretos velhos e Pretas velhas</p>	<p>Preto e branco</p>	<p>Cruzeiro das almas</p>	<p>Adorei as almas!</p>
<p>Exu</p>	<p>A cor relacionada a entidade vai depender do seu reino de atuação e ponto de força.</p> <p>As cores mais comuns são:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Preto e vermelho: geralmente associada ao povo da encruzilhada ➤ Preto e branco: mais comumente relacionada ao povo das almas ➤ Roxo ou roxo e preto: liga ao povo da calunga ➤ Vermelho ➤ Preto 	<p>Encruzilhada Calunga Catacumba Cruzeiro Estrada Cabaré</p>	<p>Alarô Exu! Exu é mojubá!</p>
<p>Pombogiras</p>	<p>A cor relacionada a entidade vai depender do seu reino de atuação e ponto de força.</p> <p>As cores mais comuns são:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Preto e vermelho: geralmente associada ao povo da encruzilhada ➤ Preto e branco: mais comumente relacionada ao povo das almas ➤ Roxo ou roxo e preto: liga ao povo da calunga ➤ Vermelho: Povo do Cabaré ➤ Preto ➤ Dourado ou amarelo ouro 	<p>Encruzilhada Calunga Catacumba Cruzeiro Estrada Cabaré</p>	<p>Salve as pombogiras!</p>
<p>Malandros</p>	<p>A cor relacionada a entidade vai depender do seu reino de atuação e ponto de força.</p> <p>As cores mais comuns são:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Vermelho e branco 	<p>Lapa Morro Encruzilhada Calunga Catacumba Cruzeiro Estrada</p>	<p>Salve a Malandragem!</p>

	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Preto e vermelho ➤ Preto e branco ➤ Vermelho ➤ Preto 	Cabaré	
Crianças	Azul e rosa	Jardim e todos os reinos dos orixás	Oni Ibejada!
Caboclos	Verde Verde e branco	Existem caboclos nos diversos reinos dos orixás	Oke caboclo!

Em todas essas relações de simbologia e ritualística há peculiaridades de acordo com a identidade, história e a individualidade de cada espírito. As informações aqui apresentadas configuram resumo a fim de subsidiar mais amplamente o leitor no entendimento de referências realizadas ao longo desta dissertação.

Apêndice C Pontos que dão título a capítulos e seções da dissertação na íntegra

1 - Ponto para Seu Tranca Rua das Almas

Autor: *Jocemar Machado*

Eu andava pela rua
Encontrei seu Tranca Ruas
Que me ensinou a caminhar, caminhar
Foi numa noite linda
No clarão da lua
Era noite de Luar

Eu quero caminhar
Eu quero caminhar
Pela estrada dessa vida
Em busca dos meus caminhos
Eu quero caminhar

2- Ponto de Exu Tranca Ruas

Quando passar, na encruzilhada
Só não se esqueça de olhar para trás
Olha que lá, tem morador
Seu Tranca Rua é quem mora lá

Ele já foi padre, já rezou missa
Foi batizado e hoje é satanás

3- Hino da Umbanda

Refletiu a Luz Divina
Com todo seu esplendor
Vem do reino de Oxalá
Aonde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para nos iluminar

Umbanda é paz e amor
Um mundo cheio de Luz
É força que nos dá vida
E a grandeza nos conduz

Avante, filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá

Levando ao mundo inteiro

A bandeira de Oxalá

4- Ponto para todos os Orixás

Autor: Jocemar Machado

Eu vi uma luz brilhar
Era o nosso Pai
Que veio para nos mostrar
Caminhos que a Umbanda nos conduz
Aiê eu Oxum
Odoiá Iemanjá
Saluba Nanã
Epahei Inhasã
Que linda a espada de Ogum
Que com sua força,
Se une a Xangô
Oxossi da matas virgens,
Seus olhos brilham num sorriso de criança
Atotô meu Pai, seus filhos vivem cheios de esperança
Ossanha Rainha das flores, seus campos lindos neste mundo de dor
Salve os Pretos Velhos
Que com humildade sempre nos dá muito amor
Vejam quanta beleza, neste canto de louvor

5- Ponto para Mulambo

Autor: Jocemar Machado

Mulher, Maria Mulambo, rainha mulher
Você me devolveu a minha fé
E nesse mundo de ilusão
Você sempre me estende a sua mão

6- Ponto de preto velho e preta velha

Vem tomar benção criança que velho
Vem tomar benção crinaça que velho vai caminhar
É devagar, é devarinho
É devagar, é devarinho
Quem caminho com preto velho nunca fica no caminho